




O Mandamento Esquecido:
"Sejam Santos"!

William MacDonald

O Mandamento Esquecido:
"Sejam Santos!"

William MacDonald



O Mandamento Esquecido:
"Sejam Santos!"

William MacDonald



ACTUAL
EDIÇÕES

Caixa Postal 1688
90001-970 • Porto Alegre/RS • BRASIL
Fone: (51) 3241.5050 • Fax: (51) 3249.7385
www.chamada.com.br • pedidos@chamada.com.br

Traduzido do original em inglês:
The Forgotten Command: BE HOLY
John Ritchie – Christian Publications
Kilmarnock, Scotland. - ISBN 0 94351 37 6 -

Tradução: Eunice Rute Silva
Revisão: Traudi Federolf, Sérgio Homeni, Ione Haake,
Célia Korzanowski, Arthur Reinke
Edição: Arthur Reinke
Capa e Layout: Raquel Lima, Roberto Reinke

Passagens da Escritura segundo a versão Almeida Revisada e Atualizada
SBB (ARA), exceto quando indicado em contrário: Nova Versão
Internacional (NVI), Almeida Corrigida e Revisada Fiel (ACF), ou
Almeida Revista e Corrigida (ARC).

Todos os direitos reservados para os países de língua portuguesa.
Copyright © 2011 Actual Edições

R. Erechim, 978 – B. Nonoai
90830-000 – PORTO ALEGRE – RS/Brasil
Fone (51) 3241-5050 – Fax: (51) 3249-7385
www.chamada.com.br - pedidos@chamada.com.br

Composto e impresso em oficinas próprias

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO DA PUBLICAÇÃO (CIP)

M135m MacDonald, William
O mandamento esquecido : “sejam santos!” / William
MacDonald ; tradução, Eunice Rute Silva. – Porto Alegre :
Actual Edições, c2011.
224 p. ; 13,5 x 19,5 cm.

Tradução de: The forgotten command : be holy.
ISBN 978-85-7720-060-3

I. Cristianismo. 2. Santidade. I. Silva, Eunice Rute. II. Título.

CDU 248.12
CDD 248.4

(Bibliotecária responsável: Nádia Tanaka – CRB 10/855)

Índice

Introdução.....	7
1. Semelhante a Cristo.....	9
2. Fracos Modelos de Cristo	13
3. Pessoas Que Nos Fazem Lembrar Jesus.....	19
4. Por Que Ser Santo?.....	25
5. Quatro Tipos de Santificação	31
6. Toda a Armadura de Deus	37
7. A Parte de Deus - A Nossa Parte	49
8. Como Tornar os Homens Santos	51
9. Princípios da Conduta Cristã	55
10. Vamos Esclarecer os Fatos.....	65
11. Como Vencer – Ser Cheio do Espírito	75
12. Os Dois Reinos.....	93
13. A Anatomia do Pecado e do Arrependimento	105
14. A Área da Pureza Moral	111
15. Deus Chama a Homossexualidade de Pecado	121
16. Consciência, o Árbitro Interior	127
17. Como o Homem Pensa	131
18. A Meditação Certa.....	141
19. Domando a Língua	149
20. Perdoa-nos a Maledicência	157
21. O Teste do Temperamento.....	161
22. O Que Devo Vestir?	165

23. Dizer a Verdade	169
24. Dilemas Morais.....	173
25. Senhor, Quero Submeter-me a Ti	177
26. Digam Não às Substâncias Nocivas	185
27. Jogo, o Grande Roubo	193
28. O Controle da Natalidade	199
29. Política	203
30. Egocentrismo, a Traição Dentro de Nós.....	209
31. Guarde Tempo Para Ser Santo	215
32. Palavras Finais	219
33. Notas	221



Introdução

Cresce assustadoramente o número de pessoas que, após confessarem sua fé em Cristo, retornam para a vida anterior. Muitos parecem ter experimentado o novo nascimento e iniciam uma trajetória cristã promissora. No entanto, em sua caminhada, esbarram no pecado e caem, perdendo o rumo completamente. Certamente nem todos os que dizem ser cristãos são genuinamente salvos, e também entre os que demonstram um testemunho cristão verdadeiro o percentual de perdas é alarmante.

Muitas vezes um simples caso consegue afastar uma pessoa do caminho pelo resto de sua vida. Apesar de ter se arrependido e confessado seu pecado, ela desde então se sente sufocada sob uma nuvem. Considera-se inapta para servir. Seus lábios estão fechados para testemunhar. Ela vive considerando-se rejeitada. Há muitas pessoas assim nas nossas igrejas.

Mas não precisa ser assim! Existe o perdão de Deus. Uma ave que teve a asa fraturada **pode** novamente voar tão bem como antes. Deus **pode** recuperar os anos que os gafanhotos devoraram. O problema parece ser que muitos nunca aprenderam a lidar com o perdão. Eles confessam seus pecados mas não crêem na Palavra de Deus, de que eles realmente foram perdoados. Talvez eles não **sentem** que foram perdoados. Ou, talvez, sabem que foram perdoados, mas não conseguem perdoar a **si mesmos**. Desse modo, seguem pela vida como cristãos derrotados.

Este livro foi escrito para ajudar essas pessoas. Mas também destina-se a prevenir os crentes, para que nunca venham a chegar a essa situação. A experiência é uma escola difícil. Se estivermos dispostos a aprender diretamente da Palavra de Deus, então não teremos necessidade de freqüentar essa es-

cola. Através da simples obediência à Bíblia, o cristão pode conhecer todas as bênçãos de uma vida santa e evitar as conseqüências dolorosas do pecado. Por que deveríamos aprender, através da vergonha e da desgraça, aquilo que é tão óbvio para quem investe tempo estudando a Bíblia?



Capítulo 1

Semelhante a Cristo

A MAIS honrosa descrição de caráter que se pode fazer é dizer que alguém é **semelhante a Cristo**. Para um crente esta é a maior honra e o tributo ideal. Não há maior ambição do que querer ser como o Senhor Jesus.

Henry Drummond disse: “Ser como Cristo é tudo o que vale a pena desejar, aquilo perante o qual toda a ambição humana é loucura. É vão nos contentarmos e nos acomodarmos a uma posição inferior”.

Ser como Cristo, ser como Cristo
Tudo o que peço é ser como Ele,
Em toda a viagem da terra à glória
Tudo o que peço é ser como Ele.
(Anônimo)

É claro que deve ser gratificante ser extremamente talentoso, ensinar ou pregar de tal modo que todos os corações sejam tocados e movidos sob a influência da Palavra. Mas ser semelhante a Cristo é melhor do que qualquer dom, e sem esta característica, um dom é como o soar de um gongo ou como o badalar de um sino. É possível ser alguém dotado no púlpito e ser um perfeito rabugento em casa. Um dom é um favor soberano concedido por Deus à vida de uma pessoa, mas a graça pessoal é algo que temos a responsabilidade de desenvolver através do poder do Espírito Santo.

Há muitos que aspiram ser grandes ganhadores de almas. De fato, hoje em dia, este ministério é tão popular, que é defendido como se fosse o objetivo da nossa criação. O resultado é termos pessoas que se afadigam numa evangelização pessoal esgotante, enquanto que as suas próprias vidas fazem a fé cristã parecer muito pouco atraente e convincente. Quando Jesus disse: "Sigam-me e farei de vocês pescadores de homens", Ele mostrou a ordem e a prioridade perfeitas. A nossa responsabilidade é segui-LO, ou seja, viver como Ele viveu. A Sua responsabilidade é fazer de nós pescadores de homens. Ganhar almas é um acontecimento natural quando se é semelhante a Cristo.

A prioridade divina

O grande objetivo de Deus em relação ao Seu povo é torná-lo semelhante à imagem do Seu Filho. Jesus agrada tanto ao Pai, que Deus quer encher o Céu com outros semelhantes a Ele. Quando nos encontrarmos com Ele, seremos imediatamente transformados à Sua imagem e semelhança.

Mas, Deus será mais glorificado, se o processo já tiver sido iniciado antes.

Carole Mayhall deu-nos duas ilustrações valiosas desse processo. A primeira é a de uma mulher verdadeiramente obesa que começou um programa de controle de peso.

A primeira coisa que fizeram foi desenhar num espelho uma silhueta com as medidas que ela ansiava ter. Quando ela ficou em frente ao espelho, toda a sua figura como que transbordava para fora da silhueta e o instrutor disse-lhe: "O nosso objetivo é fazê-la ficar igual a esta forma". A mulher fez dieta e ginástica durante muitas semanas, e cada semana, comparava-se com a forma do espelho, mas o seu volume, apesar de diminuir, ainda ultrapassava as medidas da silhueta. E assim, ela exercitou-se cada vez mais e fez dietas cada vez mais restritas. Finalmente, um dia, para felicidade de todos, ao comparar-se com o espelho verificou que as suas

medidas estavam perfeitamente coincidentes com a imagem da silhueta.

A segunda ilustração é a de um escultor que esculpiu um leão partindo de um bloco de granito bruto. Ao perguntarem-lhe como tinha realizado tal obra de arte, apenas replicou que se tinha limitado a retirar do granito tudo o que não parecia fazer parte do leão.

Nas páginas seguintes, iremos descrever o objetivo de Deus que é o de esculpir as nossas vidas até que a imagem do Homem apareça nelas. Ao continuarmos a ler, que a nossa oração seja:

Que seja visto que Contigo tenho estado,
Jesus, meu Senhor e Salvador;
Que pelas minhas palavras e meu agir
se saiba que sou completamente Teu.



Capítulo 2

Fracos Modelos de Cristo

CADA crente deve representar o Senhor Jesus aqui na Terra, devendo ser uma cópia do Salvador e mostrar Cristo ao mundo. Essa é uma tremenda responsabilidade.

Nós somos membros do corpo de Cristo. O corpo é o veículo através do qual uma pessoa se exprime. O corpo de Cristo, a Igreja, é o veículo pelo qual Ele deseja revelar-Se ao mundo.

Assim, uma questão é levantada a cada um de nós: “Que tipo de imagem de Cristo ofereço ao mundo?” E devemos perguntar a nós mesmos:

Se a única visão que têm de Cristo
É o que vêem dEle em ti,
Minha alma, o que vêem eles?

Alguém explicou: Deus tem um sobrenome. Ele foi chamado o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó. Ele não se sentia envergonhado de ser o Deus destes homens (Hb 11.16b). Como é que Deus se sentiria se tivesse o meu nome como o Seu sobrenome?

Charles Swindoll disse:

Quer queiramos quer não, o mundo observa-nos com a atenção de uma gaivota que espreita um camarão em águas pouco profundas. O crente... está sob vigilância constante. Este é o nosso problema ocupacional número um. E quando falamos do nosso Salvador e da vida que Ele nos oferece,

tudo o que dizemos é filtrado através daquilo que os outros observam em nós.

Ferido em casa dos seus amigos

O triste fato é que Cristo tem sofrido bastante devido às vidas daqueles que professam ser Seus discípulos. Ele tem sido ferido até na "casa dos Seus amigos."

James Spink disse:

A causa do Cristianismo tem sido mais prejudicada pelo seus seguidores do que pelos seus oponentes, porque o mundo compara freqüentemente a profissão de fé de um cristão com a prática da mesma. Dizem, com uma certa razão, que se o Cristianismo é aquilo que nós defendemos ser, então as nossas vidas deveriam ser diferentes.

Hudson Taylor concordou:

A incongruência dos cristãos, que ao professarem que crêem na sua Bíblia mas se sentem felizes em viver como se tal Livro não existisse, tem sido um dos maiores argumentos para a discussão dos meus companheiros mais céticos.

Não é difícil encontrar ilustrações para a forma como o Senhor é freqüentemente tão mal representado. Recentemente, vi uma camionete com dois adesivos no pára-choque traseiro. Um dizia: "Eu amo Jesus". No outro podia ler-se: "Se bates no meu carro, acabo contigo". Aparentemente o dono do carro não podia ver a contradição gritante dos dois sentimentos.

Por exemplo, George Duncan conta a seguinte história do mundo dos negócios: Um negociante... tinha participado de um programa cristão de rádio na noite anterior, e uma das suas funcionárias o tinha ouvido. Na manhã seguinte, ele estava de

muito mau humor, as coisas não estavam correndo bem, e a funcionária acabou sendo vítima do mau humor do patrão. Ao sair do escritório ela comentou com uma colega que entrava: “Está certo... Venham a Jesus no domingo à noite e vão para o Diabo na segunda-feira de manhã.”

Quando um homem de negócios cristão não cumpriu o que havia prometido, um concorrente perguntou-lhe: “A que igreja você pertence?” Ele respondeu: “A minha igreja não tem nada a ver com esse assunto. Isso é negócio”. Pode ter levado vinte anos dando um bom testemunho, mas destruiu-o em vinte segundos.

Quando um famoso ator ou atriz relata que “nasceu de novo”, a notícia é transmitida por todos os meios de comunicação disponíveis. Mas, da mesma forma, também são transmitidas as notícias de que ele, ou ela, não abandonaram completamente o seu modo de vida anterior, quando aparecem num filme de baixo nível, tornando evidente que Cristo não fez diferença na sua vida.

E os “músicos cristãos” com a sua atuação teatral, sugestiva linguagem corporal, letras muito duvidosas e música que imita a do mundo: Será isto Cristianismo? Ou será uma paródia, uma imitação ridícula?

Um criminoso declarou ter-se convertido numa grande campanha evangelística. A notícia espalhou-se imediatamente, mas ele continuou com as suas atividades criminosas, contatando com o sub-mundo do crime. Quando alguém o confrontou com essa caricatura de Cristianismo, ele disse: “Nunca me foi dito que por dizer sim a Jesus, eu tinha de voltar as costas à minha vida anterior. Não entendo, há jogadores de futebol cristãos, há “cowboys” cristãos, há políticos cristãos. Por que não pode haver um criminoso cristão?” Desde ali ele abandonou o Cristianismo.

Depois, temos as personalidades cristãs da televisão, de roupas caras, cabelos perfeitos, cobertas de jóias, pintadas como Jezabel. É desta maneira que Jesus é apresentado, tão diferente do meu amigo pobre de Nazaré.

Um negócio rendoso

Não convém, também, esquecer alguns pregadores de rádio ou de televisão, que levam a vida angariando dinheiro e vivem em casas suntuosas, viajam em automóveis e aviões caríssimos. Nunca demora muito para que um repórter exponha todo o jogo tal como é, e que o Cristianismo fique, de novo, prejudicado.

Foi noticiado que um dos pregadores favoritos da América vivia numa mansão de muitas salas, remodelada como o Palácio de Versalhes, com fabulosos jardins, estábulos e lagos. Outro comprou uma mansão de meio milhão de dólares em Los Angeles, a que a sua esposa se referiu como sendo um cantinho para fugir à rotina. Um Rolls Royce também foi adicionado à sua frota de Mercedes e Jaguars.

É constrangedor verificar o número de líderes cristãos que, ao atingirem os pináculos do poder cristão, acabaram nas manchetes dos escândalos sexuais. Alguns desapareceram com as secretárias particulares e divorciaram-se das suas esposas. Quantas mulheres cristãs, bem conceituadas, deixaram seu lar e marido para viver com outro homem? O mundo evangélico realmente está necessitando de uma limpeza profunda.

Quantas vezes Cristo é difamado por "políticos cristãos" de linguagem vulgar, compromissos duvidosos, associações obscuras? É incalculável a desonra causada ao nome de Jesus.

Talvez se devesse mencionar também os prisioneiros famosos que proclamam ter sido salvos. Através de uma forte representação dos crentes, um juiz duvidoso e relutante concorda em libertá-los. Algumas organizações cristãs aproveitaram-se deles colocando-os como pregadores itinerantes (para arranjar mais fundos financeiros para a organização). Pouco tempo depois estes homens caem novamente na criminalidade e são detidos. Estudantes cristãos que colam nos exames, donas de casa que discutem com os vizinhos, pessoas que são mal-educadas e impacientes desonram a Palavra de Deus.

Todo o comportamento que não reflita o caráter de Cristo fará com que os seus inimigos se manifestem e blasfemem. Todo o mau exemplo fará os descrentes dizerem: “Aquilo que tu és fala tão alto que abafa o que dizes”. Foi este tipo de conduta que levou John MacArthur a dizer: “Penso que Jesus tinha muito mais classe que muitos dos seus representantes”.

Uma vez, um soldado apresentou-se a Alexandre o Grande por ter desobedecido a ordens:

- “Como te chamas?” perguntou Alexandre.
- “Alexandre,” respondeu o soldado com acanhamento.
- “Alexandre? Ou mudas de nome ou de comportamento!” ordenou o grande chefe militar.

Aqueles, dentre nós, que defendem o título de *cristão*, têm obrigação de agir em conformidade com ele. “É contraditório alguém dizer que crê, e agir como se não cresse.” (H.G.Bosh).

Certa vez, em conversa com Mahatma Gandhi, E.Stanley Jones disse:

“Estou ansioso por ver o Cristianismo naturalizado na Índia, para que não seja mais uma coisa estrangeira identificada com um povo estrangeiro e um governo estrangeiro, mas para que faça parte da vida nacional da Índia e que o seu poder contribua para o crescimento e redenção deste país. O que é que sugere que façamos para que isso se concretize?” Gandhi pensativa e gravemente respondeu: “Eu sugeria... que todos vocês, cristãos... começassem a viver mais à semelhança de Jesus Cristo. Em seguida, sugeria que praticassem a vossa religião sem a adular ou depreciar. Por último, sugeria que dessem mais valor ao amor, porque o amor é o centro e a alma do Cristianismo”.

Atribui-se a Gandhi ter dito: “Eu teria sido um cristão se não fossem os cristãos.”

Brian Goodwin conta-nos sobre um jovem chinês que fora educado por um missionário numa escola cristã. Ele admirava o seu professor e, anos depois, ao saber que este tinha voltado à cidade, tentou entrar em contato com ele no hotel onde o professor se encontrava hospedado. *No entanto, recusaram-se a anunciá-lo ao missionário e expulsaram-no do hotel.* “Então é assim que os cristãos agem,” murmurou o jovem ao afastar-se. Todos os anos de cuidado e atenção que tinha recebido do seu professor missionário foram anulados por aquela grande humilhação. O nome deste jovem era Mao Tse-tung.

Bem, estas foram as más notícias. Graças a Deus que a história não acaba aqui.



Capítulo 3

Pessoas Que Nos Fazem Lembrar Jesus

NO CAPÍTULO anterior vimos como os cristãos verdadeiros, e os que o são só de nome, freqüentemente apresentam ao mundo uma imagem deturpada do Salvador. É bastante desanimador. Graças a Deus que também existe o reverso da moeda. Há homens e mulheres que transmitiram uma imagem fiel do Filho de Deus a todos os que os rodearam.

Lembro-me de um dos meus alunos e também amigo que estava à beira da morte por um melanoma. Apesar disso o seu quarto era como a entrada do Céu. Quando uma das enfermeiras foi visitá-lo, ela disse: “O Robert faz-me lembrar Jesus”.

Robert C. Chapman colocou humildemente diante de si o seguinte alvo: “Visto que tantos pregam a Cristo e tão poucos vivem como Cristo, o meu objetivo será viver como Cristo”. Mais tarde, John Nelson Darby disse de Robert C. Chapman: “Ele vive aquilo que eu ensino”.

Um amigo disse, referindo-se a William Arnot: “A sua pregação era boa, aquilo que escrevia ainda era melhor, mas o melhor de tudo era a sua vida”.

Quando Sadhu Singh, um *sikh* convertido, tocou a campanha de uma casa cristã, a criada abriu a porta e em seguida correu para a sua patroa dizendo, entusiasmadamente, que Cristo tinha chegado. Numa outra casa ele causou muito boa impressão às crianças, ao brincar com elas no chão. Mais tarde, os meninos perguntaram à mãe se Jesus podia colocá-los na cama

naquela noite. O seu biógrafo disse: "Eles estavam apenas expressando em palavras os pensamentos de todos aqueles que o conheceram. A sua semelhança com Cristo era igualada pela gentileza e autoridade da sua conduta e espírito".

Um homem como Jesus

Numa biografia de Robert Murray McCheyne, James A. Stewart escreveu:

Podia-se notar a santidade do Sr. McCheyne mesmo sem ele proferir palavra; a sua aparência falava por si. Houve um ministro do norte da Escócia com quem ele passou a noite. Este homem ficou tão maravilhosamente impressionado com ele que, quando o Sr. McCheyne saiu do quarto, ele rompeu em lágrimas e disse: " Nunca tinha visto um homem tão semelhante a Jesus".

Num outro local, Stewart acrescenta:

McCheyne passava horas em santa comunhão no santuário, em louvor e adoração, banhado pelo Amor do Calvário. Ao sair da presença de Deus, deixava atrás de si a fragrância de Cristo quando fazia visitas de casa em casa. Ao percorrer as ruas da sua cidade - ou em qualquer lugar no Reino Unido - todos ficavam maravilhados com o seu rosto e a imagem de Jesus que transmitia.

Sally Magnusson escreve que Eric Liddell, o grande corredor e missionário escocês, era como o seu Senhor quando foi encarcerado num campo de concentração japonês:

O que estas pessoas não conseguem entender é a forma como ele viveu o seu Cristianismo. Aqui no campo Eric é descrito como a figura de Cristo, da mesma forma como o foi entre os chineses em Siaching. Ele conversa e ajuda a pros-

tituta e o negociante desprezado; ele recolhe carvão para os mais fracos e ensina os jovens; está pronto para vender o seu relógio de ouro e rasga os lençóis para conseguir tacos de hóquei. No entanto, é ainda o mesmo Eric... parecendo um homem qualquer sem ser nada de especial.

No seu livro “O Último Inimigo”, Richard Hillary confessa com toda a franqueza, ter-se sentido um tanto aborrecido e desafiado por Peter Pease, um colega piloto – cristão convicto e o melhor homem que já tinha visto. A sua maior ambição era um dia apanhá-lo sozinho, atacá-lo sem piedade e destroçar aquela fé em pedaços. A oportunidade chegou quando viajaram juntos num compartimento do comboio de Montrose para Edimburgo. Olhou a sua vítima bem nos olhos e disse: “A tua religião é falsa, um resquício hereditário, nada mais que um hábito da sociedade”. Peter abriu a boca, balbuciou alguns protestos indistintos, silenciando-se em seguida, esmagado pelo fluxo de palavras do seu opositor. Mas Hillary sabia que, na realidade, já tinha perdido a discussão, pois havia um fato que não conseguia explicar: o caráter de Peter. Este homem e a sua religião estavam tão intensamente interligados que desafiavam a lógica.

Foi isso que J.H. Jowett escreveu:

Os homens podem ultrapassar-vos na sutileza da argumentação. Podeis ser facilmente derrotados pelos argumentos intelectuais, mas os argumentos de uma vida redimida são incontestáveis. “Ao ver o homem que tinha sido curado estando no meio deles, nada puderam dizer”.

R.W. DeHaan escreveu:

Pouco tempo depois de ter chegado ao campo de trabalho, um missionário falava pela primeira vez a um grupo de aldeãos, tentando apresentar-lhes o Evangelho. Ao descrever Jesus Cristo, O apresentou como um homem compas-

sivo, amável, interessado, cheio de amor, alguém que vivia fazendo o bem. Enquanto falava, notou que as suas palavras produziam sorrisos de familiaridade na assistência, à medida que as pessoas acenavam a cabeça, concordando. Um pouco confuso, interrompeu para perguntar: "Sabem de quem estou falando?" Um dos aldeãos respondeu rapidamente: "Sabemos. Você fala de um homem que costumava vir aqui". Começaram então a contar-lhe de um médico missionário que tinha vindo até àquela remota aldeia para os auxiliar nas suas necessidades físicas. A sua vida tinha sido tão semelhante a Cristo, no cuidado pelo povo, que tinham visto nele o Senhor Jesus. Este homem era verdadeiramente um exemplo de semelhança com Cristo.

Sir Henry M. Stanley disse:

Fui para África tão cheio de preconceitos contra a religião como o pior infiel de Londres. Para um repórter como eu, que tinha de lidar com guerras, manifestações e reuniões políticas, os assuntos sentimentais estavam fora dos meus pensamentos. Tive, então, muito tempo para reflexão. Na África estava fora do mundanismo do mundo. Vi o solitário velho David Livingstone, e perguntei a mim mesmo: "O que é que o faz ficar num lugar destes? O que é que o inspira?"

Meses depois de nos termos conhecido, comecei a ouvi-lo, confuso por causa do homem que proferia as palavras: "Deixai tudo e Segui-Me". Mas, pouco a pouco, ao ver a sua compaixão, a sua bondade, o seu zelo, a sua seriedade, a forma modesta como conduzia a profissão, converti-me através dele, apesar de ele nunca me ter forçado a isso.

R.C. Sproul relata-nos uma vez que Billy Graham jogou golfe com o Presidente Gerald Ford, Jack Nicklaus e outro profissional. Mais tarde, o último queixou-se a um amigo que não precisava que Billy Graham o sufocasse com religião. Depois, dirigiu-se para o campo e deu vazão à sua fúria

vingando-se num balde de bolas de golfe. O amigo seguiu-o e perguntou-lhe: “Billy foi muito insistente contigo?” O outro suspirou e respondeu embaraçado: “Nem sequer falou de religião”. Sproul explica: “Surpreendentemente Billy Graham não tinha sequer falado de Deus, Jesus, ou religião, no entanto, após o jogo o jogador saiu do campo visivelmente irritado, acusando Billy Graham de tê-lo sufocado com religião. Que acontecera? Simplesmente o seguinte: o evangelista tinha refletido de tal maneira ser semelhante a Cristo, que a sua presença fizera o outro sentir-se desconfortável”.

Um dia, quando missionários na Índia recebiam a visita do seu colega missionário Silas Fox, uma vizinha hindu entrou, foi apresentada ao Sr. Fox, conversou brevemente com ele e partiu. Depois de o primeiro ter saído, esta mulher entrou apressadamente e disse entusiasmada: “Eu vi Deus na sua face”. Ela, que acreditava em tantos deuses, tinha visto o único Deus verdadeiro na face de Silas Fox.

No entanto sabemos que a santidade não sobrevém às pessoas sem qualquer esforço. Ela envolve a vontade humana. Os crentes devem querer ser santos, e devem disciplinar-se e motivar-se para esse objetivo. E assim fica a pergunta: “O que é que leva os homens a querer a santidade?”

Continuem a ler!

Por Que Ser Santo?

Por que razão um crente deseja ser mais santo? Por que razão o seu hino temático é: “Mais de Cristo quero ser”? Por que razão ele anseia com paixão ser semelhante a Cristo?

Bem, primeiramente, é uma inclinação originada durante a conversão. Nessa ocasião ele recebe um novo ódio pelo pecado e um novo amor pela pureza. O Espírito Santo que nele habita anseia por produzir um caráter santificado. A nova natureza manifesta-se pelo forte desejo de ser vitorioso na vida pessoal.

Mas, além desta, há outras razões muito fortes para um cristão desejar a santidade, para resistir à tentação do mundo, da carne, e do Diabo.

Uma das piores consequências do pecado é trazer a desonra ao nome do Senhor Jesus. O mundo exterior tem razão quando associa o discípulo com o seu Mestre. Se o discípulo pecar, as pessoas acusam o Mestre, arrastando o Seu nome na lama. Os comportamentos vergonhosos ficam, mentalmente, associados a Jesus. Em 1987, quando um pregador da televisão se envolveu num escândalo sexual, o maior ateu do país disse que era “só mais um exemplo de que a religião era apenas um jogo sujo, feio e mau”. Devido aos seus pecados de adultério e assassinio, Davi trouxe intermináveis blasfêmias sobre o nome do Senhor (2 Sm 12.14). Vítor Jack enumerou quatro coisas que desapareceram quando Davi pecou: entristeceu o Senhor – *“isto que Davi fizera foi mau aos olhos do SENHOR”* (2 Sm 11.27); desapareceu a paz do coração de

Davi – *"Pequei"*; a estabilidade do trono de Davi foi abalada – *"não se apartará a espada jamais da tua casa"*; desapareceu o seu testemunho perante o mundo – *"deste motivo a que blasfemassem os inimigos do SENHOR"*.

Outro motivo para a santidade é a memória de quanto os nossos pecados custaram ao Salvador (1 Pe 2.24). Nenhum crente sério gostaria de continuar com aquilo que pregou o Filho de Deus à cruz. Se foi necessário o derramamento do Seu sangue para pagar a penalidade do pecado, como é que os Seus seguidores podem tolerar ou desculpar a iniquidade?

O amor de Cristo por nós deveria constranger-nos a viver em pureza. Ele amou-nos quando ainda éramos inimigos de Deus. Demonstrou o Seu amor ao pagar um preço incalculável para nos redimir. Deu-nos tudo o que era necessário para termos uma vida de piedade. Ele não nos poderia amar mais do que já ama. Passar a ponte e voltar à nossa vida anterior é uma resposta miserável a esse amor.

Com facilidade nos esquecemos daquele que é chamado o mandamento esquecido: *"...sereis santos, porque eu sou santo"* (Lv 11.44b). Pedro não nos deixa nenhuma dúvida (ver 1 Pedro 1.16): este mandamento, apesar de ser encontrado no Antigo Testamento, ainda é importante atualmente. O padrão de santidade de Deus ainda está em vigor hoje em dia. O padrão de santidade de Deus é Ele próprio, e todos os que já tenham olhado cuidadosamente para o Seu Filho têm que admitir que Ele é o modelo padrão.

O pecado destroça o coração de Deus

O nosso amor por Cristo deve levar-nos a desejar ser vasos puros, prontos para o Seu uso. Se realmente O amarmos vamos querer agradar-Lhe. O pecado não só transgredir a Sua lei como também destroça o Seu coração, pois a santidade agrada-Lhe sobremaneira. Jesus disse: *"Se me amais, guardareis os meus mandamentos"* (Jo 14.15). Aqui vemos que a santidade é um mandamento (1 Pe 1.15-16; Hb 12.14).

Quando pecamos fazemos outros tropeçarem. Quando os descrentes vêem um crente cair, concluem que o Evangelho, no final de contas, não faz nenhuma diferença na vida de uma pessoa e voltam-lhe as costas, não só decidindo não seguir o Senhor, mas ainda ridicularizando vivamente a fé cristã. Mark Twain não aceitou o Cristianismo por ouvir os cristãos relevando a escravidão, usando linguagem imprópria e aderindo a negócios escusos. Maomé recebeu o conceito de um verdadeiro e único Deus de judeus e cristãos, mas as suas vidas decepcionaram-no. Brian Goodwin comenta: “Um pouco mais de amor por Cristo e pelo próximo poderia ter mudado o curso da História em relação ao que se tornou o mundo muçulmano”.

Quando pecamos, perturbamos outros crentes, eles ficam desapontados e desencorajados. O pecado magoa aqueles que confiaram em nós, quer seja a família ou a igreja. A nossa família tem que suportar mágoa e vergonha. A nossa igreja local recebe publicidade indesejada quando o nosso pecado é público, mas mesmo o pecado oculto fará diminuir a espiritualidade e a eficiência da igreja. Um novo crente sente-se traído e destruído quando aquele que o levou a Cristo se desvia. Quantas vezes os cristãos foram guardados de tropeçar, por se lembrarem repentinamente da imagem de amigos crentes que sempre os apoiaram!

A vida de santidade é a melhor – para o espírito, para a alma e para o corpo. É a melhor para a saúde física e emocional. Poupa-nos de remorso, culpa, vergonha e muitas formas de doença. Leva-nos perpetuamente a uma plenitude de alegria e delícias (1 Jo 1.4; Sl 16.11). Uma vez um rapazinho saiu de uma reunião com um ar triste, e alguém lhe perguntou o que tinha acontecido. Ele respondeu: “É difícil estar feliz e ser santo ao mesmo tempo”. Mas a verdade é que sem santidade não há verdadeira felicidade. A percepção constante de que o nosso corpo é o templo do Espírito Santo devia motivar-nos a que nos purifiquemos “...de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus” (2 Co 7.1). Nunca deixemos de nos maravilhar com

a idéia de que um dos membros do Deus trino habita permanentemente em nós e é o nosso Companheiro constante.

"Pois o exercício físico para pouco é proveitoso, mas a piedade para tudo é proveitosa, porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser" (1 Tm 4.8)

A piedade tem *"a promessa da vida que agora é e da que há de ser" (1 Tm 4.8)*. Esta é a melhor preparação para a eternidade. Um dia, talvez em breve, iremos ver o Senhor Jesus. Vamos ficar perante o Seu Tribunal. Isto significa que devemos viver agora, tendo em vista esse maravilhoso acontecimento futuro que nos inspira temor e respeito. Ao viver assim, vamos levar uma vida de santidade.

O pecado sela os lábios

A santidade dá liberdade para servir o Senhor, enquanto que o pecado sela os lábios. A culpa e a sensação de se sentir indigno, que acompanham sempre o pecado não confessado, paralisam qualquer um. Esse homem não goza da liberdade do Espírito. O seu testemunho é temporariamente destruído, e a sua credibilidade posta em questão.

A santidade dá confiança na oração. *"Amados, se o coração não nos acusar, temos confiança diante de Deus; e aquilo que pedimos dele recebemos, porque guardamos os seus mandamentos e fazemos diante dele o que lhe é agradável" (1 Jo 3.21, 22)*. O outro lado desta moeda é que, se guardarmos iniquidade nos nossos corações, o Senhor não nos ouvirá (Sl 66.18). O pecado interrompe a linha da oração.

O pecado também corta a comunhão com Deus. Pode não parecer muito importante, mas é. O crente que segue ao Senhor de longe, encontra-se em perigo constante. Ele pode tomar uma decisão, começar um relacionamento, ou render-se à tentação que o afastará e lançará uma nuvem negra sobre o resto da sua vida.

Temer a Deus é uma motivação bastante poderosa para a santidade. A expressão "o temor de Deus" tem sido tão di-

minuída que hoje só significa respeito ou reverência. Talvez tenha chegado a hora de dizer que também significa temor, medo – um temor saudável a Deus, medo de Lhe desagradar, temor da Sua disciplina. Há ainda a considerar que o Senhor visita a iniquidade do pai no filho até à terceira e à quarta geração. Há muitos pais que depois de terem sido infiéis às suas esposas, viveram para ver o seu pecado repetido pelos filhos.

Estas são algumas das razões porque nunca devemos nos descuidar na busca da santidade, e por que devemos nos motivar para crescer à semelhança do nosso abençoado Redentor.

A seguir, vamos examinar com mais detalhes o assunto da santificação. Mas lembremo-nos: a santificação é apenas um sinônimo de santidade.

Quatro Tipos de Santificação

JOE NÃO SABIA, mas ele já tinha sido escolhido pelo Espírito Santo antes de ser salvo. Realmente ele já tinha sido separado antes de ter nascido. Ao crescer, foram acontecendo coisas que, naquela altura pareciam não ter qualquer significado. Contatou com cristãos verdadeiros. Um dia, um estranho entregou-lhe um folheto evangélico. Acidentalmente, sintonizou o rádio num programa evangélico. No local onde trabalhava, um colega havia lhe dado o seu testemunho. Assistiu a uma campanha evangelística que estava sendo transmitida pela televisão. Depois, a sua esposa converteu-se, e o seu lar modificou-se radicalmente. Mais tarde ele iria se aperceber que o Espírito Santo tinha arranjado “coincidências” como elos na corrente que levaria à sua salvação.

Quando Joe finalmente confiou em Jesus como Senhor e Salvador, aprendeu que lhe tinha sido dada uma posição de santificação perante Deus. Deus agora via-o “em Cristo”. Isso significa Cristo sendo agora a sua santidade, e devido a esse fato, ele estava apto para o Céu, não sendo mais um membro do sistema do mundo encabeçado por Satanás. Agora era um membro de Cristo, separado do mundo.

Joe começou a notar algumas mudanças na sua vida. Agora tinha um novo sentimento de ódio pelo pecado e um novo desejo pela santidade. Ainda pecava, mas não da mesma forma como fazia antes. O pecado já não governava a sua vida. Já não pecava com o consentimento de toda a sua vontade, e

quando o fazia, ficava envergonhado até à raiz dos cabelos. Os seus velhos hábitos começaram a desaparecer, a maneira de falar recebeu uma profunda limpeza. Não havia dúvida! Estava crescendo na santidade.

Joe faleceu na terça-feira passada. Ao ver o Salvador face a face deu-se a transformação miraculosa e Joe ficou como Jesus, moral e espiritualmente. Estava liberto de todo o pecado e corrupção para sempre.

Como se explica esta ilustração

Estes quatro capítulos da vida de Joe ilustram os quatro aspectos da santificação encontrados no Novo Testamento. Mas, antes de chegarmos lá, vamos debruçar-nos sobre o significado geral da palavra "santificação".

Santificação é outra palavra para santidade. As duas são traduções da mesma palavra da linguagem original do Novo Testamento, tendo ambas o mesmo significado.

Ser santo, ou santificado, é ser separado, colocado à parte. Esta é a única definição que verdadeiramente satisfaz todos os casos em que essas palavras ocorrem na Bíblia.

É um erro pensar que santificar significa aperfeiçoar, tornar mais perfeito. Isto não poderia ser verdadeiro porque lemos que Jesus se santificou a Si próprio (Jo 17.19) e que devemos santificá-LO no nosso coração (1 Pe 3.15). Ele nunca poderia tornar-se mais perfeito do que já é, e com certeza, nós nunca poderíamos melhorar a Sua perfeição. Mas Ele podia separar-Se para a obra à qual o Pai O tinha chamado, e foi isso que fez, e nós podemos separá-LO na nossa vida como Senhor Soberano e Deus.

A Bíblia usa santificação e santidade tanto para pessoas como para coisas. Os três membros do Deus trino são santos, ou seja, separados de todos os seres criados pela excelência do Seu caráter e conduta (Lv 11.44-45; Jo 10.36; 1 Co 6.19). O Monte Sinai era santificado no sentido de ter sido separado para ser o lugar onde a Lei seria dada (Êx 19.23). No Antigo

Testamento Deus santificou o sétimo dia (Gn 2.3) que foi separado, ou guardado como o dia para descansar do trabalho. Os primogênitos dos homens e dos animais eram santificados ao Senhor (Êx 40.9) e separados como pertencentes a Ele. O Tabernáculo e todo o seu conteúdo eram santificados, ou seja, separados, mantidos à parte para o serviço divino (Êx 19.23). O povo de Israel “santificou-se” para praticar a iniquidade (Is 66.17). Obviamente que não se tornaram mais santos no sentido comum da palavra.

Num certo sentido até mesmo os descrentes podem ser santificados. Por exemplo, “*o marido incrédulo é santificado no convívio da esposa*” (1 Co 7.14). Não significa que a sua salvação esteja assegurada, mas que é mantido à parte, numa posição de privilégio externo só por ter uma mulher cristã. É de grande benefício a influência de um companheiro que crê e que ora.

De tudo isto ficou muito claro que a palavra “separado” cobre todos os usos da santificação.

Agora, voltemos aos quatro aspectos da santificação que aparecem no Novo Testamento. São conhecidos como:

- Santificação da pré-conversão
- Santificação posicional
- Santificação prática ou progressiva
- Santificação perfeita

Santificação da pré-conversão

Todos os crentes foram santificados pelo Espírito Santo antes de serem salvos. Paulo descreve três passos na salvação dos tessalonicenses (2 Ts 2.13).

- A sua eleição por Deus.
- A sua santificação pelo Espírito.
- A sua fé na verdade.

Pedro dá-nos uma lista semelhante em 1 Pedro 1.2:

- Eleição e presciência de Deus Pai.
- Santificação pelo Espírito.

- Obediência a Jesus Cristo.
- Aspersão do Seu sangue.

Em ambos os casos, a santificação surge antes da conversão. O Espírito Santo coloca a pessoa à parte, separando-a para pertencer a Cristo. Depois, essa pessoa obedece à verdade, e o valor do sangue de Cristo aspergido é creditado na sua conta.

Santificação posicional

No momento da conversão de alguém, ele alcança a posição de santificado, ou seja, Deus o vê em Cristo, separado do mundo para Ele próprio (1 Co 1.2). No verdadeiro sentido da palavra, Cristo é a sua santificação (1 Co 1.30).

Todo o crente verdadeiro é um santo; foi separado para Deus. Uma criança definiu um santo como sendo um cristão falecido. Pelo contrário, todo o verdadeiro cristão, vivo ou morto, é um santo. Mas ao mesmo tempo pode ser carnal (1 Co 1.1-2; 3.1,3). Pode estar na posição de santificado, mas não ter um comportamento muito santo. As pessoas santificadas são mais tarde exortadas a serem santas (1 Pe 1.2, 15-16).

Em Atos 20.32, a expressão "*todos os que são santificados*" significa todos os crentes. Em Atos 26.18 o Senhor descreveu o Seu povo como "*os que são santificados pela fé em Mim*". Os coríntios são descritos como tendo sido lavados, "*...santificados... justificados (1 Co 6.11)*". Todas essas passagens se referem à posição de santificados.

Santificação prática ou progressiva

Depois temos a santificação prática que se aplica àquilo que devemos ser nas nossas vidas diárias. Devemos viver vidas de separação do pecado e do mal, separadas para Deus. Sempre que somos exortados a ser santos se faz referência à santificação prática. É deste aspecto da santidade que normalmente falamos.

Jesus referiu-o em João 17.17 quando orou pelos seus: *“Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade”*. Paulo incentivou os coríntios: *“...purifiquemo-nos de toda a impureza tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus”* (2 Co 7:1). Com a mesma idéia Pedro escreveu: *“segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento”* (1 Pe 1.15).

Se ficarmos apartados, seremos inevitavelmente diferentes das pessoas descrentes que nos rodeiam. Muitas vezes esta verdade é difícil de aceitar. Não queremos ser diferentes. Queremos pertencer à multidão. Queremos ser iguais aos que vivem à nossa volta. Mas Deus quer que sejamos diferentes.

“Pois do cimo das penhas vejo Israel e dos outeiros o contemplo: eis que é povo que habita só e não será reputado entre as nações” (Nm 23.9).

Quando Deus chamou Israel, queria que fosse um povo separado, como disse Balaão, *“eis que é povo que habita só e não será reputado entre as nações”* (Nm 23.9b). Ensinou-lhe a verdade da separação sob muitas formas. Não devia semear nos campos semente de mistura (Lv 19.19). Não devia vestir-se de tecidos feitos de lã e linho misturados (Lv 19.19). Não devia lavar com um boi e um jumento unidos no mesmo jugo (Dt 22.10).

Mas Israel não queria ser diferente. Pouco tempo depois já estava reclamando por um rei *“como todas as nações”* (1 Sm 8.5, 20).

Não é preciso muita imaginação para ver o paralelo desta situação com a Igreja de hoje.

Santificação perfeita

O quarto aspecto é a santificação perfeita. Esta pertence ao futuro do crente. Quando estiver face a face diante do Salvador, ficará para sempre separado de todo o pecado e corrupção (1 Jo 3.2). Moralmente será como o Senhor Jesus – perfeitamente santificado.

É a isso que Colossenses 1.22 se refere: *"...no corpo da sua carne, mediante a sua morte, para apresentar-vos perante ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis"*. Em outra passagem, Judas lembra-nos que o nosso Senhor vai apresentar-nos *"irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória"* (Judas 24 – ACF).

São, pois, estes os quatro aspectos da santificação: o que aconteceu antes da conversão; o que aconteceu por ocasião da conversão; o que está acontecendo dia a dia; e o que irá acontecer quando virmos o Senhor. O terceiro aspecto é aquele que mais nos interessa neste livro. O capítulo seguinte, por exemplo, trata do desenvolvimento do caráter cristão comparando-o com o equipamento militar.



Capítulo 6

Toda a Armadura de Deus

O NOVO Testamento nos dá várias ilustrações de santidade.

A santidade é como despir roupas velhas e sujas, e vestir roupas novas e lavadas (Cl 3.9-10). As novas roupas são realmente a vida de Cristo. A Palavra nos ensina: "...revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências" (Rm 13.14 – ACF). Uma outra imagem da santidade é a do fruto da videira. Cristo é a videira. À medida que o crente permanece nEle, produz o fruto de um caráter semelhante a Cristo (Jo 15.1-17). Paulo fala deste fruto como sendo o fruto do Espírito (Gl 5.22-23).

Numa ocasião Paulo encara a santidade como o amor encarnado em Cristo e depois no crente (1 Co 13). E então a sua fértil imaginação usa a comparação da armadura do soldado (Ef 6.10-18). Vamos ver como ele desenvolveu esta figura.

Por que precisamos de armadura

A vida cristã é um campo de batalha e cada um dos cristãos é um soldado. O ruído da batalha está sempre presente, mas em certas ocasiões, os assaltos são mais violentos que noutras. Os soldados que se mantêm mais próximos do Capitão e Lhe são completamente dedicados, são os mais visados. O inimigo não desperdiça munição naqueles que são crentes só de nome.

O resultado final já está assegurado: *"Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele*

que nos amou" (Rm 8.37). Se o Senhor é por nós, ninguém pode ser contra nós (ver Rm 8.31). Com o tempo, toda a força hostil dobrará o joelho e confessará que Ele é o Senhor, para a glória de Deus Pai (ver Fp 2.11).

Mas então, por que será que no campo de batalha vemos tantos corpos de camaradas? Por que será que tantos pregadores e professores conhecidos perderam a batalha? Por que é que a nossa taxa de perdas é tão elevada? Claro que a razão é o inimigo ter encontrado uma fenda nestas armaduras e ter feito dela exatamente o seu alvo.

Todos nós nos encontramos em perigo de sermos derrotados tal como tem acontecido com tantos outros. Para nos guardar desse perigo, o apóstolo Paulo deixou-nos um breve manual militar em Efésios 6.10-18. Ele contém tudo o que é necessário para nos ajudar a passar pelo conflito em segurança e com sucesso.

A força de Cristo, não a nossa

Primeiro temos de ficar fortes no Senhor e no Seu poder (Ef 6.10). Estaríamos desafiando a morte se nos atrevêssemos a atacar dependendo apenas da nossa própria força. O inimigo tem poder sobrenatural. Só por nós mesmos somos completamente indefesos perante ele. O maior recurso é reconhecer a nossa própria fraqueza e permitir que o poder do Senhor nos inunde. Não foi a isso que Paulo se referiu ao dizer: "*... quando sou fraco, então, é que sou forte*" (2 Co 12.10)? O poder de Deus é aperfeiçoado na nossa fraqueza (2 Co 12.9). E quando os soldados do vencedor são fracos, toda a glória pertence Àquele que os fortaleceu.

Toda a armadura de Deus

Devemos vestir **toda** a armadura de Deus. Como veremos, consiste num cinto, numa couraça, sapatos ou sandálias, um escudo, um elmo, uma espada e muita oração. Pau-

lo talvez escrevesse estas palavras olhando para o uniforme do soldado romano que o guardava, e tirasse daí o paralelo espiritual. A questão é, então, colocada: “Qual é o paralelo espiritual para a armadura romana?” Certamente que não é um assunto bélico, pois *“as armas da nossa milícia não são carnis, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas”* (2 Co 10.4). Alguns pensam que se refere à nossa posição em Cristo. Por exemplo, dizem que a couraça da justiça representa a justiça com que Deus nos reveste ao nascermos de novo. Se a armadura representasse a justiça, a verdade, a fé e a salvação que nos pertencem devido à nossa relação com Cristo, então todos os crentes seriam invulneráveis. Nunca se ouviria falar das derrotas dos crentes devido à imoralidade ou às falsas doutrinas. Não haveria necessidade que as tropas cristãs vestissem o que quer que fosse, por já estarem revestidas com a armadura. Não, não pode de forma alguma referir-se à nossa posição em Cristo, mas deve estar relacionada com a nossa vida e prática diárias.

Acreditamos, pois, que a armadura de Deus descreve os elementos de um forte caráter cristão. Se o soldado cristão tiver todas as características de uma vida irrepreensível, então o inimigo não vai ter onde atirar. O fato de nos ser exigido que vistamos a armadura, mostra-nos que há coisas positivas que devemos fazer. É apenas uma questão de ver que tipo de soldados somos e como nos comportamos.

Os truques do Diabo

A armadura de Deus permite que nos mantenhamos firmes contra as ciladas do Diabo (Ef 6.11b). Satanás é muito ardiloso, empregando todo o tipo de truques inimagináveis contra o povo de Deus. Devemos conhecer o inimigo e estar constantemente alerta para os seus estratagemas diabólicos. Quais são alguns destes truques demoníacos?

Ele é um mentiroso, é o pai da mentira e assim tem sido desde o princípio (Jo 8.44). Mentiu a Eva dando-lhe uma ima-

gem errada de Deus, e desde aí continuou sempre a mentir sobre Deus.

Ele é um enganador. Transfigura-se em anjo de luz e envia os seus ministros como ministros da justiça (2 Co 11.14-15). Por vezes engana, citando erroneamente a Bíblia, enquanto que outras vezes usa sinais e prodígios da mentira (2 Ts 2.9). Como uma serpente enganadora, procura semear a dúvida e as mentiras, tentando desviar o povo de Deus da pura e sincera devoção a Cristo (2 Co 11.3).

Ele é difamador, o acusador dos irmãos (Ap 12.10). Todos os que caluniam o povo do Senhor estão fazendo a obra do Diabo.

Ele é um imitador. Tem uma imitação para tudo o que é de Deus. Deu poder aos mágicos egípcios para imitarem os milagres de Moisés (2 Tm 3.8).

Ele semeia o desânimo. Paulo avisou os coríntios que, se não perdoassem o irmão desviado mas arrependido, Satanás poderia dominá-lo lançando-o no mais extremo desânimo (2 Co 2.7-11). O Diabo sabe que Deus raramente usa uma pessoa desanimada.

Uma das suas estratégias preferidas é dividir e conquistar. Procura semear a desunião entre os santos, sabendo que uma casa dividida contra si própria não pode manter-se de pé.

Satanás aparece às vezes como um leão rugidor para aterrorizar e devorar (1 Pe 5.8). O seu objetivo, assim como o de todos os demônios, é destruir. Ele persegue a Igreja (Ap 2.10). Procura também destruir os homens com a droga, o espiritismo, o álcool, a imoralidade e outros vícios.

Falando através de Pedro, o Diabo tentou dissuadir Jesus de morrer na cruz (Mc 8.31-33) e da mesma forma ele encoraja os cristãos a evitar a vergonha, o sofrimento e a morte, que se encontram ligados à cruz que temos de levar.

Freqüentemente ele ataca da forma mais violenta logo após grandes vitórias espirituais e experiências profundas, quando o perigo do orgulho é maior.

As hostes de Satanás

Realmente a nossa batalha não é contra a carne e o sangue, apesar de com frequência termos de lutar com falsos mestres, seguidores de seitas estranhas, agentes de governos hostis e inimigos da verdade. A guerra é contra o Diabo e os seus subordinados, a quem Paulo identifica como os principados, as potestades, os príncipes das trevas deste século, as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais (Ef 6.12). Isso serve para nos lembrar que o nosso universo está habitado por seres espirituais malignos e invisíveis, talvez antigos anjos caídos. Obviamente, estes possuem uma cadeia de comando semelhante a qualquer organização militar. Não sabemos qual é a ordem da sua hierarquia mas, afinal, todos estão sujeitos ao comando de Satanás. Estes poderes demoníacos usam homens malignos para impedir a obra de Deus e para perseguir os Seus servos.

Quando Paulo diz que lutamos contra estes poderes das trevas, não quer dizer que eles são os nossos únicos inimigos. Os nossos três principais antagonistas são o mundo, a carne e o Diabo. Neste caso, o apóstolo considera em primeiro lugar a nossa batalha com o Diabo e as suas hostes.

Ficar firme

Precisamos usar toda a armadura de Deus se quisermos ficar firmes no terreno, mantendo as nossas posições. O inimigo, apesar de não ser onisciente, tem uma vasta rede de informantes e conhece os nossos pontos mais vulneráveis. Não podemos negligenciar nenhuma parte do nosso caráter.

Em 2 Samuel 23.9-10, lemos sobre um homem chamado Eleazar que manteve a sua posição e feriu os filisteus até o braço lhe doer e a mão ficar colada à espada. Nas nossas vidas precisamos desta perseverança e determinação.

Agora Paulo está pronto para examinar cada uma das peças da armadura. Alguns estudiosos sugerem que as primeiras

três peças formam o uniforme básico, e as outras três são usadas em combate.

O cinto da verdade

A primeira peça é o cinto da verdade. A explicação habitual do objetivo deste cinto era prender a longa túnica do soldado para que não lhe impedisse os movimentos. Se for essa a imagem, então o cristão usa a palavra da verdade para evitar que alguma coisa o possa impedir de lutar na batalha da fé. Jesus preveniu os seus discípulos contra a glotonaria, a embriaguez e os cuidados da vida (Lc 21.34). Paulo alertou que nenhum soldado, no cumprimento do dever, se envolvesse com os negócios desta vida (2 Tm 2.4). Precisamos do cinto da verdade para nos proteger da cobiça, da riqueza, do materialismo, da fama, do desejo de poder, do amor ao prazer e da vida luxuosa.

O cinto também sugere que precisamos nos agarrar à verdade. Devemos segurar-nos tenazmente à inspiração plena e verbal das Escrituras. Precisamos defender que a Palavra de Deus não tem erros na sua forma original. Nunca devemos permitir que as nossas mentes sejam alcançadas pela menor sombra de dúvida em relação a este fato – a Bíblia é a Palavra Viva de Deus. Nunca devemos nos permitir julgar as Escrituras, mas sim deixar que as Escrituras nos julguem.

Não é, no entanto, suficiente que nos agarremos à verdade. Ela é que deve permanecer em nós, controlando as nossas vidas. Na prática, isto significa que devemos, diariamente, passar tempo na companhia da Bíblia. Significa que devemos obedecer à verdade. Não basta obedecer às passagens que nos convêm. Precisamos obedecer a todos os mandamentos. Talvez a maior parte dos vencidos na batalha cristã tenha sido o resultado de terem negligenciado a Bíblia. É verdade que “este Livro vos manterá longe do pecado, ou o pecado vos manterá longe deste Livro”.

O crente sente uma tremenda segurança quando se escora na verdade da Palavra de Deus, quando obedece à verdade e

quando a verdade é manifestada através de uma vida de honestidade e integridade constantes.

A couraça da justiça

A segunda peça da armadura é a couraça da justiça. Em linguagem comum significa fazer o que é certo perante Deus e os homens. Significa ter uma consciência sensível para evitar tudo o que seja errado, escuro ou duvidoso. Quando se veste a couraça da justiça, recusam-se pequenas concessões que dêem oportunidade a abusos maiores posteriormente.

Os crentes fogem de subornos, aliciamentos ou corrupção nos negócios. Somos escrupulosamente honestos ao preencher as declarações de rendimentos. Preferiríamos ser reprovados em um exame a ter que colar. Obedecemos à lei. Resistimos à tentação de usar indevidamente a conta de despesas da empresa.

O Senhor Jesus sempre usou a couraça da justiça (Is 59.17), e Ele é o nosso exemplo.

As sandálias do Evangelho

Depois temos as sandálias, chamadas "*a preparação do evangelho da paz*" (Ef 6.15). O que significa isto? Significa prontidão e intenso desejo de compartilhar o Evangelho. Calçamo-las ao orar em cada manhã: "Senhor Jesus guia-me a uma alma hoje. Abre uma porta para que eu possa falar de Ti a alguém". Então, se encontrarmos alguém que esteja numa profunda necessidade espiritual, estamos prontos para guiá-lo a Cristo, passo a passo. Decoramos versículos sobre o pecado do homem, a obra de Cristo e a responsabilidade do pecador, e o Espírito Santo poderá dirigir-nos a escolher apenas os versículos certos.

Um crente idoso e gravemente doente foi levado para o hospital. Quando, no dia seguinte, a família foi visitá-lo e lhe perguntaram: "Como está?", ele respondeu: "Ótimo! Falei do

Senhor a todos os que estão nesta enfermaria". Os pés deste homem estavam calçados com a preparação do Evangelho da paz.

O escudo da fé

A quarta peça de equipamento é o escudo da fé. O seu objetivo é apagar todos os dardos inflamados do maligno (Ef 6.16). O Diabo aborda-nos com dúvidas sobre as Escrituras, dúvidas sobre a bondade de Deus, dúvidas sobre a nossa própria salvação, com desânimo, tentações para pecar, acusações falsas e fantasias malignas. Usamos o escudo da fé quando nos mantemos firmes na Palavra de Deus, obedecendo aos Seus preceitos e reivindicando as Suas promessas. Então, os dardos inflamados de Satanás cairão inofensivos à nossa volta. Deus tinha prometido a Paulo que este iria perante César, mas agora o navio onde navegava a caminho de Roma parecia em perigo de se afundar. Agarrando o escudo da fé, Paulo disse: *"eu confio em Deus que sucederá do modo por que me foi dito"* (At 27.25).

O capacete da Salvação

"Tomai também o capacete da salvação" (Ef 6.17a). Visto que um capacete protege a cabeça, pensamos nele para guardar as nossas mentes contra os ataques intelectuais à Palavra de Deus. Somos constantemente bombardeados pelas profundas críticas vindas do alto criticismo, pelas pomposas declarações da teologia liberal, pelas supostas provas de que a Bíblia contém erros. As nossas mentes necessitam estar sempre protegidas.

O pecado original na Terra surgiu como resultado de uma sugestão da serpente a Eva, e Paulo receava que a mesma coisa pudesse acontecer aos coríntios: *"Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também seja corrompida a vossa mente e se aparte da simplicidade e pureza devidas a Cristo"* (2 Co 11.3).

A defesa de Paulo contra estes ataques pode ser encontrada em 2 Coríntios 10.5: *“Destruindo os conselhos e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo”* (ACF). Isto quer dizer que julgamos todo o pensamento humano, as especulações e a filosofia comparando-as com os ensinamentos do Senhor. Se não concordarem, serão rejeitados imediatamente.

Mas o capacete da salvação pode ter outro significado adicional. Em 1 Tessalonicenses 5.8, somos instados a usar o capacete da *esperança da salvação*. A esperança da salvação anseia pelo fim da nossa guerra, quando estivermos a salvo no lar. Como é que o cristão põe este capacete? Bem, há ocasiões em que a batalha parece ser mesmo contra nós, o inimigo parece estar vencendo. Alguns dos nossos líderes mais importantes caíram. Muitas tropas começaram bem, mas agora estão desertando. Outros estão tão envolvidos com os assuntos da vida que não têm tempo para um combate mais ativo. As hostes do inferno ganham terreno enquanto que a causa de Deus parece derrotada. Quando todas as notícias parecem tristes é importante usar o capacete da esperança da salvação. Isso permitirá que digamos: “As ondas parecem estar contra nós, mas a maré vai recuar. A vitória será nossa. A causa de Deus irá triunfar”.

A espada do Espírito

A última peça da armadura é a espada do Espírito, que é a palavra de Deus (Ef 6.17b). W.E. Vine a explica assim: “Aqui não é feita referência à Bíblia como a um todo, mas sim, à parte individual das Escrituras que o Espírito traz à nossa memória, para ser usada no tempo apropriado: um pré-requisito é decorar versículos regularmente, para que haja um constante armazenamento da Bíblia na memória”.

A forma clássica de usar a espada do Espírito é aquela que foi utilizada pelo Senhor para repelir as tentações do Diabo.

Jesus não se limitava a citar versículos indiscriminadamente, mas selecionava os que eram exatamente necessários àquele momento. Por três vezes disse: *"Está escrito"* e depois usou as três passagens dadas pelo Espírito e que proibiam a rendição às solicitações malignas de Satanás.

Para que o Espírito Santo nos dê o versículo certo na hora certa, precisamos decorá-lo antecipadamente ou, pelo menos, ter conhecimento da sua existência. Fica assim reforçada a importância da memorização das Escrituras. Quando um estudante universitário confessou a um amigo que os seus professores estavam gradualmente minando a sua fé, este lhe disse: *"Filho meu, se deixas de ouvir a instrução, desviar-te-ás das palavras do conhecimento"*. Este homem nunca poderia ter usado a espada do Espírito desta forma, se não tivesse previamente decorado Provérbios 19.27.

A oração

Logo após a descrição das seis partes da armadura temos uma chamada à oração. Não é necessário encarar a oração como uma parte da armadura, mas é certamente uma linha vital de comunicação do soldado com o quartel general. Ela é a atmosfera na qual o soldado vive e batalha. Através da oração ele descobre o plano de Deus para cada dia. Através da oração ele convoca as hostes invisíveis do Senhor como reforço (2 Rs 6.17). Através da oração ele ganha a vitória.

A oração deve ser contínua e não esporádica.

Devemos usar todos os tipos de oração: a intercessão, a súplica, a confissão, a petição – juntamente com a ação de graças.

A oração deve ser feita no Espírito, inspirada por Ele, dirigida por Ele e de acordo com a Sua vontade.

Deve haver vigilância na oração ("vigiando nisto") e perseverança (devemos continuar a implorar, a procurar, a suplicar). Além disso, precisamos orar por todos os santos, pois todos estamos juntos na mesma batalha.

Conclusão

Tem sido apontado freqüentemente que, ao equipar o soldado cristão, Deus não tomou nenhuma providência para proteger a sua retaguarda. Em outras palavras, não haverá retirada. O soldado de Deus nunca deve voltar as costas ao inimigo e correr. Quando os homens de Napoleão estavam a ponto de serem esmagados num feroz combate corpo a corpo, ele ordenou que o tambor desse o toque de retirada. O ajudante de ordens respondeu: “Nunca me haveis ensinado o toque de retirada, Excelência”. Estas palavras instigaram uma nova determinação em Napoleão e ele continuou a lutar obtendo depois uma espetacular vitória.

Apesar de não haver retirada para o cristão, há momentos em que este deve fugir. Deverá fugir da fornicação, ou seja, qualquer forma de imoralidade sexual (1 Co 6.18). Deverá fugir da idolatria – não apenas de imagens, mas de tudo o que ocupar o lugar que pertence ao Senhor no seu coração e sua vida (1 Co 10.14). Deverá fugir da cobiça, do amor ao dinheiro, do desejo de ser rico (1 Tm 6.11). Deverá fugir de desejos juvenis que contendem com a alma (2 Tm 2.22). Nestes casos, a fuga não é uma covardia, nem vergonha, nem derrota. É a forma de continuar no conflito nas melhores condições físicas e espirituais.

Estamos juntos nesta batalha. Permanecemos unidos e oremos uns pelos outros, para que continuemos fielmente até ao final sem cairmos no campo da batalha. Quando um missionário cedeu ao pecado e teve de deixar o campo missionário, um amigo confessou a outro: “Envergonho-me de admitir que nunca orei por ele. Nunca sequer pensei que precisasse de proteção contra este tipo de pecado”. Todos precisamos de oração. Pode acontecer a qualquer um de nós, pois todos corremos o risco de naufragarmos na fé.

John Dorsey descreveu a defesa do crente contra as tácticas do Diabo da seguinte maneira:

Tive hoje uma feroz batalha no meu local de oração;
Fui encontrar-me e falar com Deus, mas encontrei Satanás nesse local.

Ele sussurrou: "Não podes orar, há muito tempo que já perdeste;

Podes dizer algumas palavras enquanto estiveres de joelhos, mas não podes orar".

Então enfiei bem o meu capacete na cabeça e descobri que me ajudava a abafar a sua voz e também a afastar os meus receios.

Verifiquei a minha armadura; meus pés em paz estavam calçados;

Os meus lombos cingidos da verdade;

Minha espada era a Palavra de Deus.

A minha couraça da justiça ainda se mantinha protegendo o amor no meu coração.

O escudo da fé estava intacto - repelindo os seus dardos inflamados.

Clamei a Deus em nome de Jesus, invoquei o precioso sangue -

Enquanto Satanás se retirava miseravelmente, encontrei-me e falei com Deus.

De tudo o que dissemos até agora, deve ficar claro que, sendo Deus o Professor na escola da santidade, nós temos de fazer o nosso dever de casa. O que é verdadeiro na oração também o é na santificação: sem Deus nada conseguiremos; sem nós, Deus não operará. No próximo capítulo trataremos mais deste assunto.

Capítulo 7

A Parte de Deus - A Nossa Parte

NA ÁREA da santidade, existe uma misteriosa combinação entre o divino e o humano. Deus quer que sejamos todos santos e só Deus nos poderá tornar santos. Ele nos dará o poder necessário. Mas Ele não o fará sem a nossa participação.

Temos de nos colocar no caminho da bênção.

É um erro esperar que a santidade nos visite como uma espécie de magia benigna, ou esperar que o auxílio de Deus sobrevenha como um golpe de sorte, sem levar em consideração que há condições a cumprir. Há caminhos bem marcados que levam diretamente às pastagens verdejantes – andemos neles. Desejar, por exemplo a santidade, e ao mesmo tempo negligenciar a oração e a devoção é desejar seguir um caminho e ir por outro.

É errado dizer aos cristãos que a santidade só sobrevém pela fé, pois cria a impressão de que todos podem ficar sentados e automaticamente tornar-se semelhantes a Cristo sem nenhum esforço pessoal. Isso contraria vivamente às centenas de exortações do Novo Testamento que são dirigidas à vontade pessoal de cada um e que exigem obediência.

Também é igualmente errado ensinar que se encontra uma vida vitoriosa quando se responde a um apelo feito numa reunião. Ninguém duvida que, através dessa experiência, se possa verdadeiramente dedicar de novo uma vida ao Senhor, mas esta chamada não será o princípio e o final de tudo. De

fato, o seu valor e significado se atenuarão rapidamente caso não sejam seguidos por uma atitude diligente.

Por isso devemos ter cuidado com os "chavões" evangélicos do tipo "confia na promessa: recebe a unção do Espírito". Tal como Donald Campbell diz: "O Espírito não opera automaticamente na vida do crente, mas espera que dependamos dEle".

Não há santidade instantânea

Deus não vê necessidade de conceder comprimidos de santidade, os quais, como um antibiótico divino, resolveriam o problema de uma vez para sempre. Ele não nos deu um atalho ou uma solução rápida para a santidade, mas prescreveu um processo que dura toda a vida e no qual Ele concede o poder e nos convoca a usá-lo dia a dia.

A salvação vem pela fé, mas a santidade sobrevém pela fé e por obras.

Cada um de nós tem a necessidade de ser transformado. Quer sejamos resmungões ou irritados, irascíveis, impacientes ou rudes, antipáticos, ultra-sensíveis e egoístas, enganadores, fraudulentos, quer façamos juramentos ou profanações, quer tenhamos hábitos que não honram o nome de Jesus, nós todos precisamos mudar. O Senhor pode operar essa mudança e com efeito anseia realizá-la. Mas também espera a nossa cooperação.

O Seu método para nos fazer cooperar é colocar-nos sob a graça e não sob a lei. O crente deseja ser santo devido ao amor que sente por Cristo, não devido ao medo de ser castigado. É este o assunto que veremos em seguida.



Capítulo 8

Como Tornar os Homens Santos

A QUESTÃO é esta: “Quando uma pessoa se converte, como poderemos ter a certeza de que terá uma vida santa? Qual será o melhor método para assegurar que ela avançará separada do pecado e do mundo?”

Se fosse deixada aos homens a responsabilidade de estruturar um programa, certamente teríamos um sistema de regras e regulamentos. Insistir-se-ia em colocar o crente sob a alçada da lei e, atingindo certos padrões de comportamento, tornar-se-ia santo. Cumpra e viverá!

Isto é santidade conseguida por cumprir a lei. Estas leis até podem incluir os Dez Mandamentos, a observação do sábado, a proibição do álcool, drogas, filmes, tabaco, dança, imoralidade, etc. É longa a lista do que poderia ser permitido ou proibido.

Mas, como a lei sem castigo é apenas um bom conselho, deve existir uma penalidade para todos os que falharem no cumprimento do código. E o castigo maior seria a perda da salvação. Em outras palavras, somos salvos pela fé, mas se não vivermos uma vida cristã seremos afastados da vida eterna. Os que de uma forma ou de outra defendem a salvação como resultado do cumprimento da lei, crêem sinceramente que a única coisa que manterá os crentes no caminho estreito e penoso é o temor ao castigo.

Esta forma de encarar a santidade é fatalmente deficiente e não é bíblica. Em parte nenhuma da Bíblia é sugerido que

nos tornamos santos ao obedecer a certas leis ou por evitar certos tabus. Pelo contrário, Paulo censurou os gálatas só por terem admitido essa possibilidade, perguntando-lhes: *"Sois assim insensatos que, tendo começado no Espírito, estejais, agora, vos aperfeiçoando na carne?"* (Gl 3.3). Ou seja, se não puderam ser salvos pelo cumprimento da lei, como poderão tornar-se santos por esse método?

Essa concepção de santidade não só é contrária às Escrituras, como também não funciona! Tal como disse James Denney, os santos são produzidos pelo Monte Calvário e não pelo Monte Sinai. A lei exige força de quem não a possui, não concede o poder para a cumprir e amaldiçoa aquele que falhar. Além disso, o pecado é suscitado pela lei (Rm 7.8-13). Por causa da maldade da natureza humana, queremos o que é proibido, e a falha não é da lei, mas sim do pecado que habita na humanidade.

A santidade segundo Deus

A santidade segundo Deus é diferente, é pela graça e não pela lei. O Senhor diz, com efeito: "Eu o salvei pela minha graça. Agora, por amor, e não por temor, vá e viva de acordo com isso. Dei-lhe o Espírito Santo que habita em você, que vai capacitá-lo a caminhar de maneira digna da sua chamada. E Eu vou recompensá-lo sempre que você resistir à tentação, sempre que disser não ao pecado".

Claro que a questão se põe naturalmente: "Como saberei que tipo de comportamento está de acordo com a chamada cristã?" Então Deus nos responde: "Muito bem, Eu enchi o Novo Testamento de instruções práticas de justiça para você. Algumas destas instruções até se chamam mandamentos, mas lembre-se que não são leis com penalidades inerentes. Em vez disso, são exemplos específicos do tipo de vida que Me agrada".

No momento em que somos salvos, é-nos dada uma posição de santidade perante Deus. Por estarmos em Cristo temos esta

posição de santidade. A nossa responsabilidade é fazer o nosso modo de vida corresponder à nossa posição de santidade.

Amor, não temor

Através da graça, o motivo que temos para a santidade é o amor e não o temor. Instintivamente os crentes desejam ser santos ao lembrar o preço que o Senhor Jesus pagou pelos pecados de cada um. A memória do Calvário é o mais forte impulso para se viver “*sensata, justa e piedosamente*” (Tt 2.12). O crente pergunta, para responder em seguida:

Precisarei que a lei me mantenha cativo a Ti?

Cativo está o meu coração, rejubilando em nunca se libertar.

Poderão contrapor: “Se os cristãos se colocarem apenas sob a graça, viverão como quiserem e farão o que lhes agrada”. Em outras palavras, a doutrina da graça encorajaria o pecado. Spurgeon respondeu:

Não está de acordo, nem com a natureza humana nem com a graça, o homem encontrar uma razão para o pecado baseada na bondade de Deus... Deverei odiar a Deus por Ele ser bom para mim? Deverei amaldiçoá-IO porque Ele me abençoa?... O crente em Jesus raciocina de uma forma bastante diferente. Deus é tão bom! Então não vou entristecê-IO. Ele não está sempre pronto para perdoar as minhas transgressões? Então vou amá-IO e não mais O ofenderei... Para levar o homem à completa consagração à causa de Deus e a odiar tudo o que é maligno, não precisamos de argumentos mais nobres e fortes do que aqueles que são retirados da gratuita graça de Deus.

É verdade que se pode abusar da graça, tal como de qualquer outra coisa. Não há dúvidas que alguns, por estarem li-

bertos da lei, têm abusado dessa liberdade como pretexto para o pecado, mas estes são exceções.

É verdade que estamos livres da lei, mas não somos fora-da-lei, pelo contrário, tal como Paulo indica em 1 Coríntios 9.21, estamos sob a lei de Cristo. A regra da vida para o crente é o Senhor Jesus e não a lei.

É também verdade que fazemos tudo o que queremos, mas apenas no sentido de agora queremos uma coisa diferente. Queremos ser santos. Queremos resistir à tentação, fugir dela. Queremos fazer aquilo que agrada ao coração de Cristo. É nesse sentido que vivemos como nos agrada.

Não negamos que há cristãos que vivem vidas santas em cada um dos segmentos da Igreja de hoje, mas enquanto alguns o fazem por estarem devidamente seguros na graça de Deus, outros fazem-no apesar da sua orientação legalista.

Vamos agora fazer uma pausa para ponderar na questão inevitável que se põe: Será possível um crente atingir a perfeita santidade, chegar a um ponto onde já não peque? O que é que as Escrituras dizem sobre isto?

Capítulo 9

Princípios da Conduta Cristã

A QUESTÃO é esta: “Qual é o comportamento mais apropriado para um cristão? O que se pode ou não fazer? Aquela atividade é certa ou errada?”

A Bíblia dá-nos um aspecto geral da forma como o cristão deve conduzir a sua vida para ser digno da sua chamada divina. Muitas perguntas são respondidas de forma tão direta que nem é necessário procurar respostas em outro lugar. Por exemplo, ensina que nunca está certo o envolvimento entre jugos desiguais (2 Co 6.14). Um crente nunca deve casar com um descrente, fazer sociedade com um descrente, ou entrar para o serviço do Senhor juntamente com um descrente. Não há necessidade de orar ou de procurar aconselhamento sobre esta questão, a resposta já é dada pela Palavra de Deus.

Mas, na vida cristã surgem centenas de situações que não são diretamente respondidas pela Bíblia pois, se esta desse resposta a todas as áreas problemáticas, seria tão pesada e extensa que nunca a poderíamos transportar!

Deus, então, deu-nos um conjunto de princípios a seguir. Quando surgem dúvidas se um procedimento está correto, ou não, aplicam-se os princípios um a um. Não consigo encontrar um problema que não possa ser resolvido segundo este método. É como inserir o problema num computador, acionar as teclas apropriadas e ler a resposta na tela. A seguir apresentam-se estes princípios em forma de perguntas.

Há alguma glória para Deus nisso?

Nós sempre perguntamos se há algum mal em fazer algo, mas também devemos perguntar se isso traz glória para Deus. O apóstolo Paulo defendeu o princípio de que tudo o que fazemos deve ser para a glória de Deus, e isso aplica-se a atividades tão banais como comer e beber (1 Co 10.31). Um evangelista famoso prega o Evangelho para a glória de Deus, e a sua esposa lava a louça com o mesmo propósito. Pendurada sobre o seu lava-louças há uma pequena nota que diz: "Aqui são realizados serviços para Deus, três vezes ao dia".

Qualquer tipo de trabalho honroso pode ser feito para a glória de Deus. Mesmo os servos cristãos que trabalham no campo podem servir *"como a Cristo"*, *"como servos de Cristo"* ou *"como ao Senhor e não como a homens"* (Ef 6.5-7).

No entanto, há muitas coisas onde não existe glória para Deus, ou seja, coisas desonestas, impuras, injustas, ou mesmo questionáveis. Antes de alguém se envolver numa destas atividades, seria ridículo que curvasse a cabeça e orasse, "Senhor Jesus, que Tu sejas glorificado naquilo que eu vou fazer".

É "do mundo"?

Este mundo de pessoas não regeneradas tem o seu próprio estilo de vida, moda, música, arte, religião, filosofia... É mais atraente para o corpo do que para o espírito, é agradável para a natureza pecaminosa do homem que prefere tudo isso em vez daquilo que Cristo lhe ordenou.

Os crentes também não são do mundo tal como Cristo não é (Jo 17.16). Devido ao mundo ainda ser hostil a Deus, quem quer que ame o mundo é Seu inimigo (Tg 4.4; 1 Jo 2.15).

Com o novo nascimento recebe-se do Espírito uma intuição para distinguir tudo o que é mundano. Com o amadurecimento na graça, essa intuição pode até ficar mais apurada. Um crente encomendou uma nova televisão. Quando o caminhão da entrega chegou, ele olhou pela janela e leu o *slogan* escrito

na lateral do veículo: “Traga o mundo para a sua sala de estar”. Foi o suficiente para ele! A televisão foi devolvida.

Será que Jesus o faria?

O Salvador deixou-nos um exemplo para que seguíssemos os Seus passos (1 Pe 2.21). Então um teste válido para ser aplicado a qualquer área de comportamento é: O que faria Jesus no meu lugar?

Há alguns anos, Charles Sheldon escreveu um livro intitulado “Em Seus Passos que Faria Jesus?”, no qual uma congregação cristã decidiu fazer uma aplicação prática desse teste na vida diária. O resultado foi a transformação completa daquela comunidade.

Alguns podem recordar-nos que Jesus comia com publicanos e pecadores (Mc 2.15-16). É verdade que o fez, mas também é verdade que Ele, ao fazê-lo, se mantinha sempre fiel a Deus, Seu Pai. Nunca ignorou os pecados de cada um deles e também nunca comprometeu o Seu próprio testemunho. Do mesmo modo também poderemos comer com os pecadores que vivem sem Deus, reprovando os seus pecados (Ef 5.11b) mas ao mesmo tempo anunciando-lhes a mensagem do Evangelho (Rm 1.14). “Devemos manter diante dos nossos olhos, como único padrão de santidade, o exemplo deixado por Cristo quando caminhou pela terra” (R.C. Chapman).

Quando Jesus voltar, eu gostaria de ser encontrado agindo dessa forma?

Ninguém sabe quando Jesus voltará. Pode acontecer a qualquer minuto. O apóstolo João lembra-nos da possibilidade da confusão e vergonha quando Ele vier (1 Jo 2.28). Ficariamos envergonhados se Ele nos encontrasse em atividades perniciosas ou questionáveis, vendo filmes pouco recomendados, lendo literatura obscena, satisfazendo os nossos apetites carnis. Ficariamos

envergonhados se Ele nos dissesse: "Que fazes aqui?", ou se nos perguntasse como a Pedro: "Amas-Me mais do que estes?"

A esperança da volta iminente de Jesus pode exercer uma influência purificadora na vida do crente (1 Jo 3.3), mas não é suficiente sermos detentores da verdade apenas intelectualmente. Esta é que deve controlar-nos de maneira prática. Porque os que amam a Sua Vinda (2 Tm 4.8) são aqueles cujas vidas são moldadas pela abençoada esperança.

A qual das naturezas satisfaz?

Num outro capítulo discute-se em profundidade o assunto das duas naturezas, por isso apenas iremos resumir aqui. Em cada crente existem duas naturezas – a velha e a nova. A velha natureza é maligna e incurável; a nova natureza é indescritivelmente boa. Estas duas naturezas estão em constante contenda entre si, e a natureza que alimentamos é a vencedora.

Satisfazemos uma natureza através do que vemos, ouvimos e fazemos, dos lugares que freqüentamos, pelas companhias em que andamos, pelos pensamentos que nos permitimos ter. Ao alimentarmos o lobo que existe dentro de nós, não poderemos esperar que o Cordeiro vença a batalha.

Você sente liberdade para fazê-lo ao lembrar que o seu corpo é o templo do Espírito Santo?

No momento em que somos salvos, o Espírito Santo passa a residir permanentemente em nós (1 Co 6.19). A Terceira Pessoa da Trindade habita o nosso corpo como um templo – um lugar santo onde vem fazer morada. Devemos viver com a consciência de que o nosso corpo é **santo** e que é habitado por uma Pessoa Santa.

Enquanto formos controlados por esta verdade resistiremos à impureza sexual, à glotonaria, à bebedeira. Não consentiremos em ficar viciados em produtos causadores de câncer como

o tabaco, ou drogas que afetem o cérebro, mas seguiremos regras razoáveis para a boa saúde e segurança, esforçando-nos por manter o nosso corpo saudável por amor ao Senhor.

É uma forma de comportamento apropriada para um filho de Deus?

Como filhos do Rei é exigido de nós que caminhemos de forma digna da nossa chamada divina (Ef 5.8b; Cl 1.10).

Conta-se uma história (e pode não passar apenas de uma história) sobre o filho de Luís XVI da França. Quando uma mulher maldosa tentou corrompê-lo, ensinando-lhe palavras indecorosas, o príncipezinho cerrou os punhos, bateu com os pés e disse: “Não as direi, não direi essas palavras imundas. Nasci para ser rei e não falarei dessa maneira!”

Quando encontramos um morador de rua revirando o lixo, podemos sentir pena, no entanto não ficamos surpreendidos. Mas ao vermos o filho de um homem importante vivendo como um marginal, ficamos chocados. Não se espera isso do filho de um presidente.

As pessoas do mundo são mais exigentes com o comportamento dos crentes do que com o seu próprio comportamento. Quando um crente escorrega, caem sobre ele dizendo: “Ah! E eu aqui pensando que você era cristão!” Nem sequer percebem que eles habitualmente cometem aquele mesmo pecado!

Mas é assim que deve ser. O mundo deve esperar mais de nós, e deve ser atendido.

Será que há uma outra forma melhor de gastar o dinheiro?

Algumas das coisas da vida são boas; outras são melhores, e ainda outras há que são as melhores de todas. Temos que fazer constante julgamento de valores para podermos aumentar a nossa eficácia.

O bom é muitas vezes o grande inimigo do ótimo. Podemos esbanjar dinheiro em coisas que não são pecaminosas, mas que são triviais, passageiras e supérfluas. Por outro lado, poderemos usar o nosso dinheiro para a evangelização, assegurando que teremos um comitê de boas-vindas às portas da glória (Lc 16.9).

Este princípio não serve para que se sintam culpados com cada real que gastarem, mas deve abrir a possibilidade entusiasmante de usar recursos de forma a efetuar uma obra para Deus, que durará uma eternidade.

O tempo poderia ser gasto de uma forma melhor?

Mais uma vez, o uso que fazemos do nosso tempo não deverá ser uma questão de controle legalista mas de gloriosa liberdade. Todos nós recebemos vinte e quatro horas a cada dia, e é nosso dever decidir como serão passadas. Estas dão infinitas possibilidades quer para o bem, quer para o mal – ou para serem desperdiçadas.

Como bons mordomos, devemos remir o tempo (Ef 5.16), ou seja, tirar o melhor proveito de cada minuto. Inevitavelmente, significará pôr de lado muitas atividades para dar lugar às de maior importância e prioridade. Isso pode implicar recusar convites. Pode levar a cortar horas no emprego para desfrutar mais tempo para orar e para ministrar a Palavra. Significa dar primazia a cultos e reuniões da igreja local, em detrimento das reuniões familiares e outros acontecimentos sociais.

A fidelidade ao tomar estas decisões vai levar a esferas mais elevadas de serviço.

Que efeito terá a sua conduta em relação aos outros?

Há certas ações na vida que são moralmente neutras. São referidas como assuntos de indiferença moral. Um crente tem o direito a elas, e nada há de errado nisso.

Estas ações podem, no entanto, tornar-se erradas se ofendem ou fazem outro irmão tropeçar. Notem como Paulo lidou com o assunto em Romanos 14:

"...tomai o propósito de não pordes tropeço ou escândalo ao vosso irmão" (v. 13b).

"Se, por causa de comida, o teu irmão se entristece, já não andas segundo o amor fraternal. Por causa da tua comida, não faças perecer aquele a favor de quem Cristo morreu" (v.15).

"Não destruas a obra de Deus por causa da comida" (v.20a).

E, mais uma vez, em 1 Coríntios 8.9-13 o apóstolo diz:

"Vede, porém, que esta vossa liberdade não venha, de algum modo, a ser tropeço para os fracos. Porque, se alguém te vir a ti, que és dotado de saber, à mesa, em templo de ídolo, não será a consciência do que é fraco induzida a participar de comidas sacrificadas a ídolos? E assim, por causa do teu saber, perece o irmão fraco, pelo qual Cristo morreu. E deste modo, pecando contra os irmãos, golpeando-lhes a consciência fraca, é contra Cristo que pecais. E, por isso, se a comida serve de escândalo a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que não venha a escandalizá-lo".

Quando Paulo diz: *"Todas as coisas são lícitas... mas nem todas edificam" (1 Co 10.23)*, o pensamento principal não será bem uma auto-edificação, mas a edificação de outros.

O princípio que nos deve guiar em relação aos outros é podermos ser um meio para edificá-los, ou seja, de desenvolvê-los espiritualmente. A liberdade que é desfrutada em detrimento de outros não pode ser realmente benéfica para si mesmo (W.E. Vine).

Assim, apesar de um cristão ter o direito de comer porco, ou marisco, ou de beber vinho com moderação, também tem o maior dever de renunciar a essa liberdade para não entristecer um irmão no Senhor.

É bem conhecido que Charles Haddon Spurgeon era um fumante e defendia esse hábito, apesar deste homem ter sido uma das maiores dádivas de Deus à igreja. Conta-se que um dia viu num anúncio publicitário onde se lia: "Fumem o tabaco que Spurgeon fuma". Isso foi o bastante para ele deixar de fumar.

É duvidoso?

"...tudo o que não provém de fé é pecado" (Rm 14.23b). Iso se refere a todos os assuntos que são moralmente indiferentes, coisas que não são realmente erradas, se eu pensar que uma ação qualquer é errada, mas mesmo assim acabar por concretizá-la, então estarei pecando. Até pode ser correta para outro cristão, ele até pode ter perfeita liberdade em efetuá-la, mas se a minha consciência não estiver absolutamente tranqüila, se eu não puder fazê-la com fé ou com a confiança de que é legítima, então pequei ao concretizá-la.

Algumas vezes, quando não se consegue distinguir bem se a roupa lavada está branca ou encardida, a regra é: "Se tiver dúvidas é porque está suja". Pode-se adaptar esta regra a assuntos moralmente indiferentes – "Se tiver dúvidas, é porque está errado".

Parece maligno?

Em I Tessalonicenses 5.22 pode-se ler: *"Abstende-vos de toda a aparência do mal" (ACF)*. Apesar de as versões modernas uniformemente nos dirigirem para nos abstermos de *"toda a forma de mal" (ARA)*, a versão mais antiga da Bíblia também é correta e dá-nos um aviso muito necessário. Um homem e uma mulher solteiros podem muito bem fazer uma viagem de automóvel juntos e ser perfeitamente inocentes quanto à imoralidade, mas ficam sujeitos à desconfiança dos outros. Um professor da Escola Dominical pode entrar num bar só para beber um refrigerante, mas poderá ser difícil con-

vencer um dos seus alunos disso, que passasse por acaso no momento em que ele saía do bar.

Será um embaraço?

Há uma diferença entre pecado e embaraço. Um pecado está sempre errado; um embaraço pode não estar errado mas é sempre um impedimento. Devemos deixar *“todo o embaraço ...e corramos com paciência a carreira que nos está proposta”* (Hb 12.1 – ACF). Nas corridas olímpicas há regras que devem ser observadas, pois se não forem, o corredor é desclassificado. Ora, as regras não dizem nada sobre usar pesos de um quilo nos tornozelos. O corredor poderá usá-los, mas ele nunca ganhará a corrida.

Paulo estava pensando em pesos, quando escreveu: *“Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convêm”* (1 Co 6.12a). Elas não deixam que se façam progressos para Cristo. Não estão necessariamente erradas, mas não são proveitosas.

O que poderá ser um embaraço ou um tropeço na corrida cristã? Uma amizade pouco espiritual, um emprego que exija muitas horas do nosso tempo, um passatempo muito envolvente, um desporto que nos monopolize, hábitos televisivos indiscriminados e desordenados. Tudo isto pode impedir o crente de chegar à vitória. De fato, gastar tempo excessivo em qualquer atividade que não seja essencial pode tornar-se um embaraço ou um tropeço.

É escravizante?

Há outra área onde uma coisa pode ser legítima, mas que deve ser evitada se for algo que vicia. O apóstolo disse: *“Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas”* (1 Co 6.12b). Falava de atividades que não são distintamente erradas por si mesmas, mas que se tornam erradas se nos mantêm em seu poder. Paulo nunca permitiria a si próprio viciar-se em comida ou bebi-

da. Podemos juntar a esta lista as drogas, os esportes, jogos eletrônicos e a TV.

Qual é a sua aparência aos olhos de Cristo?

Alguém sugeriu que o maior teste para o comportamento cristão é a sua aparência aos olhos de Cristo. Será que Ele aprova? Ficaríamos embaraçados se Ele estivesse sentado ao nosso lado?

A verdade é que Ele está sempre presente. Tal como o antigo cântico realça: "Oh, Ele vê tudo o que faço, ouve tudo o que digo, o meu Deus escreve tudo no Seu livro".

Ter sempre presente que o Salvador santo é o nosso Companheiro constante terá uma influência santificadora nas nossas vidas.

Estes são, pois, os princípios que Deus nos deixou para nos guiarem ao tomarmos as nossas decisões morais. Quando os aprendemos, lembramos e aplicamos nas nossas vidas, ficaremos seguros de tomar decisões que irão agradar ao Seu coração e que nos manterão no caminho certo para a santidade.

Infelizmente muitos de nós experimentamos fases boas e más nas nossas vidas. Alternamos entre a vitória e a derrota. O que queremos é libertar-nos do poder do pecado que habita em nós. Queremos um reavivamento constante, e há uma forma de o encontrar.

Capítulo 10

Vamos Esclarecer os Fatos

AO PROCURAR a libertação do poder do pecado que habita em nós, há algumas verdades que podem ser especialmente úteis. Vamos considerá-las.

As duas naturezas

Devemos lembrar que existem duas naturezas em cada cristão (Rm 7.14-25). Uma é a velha natureza maligna e corrupta que nasce com ele. A outra é a nova natureza pura e santa que ele recebe na sua conversão. Podemos chamá-las a natureza de Adão e a natureza de Cristo. Um cristão explicou isso da seguinte forma: "O pecado foi retirado do meu coração, mas ainda imito o meu bisavô" (isto é: a velha natureza).

A velha natureza é completamente má. A experiência de Paulo também é a nossa. Ele disse: "*Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum*" (Rm 7.18a). Portanto, nunca devemos procurar uma tendência boa na nossa velha natureza, e nunca devemos ficar desapontados ou surpreendidos quando não encontramos essa tendência boa. Ela não só é *completamente* má, é *incuravelmente* má! Depois de uma vida inteira tentando ser correta, ela não ficará melhor do que era quando essa vida começou. De fato Deus não tem interesse em melhorar a velha natureza. Ele condenou-a na cruz do Calvário, e quer que nos mantenhamos alheios a todas as tentativas que ela faz para controlar as nossas vidas.

Paulo igualou a velha natureza a um cadáver amarrado às suas costas. (É claro que o corpo estava se decompondo e cheirava mal.) Tinha que transportá-lo onde quer que fosse, o que o fazia gritar de angústia: *"Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?"* (Rm 7.24)

A nova natureza é a vida de Cristo e por isso mesmo é totalmente boa, tendo capacidade para fazer somente o bem. É pura, nobre, justa, cheia de amor e verdadeira. Todos os seus pensamentos, desejos, motivos e ações são semelhantes a Cristo.

Não é de se admirar que duas naturezas tão opostas estejam sempre em constante conflito. (Seria quase impossível coexistirem pacificamente, não é?) Esse conflito tem início na conversão, quando o novo crente experimenta uma tensão interior que nunca experimentara antes. A velha natureza procura abatê-lo, mantê-lo em baixo, tal como a lei da gravidade, mas a nova natureza quer elevá-lo às maiores alturas da santidade.

A guerra é tão intensa que ele é por vezes levado a duvidar da sua salvação. Mas não deve duvidar. O próprio fato de experimentar este conflito, mostra que é possuidor da salvação. Se não tivesse duas naturezas nunca o experimentaria.

Este conflito tem sido comparado à experiência de Rebeca quando sentiu os gêmeos a lutarem dentro do seu ventre e gritou: "Por que sou eu assim?" O que aconteceu a Rebeca acontece nos corações de todos os verdadeiros Filhos de Deus, que procuram viver com Ele.

Quando ficamos conscientes da presença do Espírito, o traidor que habita em nós também se manifesta. O cristão novo tem vontade de gritar: "Porque eu sou assim?" O irmão mais velho, a carne, quer fazer tudo a seu modo. O irmão mais novo, o Espírito, é calmo e sossegado, parecendo incapaz de vencer. Mas para nós, tal como com os filhos de Rebeca, o mais velho servirá o mais novo. Porque Deus prometeu abençoar tudo o que vem do Espírito e não o que vem da carne. (Barnhouse).

A batalha que começou com a conversão continuará durante toda a vida. Nunca se está de licença nesta guerra, só a morte ou o Arrebatamento nos darão a liberdade, mas seremos libertados da nossa velha natureza no momento em que virmos o Salvador, pois ao vê-IO seremos feitos semelhantes a Ele.

É importante que nos apercebamos que todos os filhos de Deus vivem este conflito. Paulo recorda-nos que não sobrevirá nenhuma tentação que não seja “humana” (1 Co 10.13). Os jovens, lutando com problemas juvenis, estão inclinados a pensar que os mais velhos, ou os pregadores, os pastores ou os missionários estão isentos das paixões sombrias e das ardentes tentações. É um perfeito disparate! Tal como Rebeca teve dois bebês que lutaram no seu ventre (Gn 25.22-23), também cada crente tem duas naturezas que lutam no seu interior.

A velha natureza alimenta-se de tudo o que é impuro, enquanto que a natureza nova anseia pelo que é puro e santo. São como o corvo e a pomba que Noé deixou sair da arca. O corvo imundo alimentava-se de todo o lixo e podridão que flutuavam nas águas, mas a pomba regressava sempre à arca até ao dia em que pôde encontrar um lugar limpo para pousar e alimentar-se (Gn 8.6-12). Assim, a velha natureza deleita-se com a lascívia de Hollywood e a imundície da TV. Mas a nova natureza anseia pelo leite sincero da palavra de Deus. É importante saber que a natureza que nutrimos é aquela que irá vencer. Um homem queixava-se que os seus dois cães brigavam constantemente. Um amigo indagou: “Qual deles vence?”, ao que ele respondeu: “Aquele que eu incentivo”. É assim com as duas naturezas, aquela que incentivarmos irá vencer. O caso do cuco também ilustra este fato. O cuco põe um ovo no ninho de outro pássaro, depois deixa que a outra ave o choque juntamente com os seus ovos. Quando a mãe de outra espécie traz comida para o ninho, encontra apenas bicos abertos para a receber. Então, tudo depende do bico que ela vai alimentar. Se o jovem cuco for alimentado, irá expulsar os outros passarinhos do ninho empurrando-os para o chão. Assim acontece no ninho da nossa vida.

Foi a minha velha natureza que o fez

Não devemos desculpar o nosso pecado culpando a velha natureza. Essa forma de transferência de culpa não funciona. Deus responsabiliza a pessoa e não a natureza. Talvez já tenha ouvido a história do motorista, apanhado em excesso de velocidade, que disse ao juiz: “Foi a minha velha natureza que estava em excesso de velocidade”. Ao que o juiz replicou: “Muito a sua velha natureza em 50 libras por excesso de velocidade, e muito a sua nova natureza em 50 libras por ser conivente com a primeira”. Culpar a velha natureza não é uma boa solução.

Os atos de pecado e a prática do pecado

Outra verdade que devemos ter presente é que há uma diferença entre cometer atos de pecado e ser dirigido pelo pecado. Todos os crentes cometem atos de pecado apesar das suas vidas não serem dominadas pelo pecado. Não estão **sem pecado**, mas **pecam menos**.

Na sua primeira epístola, João deixa bem claro que os crentes pecam, afirmando que se o negarmos, enganamos a nós mesmos e fazemos Deus mentiroso (1.8-9). Mas continua dizendo: *“Todo aquele que permanece nele não vive pecando; todo aquele que vive pecando não o viu, nem o conheceu. Aquele que pratica o pecado procede do Diabo, porque o Diabo vive pecando desde o princípio. Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus”* (1 Jo 3.6,8a,9 – ARA).

O fato de João falar sobre o pecado é apoiado pela afirmação de que o Diabo pecou desde o princípio (3.8); sempre tem sido este o seu comportamento. Mas os crentes não são

do Diabo; as suas vidas não são caracterizadas pelo pecado. Levanta-se, assim, a questão: “Quando é que **cometer** um pecado é **praticar** o pecado?” A Bíblia não responde a esta questão. Se o fizesse levaríamos a permissividade até aos seus limites máximos. O silêncio da Palavra de Deus serve como um saudável aviso contra **todo** o pecado.

É possível perfeição sem pecado?

Alguns sinceramente acreditam que é possível um crente atingir o nível onde já não se peca, onde se atingiu a perfeita santificação. Defendem que através de uma experiência de crise com o Espírito Santo, normalmente após a conversão, a natureza pecaminosa é erradicada e que depois dessa ocasião jamais se peca.

Quem defende estes princípios simplesmente não entende o que é o pecado. O pecado é qualquer ato ou palavra que não esteja exatamente de acordo com a perfeição de Deus (Rm 3.23). É insubmissão à lei, ou seja, a determinação de fazer a nossa própria vontade (1 Jo 3.4). Não é apenas fazer o que está errado, mas deixar de fazer o que está certo (Tg 4.17). É fazer qualquer coisa que a nossa consciência condene (Rm 14.23). “O pecado polui a melhor coisa que um crente possa fazer. Mancha o seu arrependimento. Há imundície nas suas lágrimas e descrença na sua fé”. Um homem santificado e muito espiritual disse que mesmo o seu arrependimento precisava ser purificado pelo sangue de Cristo. Outro, percebendo que tudo o que fazia estava manchado pelo pecado, escreveu:

As horas que passamos de joelhos em oração
Quando pensamos que os nossos
cânticos de louvor vão Te agradar,
Ó Examinador de corações, inunda-os de perdão.

“O cristão verdadeiro não é aquele que perdeu a capacidade de pecar, mas perdeu sim, o desejo e a vontade de pecar”.

Agora ele odeia o pecado; quando peca envergonha-se e é inundado de um sentimento de impureza.

Mas alguém poderá perguntar: "Se um cristão não pode estar sem pecado, porque 1 João 2.1 diz: *"Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis"*? A resposta é que o padrão de Deus é sempre a perfeição. Um Deus santo não pode passar por cima de nenhum pecado. Ele nunca poderia dizer, por exemplo: "Pequem o mínimo possível". Isso seria aprovar o pecado e Deus não poderia fazer isso. Assim o modelo que Ele tem para o Seu povo é a perfeição, mas Ele imediatamente tomou medidas preventivas no caso de falharmos. No mesmo verso pode ler-se: *"Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo"*. E, no capítulo anterior, Ele já tinha insistido que os crentes pecavam. Notem:

"Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós" (1 Jo 1.8).

"Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós" (1.10).

É verdade que há versículos que parecem dizer que um crente pode não pecar. Primeiramente Romanos 6.2 diz que o crente morreu para o pecado, mas refere-se à posição do crente em relação a Deus. Aos olhos de Deus ele morreu com Cristo. O velho homem foi crucificado com Ele. Mas, no verso 11, Paulo diz que devemos nos considerar mortos para o pecado e que essa deve ser a nossa forma de viver diariamente. Então, se o verso 2 significasse que não tínhamos pecado, a exortação do verso 11 seria desnecessária.

Há mais três versos que falam do crente tendo sido liberto do pecado (Rm 6.7, 18 e 22). Em todos eles o apóstolo usa a ilustração dos escravos e do senhor. Antes de sermos salvos éramos escravos do pecado. Com a morte de Cristo, morremos para o pecado como **nosso senhor**. Fomos libertos do domínio do pecado, tornando-nos servos da justiça e de Deus.

O Novo Testamento tem passagens que usam palavras como: *perfeito, aperfeiçoado e perfeição*, que poderiam levar

o leitor mais descuidado a inferir isenção de pecado (Mt 5.48; Fp 3.12; Fp 3.15; 2 Tm 3.16-17; Hb 6.1; 9.9; 10.14, 13.20-21; Tg 3.2b; Ap 3.1-2).

Falando de um modo geral, a palavra *perfeito* significa completo, maduro, adulto. Ao ser aplicada a um crente que ainda viva na Terra, nunca poderá significar ausência de pecado. Hebreus 9.9 fala duma **consciência** perfeita perante Deus. Hebreus 10.14 refere-se a uma **posição** perfeita perante Deus.

Em 1 Tessalonicenses 5.23 encontramos outro verso que tem sido usado para ensinar perfeição sem pecado, mas aí Paulo está orando para que a santificação seja extensível a todo o ser do crente – espírito, alma e corpo – para que esteja irrepreensível na Vinda do Senhor.

Depois, também temos os versos bastante perturbadores da Primeira Epístola de João (3.6,9; 5.19). Como já foi explicado, estes versos falam de comportamento habitual, e por isso mesmo encontram-se no tempo presente. A pessoa que nasceu de Deus não pratica o pecado, não vive no pecado. O pecado não caracteriza a sua vida.

Mas devemos levar a sério a doutrina da perfeição sem pecado? Qualquer doutrina que vá contra a Palavra de Deus é um assunto sério. Muitos dos crentes honestos e sinceros, que se esforçaram por viver uma vida de perfeição sem pecado, acabaram desiludidos e, em muitos casos, sofreram de depressão e de esgotamento nervoso. No seu livro “Santidade, O que é Falso e O que é Verdadeiro”, H. A. Ironside nos fala sobre a sua própria fútil busca da santificação completa, o desgaste emocional que sofreu e da paz que inundou a sua vida ao descobrir a verdadeira doutrina da santidade cristã.

Não posso impedir-me de pecar

Não devemos dizer que temos de pecar. A Bíblia nunca afirma isso, e não é verdade. Ao dizermos que temos de pecar, estamos efetivamente duvidando que o Espírito Santo seja poderoso para nos auxiliar a resistir à tentação. Mas Ele tem esse

poder. O problema está em nós, não nEle. Pecamos quando não fazemos uso do Seu poder. Pecamos quando queremos.

Dizer que tenho de pecar é negar os fundamentos do Cristianismo, porque o pecado não tem domínio sobre o crente (Rm 6.14); dizer que não posso pecar é enganar-me a mim mesmo (1 Jo 1.8). Dizer que não preciso pecar é afirmar um princípio divino porque a lei do Espírito da vida em Cristo me livrou da lei do pecado (Rm 8.2). Graças sejam dadas a Deus que nos dá a vitória.

Relacionamento e comunhão

Quando um crente peca, não perde a salvação, mas perde a alegria da salvação. A comunhão na família de Deus é interrompida, mas ele não perde o relacionamento com Deus. Através do novo nascimento, torna-se um filho de Deus, e isso nunca será mudado. No entanto, ao pecar, a comunhão com Deus fica interrompida, porque *"Deus é luz, e não há nele treva nenhuma"* (1 Jo 1.5). O feliz espírito de família continuará interrompido até o pecado ter sido confessado e abandonado (1 Jo 1.9; Pv 28.13).

Há pecados invencíveis?

O crente deve saber que há libertação para todo e qualquer pecado que cometa (1 Co 10.13). Todos nós temos algum pecado que nos atinge, um intruso que nos mantém em seu poder, um hábito que nos derrota. Quantas vezes nos desesperamos em conseguir, alguma vez, a liberdade completa e final! A verdade é que tanto a Palavra de Deus como a experiência humana mostram que não há nada grande demais para Deus, nenhum pecado ultrapassa o Seu poder.

Não um ato mas um processo

No entanto, é igualmente importante saber que não haverá uma experiência única que nos dê a libertação de uma vez

para sempre do poder do pecado que habita em nós. Infelizmente, este fato é muitas vezes negado na Igreja dos nossos dias. Os pregadores oferecem freqüentemente à audiência, um atalho para a santidade. Num emocional “apelo”, encorajam as pessoas a chegar à frente para receber a plenitude, o batismo, a vida de vitória. O povo é iludido ao pensar que tal experiência crítica irá impulsionar alguém, automática e permanentemente, para um nível mais elevado de santidade.

A libertação é um processo que passo a passo – não é algo que se consiga instantaneamente. A promessa é: “*E a tua força seja como os teus dias*” (Dt 33.25 – ACF). Quando nos dizem “*enchei-vos do Espírito*” (Ef 5.18), o significado literal é “enchei-vos **continuamente** do Espírito”. É uma ação presente e contínua. Nenhuma “experiência de altar” que possamos ter tido na noite anterior poderá nos garantir a libertação para as tentações do dia seguinte.

O pecado voluntário

Muitos crentes sofrem de ansiedade desnecessária por pensarem que teriam cometido o pecado voluntário de Hebreus 10.26-27. Conjecturam que, ao usarem a vontade quando pecam, são culpados do pecado voluntário e estão condenados ao julgamento e ao fogo vingador que irá devorar os adversários de Deus.

Mas não é essa a verdade. É essencial apercebermo-nos que há uma diferença entre os **atos** de pecado e o **pecado voluntário e obstinado** de Hebreus 10. O pecado obstinado é a apostasia, e o verso 29 define-o como pisar o Filho de Deus, profanar o sangue do Testamento com que Ele foi santificado, e ultrajar o Espírito da graça. Nenhum crente verdadeiro pode, alguma vez, ser culpado disso! O fato de estar preocupado por pensar que cometeu este pecado é um indicador de que isso não aconteceu. Os que são apóstatas da fé cristã estão tão empedernidos e são tão arrogantes que nem sequer pensam nesse problema. Não temem a Deus ou o Seu castigo.

Ajuda ineficaz para a vitória

Antes de deixarmos a lista das coisas que devemos saber, é útil recordarmos que há certas atitudes e ações que não nos auxiliam na conquista da santidade. O **ascetismo** não ajuda. Em Colossenses 2.23 Paulo diz que apesar da tortura pessoal e da auto-negação terem a aparência de santidade, não "são de valor algum senão para a satisfação da carne". O **monasticismo** não auxilia. Podemos separar-nos do mundo numa cela de um mosteiro, mas não podemos separar-nos de nós mesmos e da nossa própria natureza. A **introspecção** também não auxilia, não há vitória em nós mesmos; nos ocuparmos conosco é como lançar uma âncora dentro dum barco. A **passividade** também não é a resposta. A santidade não sobrevém a quem apenas espera passivamente por ela. Nem sequer sobrevém através de um **intenso estudo da tentação**.

Quanto mais pensarmos numa tentação, mais provável é que vacilemos. Por fim a vitória não se alcança por se **desistir em desespero**. Isso é a derrota, e Deus não pode usar crentes derrotados.

Assim vimos as coisas que devemos saber. A seguir veremos o que devemos fazer.



Capítulo 11

Como Vencer – Ser Cheio do Espírito

SÓ DEUS pode nos tornar santos, mas não o fará sem a nossa cooperação. Como em tantas áreas da vida cristã, há aqui uma curiosa mistura do divino e do humano. **Deus dá** o poder mas nós precisamos nos apossar dele. A nossa obrigação é ser cheios do Espírito. Só andando no Espírito poderemos dizer não aos desejos da carne.

Mas o que significa ser cheio do Espírito? Parece muito etéreo e místico. Parece uma experiência para pregadores e missionários. Não é! É algo que foi ordenado para todo o povo de Deus e não exige nada que seja impossível para qualquer crente. Simplificando, vamos sugerir alguns passos básicos que estão ligados a este assunto.

Não permitir que os pecados se acumulem

Para que possamos manter-nos limpos, precisamos confessar e abandonar os nossos pecados, logo que nos apercebamos deles nas nossas vidas (Pv 28.13; 1 Jo 1.9). Todo o pecado deve ser confessado a Deus, pois todo o pecado é contra Ele. Se enganamos alguém, então devemos confessar-nos também a essa pessoa. A verdadeira confissão deveria ser:

- Imediata – nunca deveríamos esperar até ao final do dia ou da semana.
- Incondicional – não digam: “Se errei em alguma coisa...” ou “Eu perdôo se você me perdoar”. Não sejam como a mulher que disse: “Se errei, estou pronta a ser perdoada”.
- Completa – um homem confessou que tinha roubado um pedaço de corda mas nunca disse que na outra ponta da corda estava um cavalo.
- Específica – dizer tudo como realmente se passou. Chamar o monstro pelo seu verdadeiro nome – bebedeira em vez de deslize, roubo em vez de empréstimo. Pedro não disse: “Eu sou um homem incapaz”, mas “Senhor, sou um pecador”.
- Acompanhada pela determinação de abandonar o pecado – o que se segue não é uma confissão: “Roubei um caixote de pêras”. Não, é melhor dizer: “Roubei dois caixotes. Vou buscar o outro esta noite”.
- De coração – Diga apenas: “Eu estava completamente errado. Sinto-me triste. Por favor, perdoa-me”.

Quando confessamos os nossos pecados honestamente, podemos basear-nos na autoridade da Palavra de Deus para termos a certeza de que estamos perdoados. Deus prometeu perdoar o que confessa, e Ele cumpre a Sua promessa. Nós recebemos o perdão pela fé.

Mas, alguém poderá dizer: “Não me sinto perdoado”. Pode acontecer, mas a verdade é que estamos perdoados, quer nos sintamos perdoados, ou não. A segurança do perdão não sobrevém através de sentimentos mutáveis mas através da Sua Palavra.

Outros poderão acrescentar: “Sei que Deus me perdoou mas eu não consigo perdoar-me”. Tal atitude é uma forma desnecessária de tortura pessoal. Se Deus nos perdoou, o assunto está encerrado; então, por que nos cercamos de sentimentos de culpa?

É verdade que quando Deus perdoa, Ele também esquece (Hb 10.17). Isto não significa que Deus tenha uma má memó-

ria, mas sim que Ele nunca nos imputará esses pecados. Estão esquecidos como um caso encerrado. Um penitente de coração despedaçado, que tinha de novo caído num antigo hábito, suplicou: "Oh Deus, eu preciso confessar. Voltei a fazê-lo". A história diz que Deus respondeu: "A fazer o quê?" No momento em que ele confessou, Deus esqueceu o pecado.

Corrie Ten Boom recorda-nos que Deus, ao lançar nossos pecados nas profundezas do mar, não só esquece, mas também põe um aviso que diz NÃO PESCAR. Ele não quer que nós nos lembremos nem dos nossos pecados, nem dos pecados dos outros que já foram confessados e perdoados. Só devemos recordá-los como uma advertência para não os cometermos outra vez.

Devemos acrescentar que o círculo da nossa confissão deve ser tão amplo como o círculo do nosso pecado, quer seja só para Deus e para alguém que tivéssemos enganado, ou mesmo até para toda a igreja local. Leth Samuel aconselha: "Quando o pecado foi cometido em pensamento, que a confissão fique também restrita ao pensamento. Não se vai, por exemplo, se aproximar de qualquer senhora dizendo que a desejou, o que só trará confusão e embaraço, tendo como possível resultado ainda mais pecado, como acontece em certos círculos... Se foi um pecado secreto em pensamento, que seja confessado secretamente em pensamento e não publicamente, onde o pensamento e o nome de outra pessoa poderá ser enxovalhado e atingido. Se tiver sido cometido abertamente na comunhão da igreja, que seja esta comunhão a conhecer a confissão. Desiludiu-os? Diga-lhes que está arrependido. Foi amargo para com eles, e eles souberam-no devido a coisas que tenha dito? Bem, diga-lhes também que está desesperadamente arrependido pelas coisas que disse".

Harry Lloyd sentiu que a sua consciência o acusava de que, no mundo dos negócios, os seus amigos e clientes lhe atribuíam uma santidade maior do que aquela que ele merecia. Incomodava-o que o louvassem e admirassem como exemplo brilhante de um crente dedicado e assim escreveu o seguinte numa carta pública:

- Gasto quase todas as minhas energias e prioridades para fazer prosperar o meu negócio e procurando o prazer pessoal.

- Praticamente nunca leio a Bíblia.

- Os meus pecados tanto em ações como em pensamentos são bastante graves.

- Os 10% que dou para a obra do Senhor são uma quantia irrisória e não uma oferta sacrificial e são o mínimo que eu posso dar.

- Como patrão sou crítico e exigente.

- Frequentemente sou um pai e um marido rude e pouco amoroso.

- Nem sempre vou à igreja, ao contrário do que fazia quando era criança.

- Podem ver como me sinto uma fraude sempre que as pessoas me louvam. Por isso sou compelido a revelar, com vergonha, que sou um exemplo deplorável de cristão. Não louvem a mais ninguém exceto a ELE.

Não é muitas vezes que podemos ouvir uma confissão tão honesta como esta e é mesmo pouco freqüente que este tipo de confissão nos ocorra.

Restitua o que for possível

A graça de Deus nos ensina que, sempre que for possível, devemos corrigir o que está errado. Isto significa restituir ao seu verdadeiro dono tudo o que lhe foi subtraído. Pode também significar pagar juros sobre o dinheiro roubado.

Zaqueu é um exemplo clássico desse fato, no Novo Testamento. Depois da sua conversão, disse: *"Senhor, resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais"* (Lc 19.8). Ele não o fez para ser salvo, mas porque era salvo.

A restituição deve ser sincera e completa. Não devemos ser como o homem que escreveu ao Ministério da Fazenda, so-

bre a sua declaração de rendimentos: “Não estou conseguindo dormir porque no ano passado, quando preenchi o meu formulário do Imposto de Renda, declarei um valor inferior do meu rendimento real. Anexo segue um cheque de trezentos reais e, se eu ainda continuar com insônia, vou mandar o restante”.

Há situações onde, devido ao passar do tempo, ou pela mudança das circunstâncias, já não é possível fazer a restituição. O Senhor sabe disso, e se o pecado já foi confessado, Ele aceita o desejo sincero de agir em vez do ato em si.

Há alguns anos, quando W.P. Nicholson fez uma série de conferências em Belfast, o Espírito de Deus moveu-se com tal poder que o povo começou a devolver ferramentas que tinham sido roubadas das fábricas locais. Tantas foram devolvidas que as empresas tiveram de construir depósitos para armazená-las. Por fim, acabaram por emitir um comunicado para que não devolvessem mais ferramentas, porque já não havia espaço!

Do mesmo modo, uma vez quando F.B. Meyer pregou na *Keswick Convention*, o correio local ficou sobrecarregado de trabalho quando os cristãos acorreram para devolver dinheiro emprestado e roubado e para fazer outras restituições.

Apresentai os vossos corpos como sacrifício vivo

Avançamos agora para a terceira ação que devemos efetuar para alcançar a santidade prática. Devemos entregar-nos a Deus e apresentar os nossos membros como instrumentos de justiça (Rm 12.1-2; 6.19). A entrega começa como uma crise e deve continuar como um processo. Há uma primeira vez em que apresentamos os nossos corpos a Deus como um sacrifício vivo, e depois, dia a dia, momento a momento, devemos ir aceitando a Sua vontade em vez da nossa, devemos entregar-Lhe as rédeas da nossa vida. Temos que negar-nos a nós mesmos, tomar a nossa cruz e segui-LO. Tal como a con-

fissão nos mantém limpos, a entrega nos mantém úteis para a Sua obra.

Anne Grannis conseguiu reunir o real significado da consagração nas frases seguintes:

Que a minha vida esteja tão vazia do meu "eu" para que o meu Senhor possa entrar,

Instalar Sua mobília e fazer do meu coração a Sua Morada;

E como sei o que isso implica, todas as manhãs, enquanto tudo está calmo,

Vou para um lugar secreto e entrego-lhe a minha vontade.

Ele toma-a sempre com gentileza e mostra-me a dEle.

Então fico pronta para começar o dia e para o que venha a acontecer.

E é assim que o meu Salvador controla os meus interesses, as minhas fraquezas,

Porque nos encontramos ao nascer do dia para fazer uma troca de vontades.

Quando Taylor Smith se levantava de manhã, ajoelhava-se ao lado da cama e dizia estas simples palavras: "Senhor, a minha cama é o teu altar, eu próprio sou o teu sacrificio vivo". Colocava-se deste modo, diariamente, à disposição do Senhor.

Quando Arthur Pierton perguntou a George Müller: "Qual é o segredo da grande obra e das coisas maravilhosas que Deus tem feito por intermédio de você?", Müller olhou para o céu por um momento, curvou a cabeça e dobrou-se quase até tocar com a testa nos joelhos. Ficou em silêncio por um momento e depois respondeu: "Há muitos anos que George Müller morreu para mim. Quando eu era jovem, tinha muitas ambições, mas um dia morri para todas elas e disse: 'De hoje em diante, Senhor Jesus, que se faça a Tua e não a minha vontade'. Desde aí Deus começou a operar em mim e através de mim".

General Booth expressou esta idéia de forma diferente, dizendo: “Quando eu tinha dezessete anos, resolvi que Deus devia possuir tudo o que era de William Booth”.

Saturem plenamente a vossa vida com a Palavra de Deus

A quarta necessidade absoluta é aproximarmo-nos e mantermo-nos perto da Palavra de Deus, tão perto que as nossas vidas sejam saturadas por ela. É preciso ler, decorar, estudar, meditar e obedecer à Palavra de Deus. Ao lê-la, apercebemo-nos do plano geral do código de comportamento que Deus delineou para nós. Ao decorá-la, permitimos que o Espírito Santo nos recorde de certas passagens quando precisarmos testemunhar, quando somos tentados e estamos indecisos. Mas ao estudá-la, somos libertos das falsas doutrinas e das falsas esperanças. Meditando nela, somos transformados através dAquele que pela Bíblia nos fala. E ao obedecer-lhe, somos guiados por veredas da justiça.

O Salmista reconheceu o elo existente entre a santificação e a Bíblia, escrevendo: *“De que maneira poderá o jovem guardar puro o seu caminho? Observando-o segundo a tua palavra. Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti”* (Sl 119.9,11). Jesus confirmou este elo quando orou: *“Santifica-os na verdade. A tua palavra é a verdade”* (Jo 17.17). Podemos ainda encontrar mais referências a este elo em dois provérbios dos dias atuais:

- Este Livro te afastará do pecado, ou o pecado te afastará deste Livro.
- Há duas idéias que não devem ser separadas: Se há pó sobre a Bíblia, há gelo no coração.

É indiscutível que, para se estar cheio do Espírito Santo, é preciso que se esteja repleto da Palavra de Deus. Em Efésios

5.19, Paulo disse que a plenitude do Espírito é seguida por falar *"entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais"*. Em Colossenses 3.16, disse também que, quando a Palavra de Deus habita em nós abundantemente, é acompanhada de ensinamentos e admoestações mútuas *"em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração"*. Duas coisas iguais a outra são iguais entre si. Conclusão: estar cheio do Espírito Santo é o mesmo que deixar que a Palavra de Cristo habite ricamente em nós.

Não há santidade sem a Bíblia. McCheyne disse: "Creio que Deus poderia santificar sem a Bíblia. Os anjos foram feitos santos sem a Palavra de Deus, Adão foi feito santo sem a Bíblia, mas Deus não o fará conosco. 'Santifica-os com a Tua Palavra. A Tua Palavra é a verdade'. Tal como uma mãe alimenta o filho, Jesus toma uma alma e alimenta-a com o leite da Palavra de Deus". As pessoas ficam desiludidas se confiam numa experiência pessoal, mas depois não abrem as Bíblias, a não ser no fim de semana.

Orai sem cessar

Também não há santidade sem oração. Era inevitável que, ao deixar-nos um modelo de oração, Jesus incluisse a petição: *"E não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal"* (Mt 6.13). Nenhuma oração poderá estar completa sem um grito do coração pela libertação do pecado.

Aqui se encontram alguns pedidos que poderemos adicionar à nossa lista de oração diária:

- "Senhor, auxilia-me a viver uma vida santa".
- "Ajuda-me a lembrar que sou habitado pelo Espírito Santo e por isso não devo fazer nada que O entristeça".
- "Torna-me tão santo quanto possível para alguém que ainda está aquém do Céu".
- "Mantém-me longe do pecado, mesmo que eu queira cometê-lo".

- “Nunca permitas que a tentação de pecar e a oportunidade para pecar coincidam”.

- “Não me deixes morrer como um decrépito (ou uma decrépita)”.

- “Não permitas que eu faça nada que desonre o Teu nome”.

- “Leva-me para Ti ao invés de me deixar cair em pecado”.

É certo dizer que ninguém pode esperar viver em santidade sem machucar os joelhos em oração.

Fiquem na comunhão cristã

A comunhão com os outros crentes também é uma boa influência santificadora. Tal como os pássaros de um bando permanecem juntos, assim deve ser o povo de Deus. Quando Pedro e João foram libertados do Sinédrio, imediatamente procuraram os seus companheiros cristãos (At 4.23). Nós somos exortados a não faltarmos às reuniões (Hb 10.25). No livro de Atos, sempre que o Espírito Santo desceu de forma dramática, havia um grupo de pessoas reunidas. Essa experiência foi conhecida como “uma experiência comum do Espírito”.

Recordar regularmente a morte do Senhor, pelo Partir do Pão, lembra-nos do preço que os nossos pecados custaram ao Salvador e por isso é um forte impedimento ao pecado. A Ceia do Senhor é por vezes usada por Deus para nos mostrar a Sua avaliação do pecado e depois, através dela, somos fortificados para resistir ao maligno. E isto acontece em todas as reuniões da igreja local.

Mantenham-se ocupados para o Senhor

Os cristãos vitoriosos tem posto à prova o valor de se manterem ocupados com o Senhor (Ec 9.10). Isaac Watts escreveu:

Com obras de trabalho, ou de perícia
Também eu me envolveria,
Pois Satanás encontraria alguma maldade
para ocupar mãos vazias.

Uma outra maneira de dizer é que as ocasiões de maior tentação e perigo são quando estamos desocupados. Davi, para sua vergonha, aprendeu bem essa lição. Na primavera, quando todos os reis saíam para a batalha, Davi estava ocioso, olhou e desejou (2 Sm 11). Passado pouco tempo já tinha cometido adultério, e tentava esconder o seu pecado com um homicídio.

Quando pensamos em Sodoma, pensamos na homossexualidade, mas Ezequiel lembra-nos que outro dos pecados mais gritantes desta cidade foi *"abundância de ociosidade"* (Ez 16.49 – ACF). Não é de admirar que fosse um antro de imoralidade!

Ao nos mantermos ocupados para o Senhor, podemos praticar o que é conhecido por sublimação, ou seja, desviar do objetivo primitivo a energia de um impulso físico para outro que seja cultural e eticamente mais elevado. Especialmente os que são chamados para viver vidas de celibato devem redirecionar as suas energias físicas para o serviço incansável! Como alguém já afirmou, devem se *"matar trabalhando"*, e renovar-se na oração. Há uma segurança tremenda nos dias que são ocupados com trabalho produtivo.

Pratiquem a disciplina do corpo

Vamos juntar a disciplina do corpo ao acima exposto. Paulo disse: *"Mas esmurro o meu corpo e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado"* (1 Co 9.27).

É claro que Paulo não queria dizer que torturava fisicamente o corpo, mas sim, que exercitava o autodomínio em áreas, tais como: sexo, sono, comida e exercício. Ele não podia entregar-se para a satisfação dos apetites da carne. Para

muitos de nós isto implicaria dizer “não” centenas de vezes por semana. Envolve uma rejeição da sabedoria comum do mundo: “Se é bom, vá em frente!”

Nunca devemos esquecer que Deus nos recompensa sempre que resistimos à tentação. Tiago disse: “*Bem-aventurado o homem que suporta, com perseverança, a provação...*” (Tg 1.12). E Ella Wheeler Wilcox escreveu:

Oh! quando nos alistamos nas linhas imortais,
Será que não vamos descobrir
Que, não por ações, mas por termos resistido
Os nossos lugares nos foram guardados.

Significa disciplinar o tempo gasto dormindo: um despertador pode ser um apetrecho muito espiritual. Significa controlar a comida e as bebidas, lembrando que “*fartura de pão*” era outro dos pecados de Sodoma (Ez 16.49).

Significa fazer muito exercício físico, que o apóstolo Paulo admitiu que “*pouco aproveita*” (1 Tm 4.8), ou que tem pouco valor.

Resumindo, significa o seguinte: Quando a tentação bate, enviem Jesus para abrir a porta.

Vigiem os vossos pensamentos

Tão importante como a disciplina do corpo é a dos pensamentos. O fato é que podemos controlar o que pensamos, quer para o bem quer para o mal. A mente é uma fonte da qual provém as nossas ações (Pv 4.23). Tiago mostra com clareza (Tg 1.13-15) que o pecado começa na mente de cada um de nós. Se for acalentado o tempo suficiente, levará ao ato, e este, se persistir levará à morte. É como o ciclo da vida: concepção, nascimento, crescimento e morte.

Nós tornamo-nos naquilo em que pensamos. Um homem é o que pensa (Pv 23.7). É por isso que é importante exercitar o controle sobre a TV, o vídeo, a Internet, o rádio, os filmes,

as revistas e qualquer outra coisa que desperte "o animal" que habita em nós. Por vezes brinco com os jovens dizendo-lhes que só encontro a TV duas vezes na Bíblia:

"...e a palavra do Senhor era de muita valia naqueles dias; não havia (tele)visão..." (1 Sm 3.1b – ACF). E no Salmo 119.37: *"Desvia os meus olhos, para que não vejam a vaidade..."*

Quando o seu aparelho de televisão ficou avariado, na véspera de Ano Novo, um casal crente perguntou ao Senhor se deviam substituí-lo ou abandonar a idéia de ver televisão. Na manhã seguinte, leram o Sl 101. Receberam a direção que tinham pedido ao lerem os versos 2b,3a: *"Andarei em minha casa com um coração sincero. Não porei coisa má diante dos meus olhos..." (ACF).*

Na vida de todos há objetos que trazem associações malignas. Judas adverte-nos que devemos praticar o controle sobre a nossa mente abominando estes objetos (Jd 23). Mas também existe um lado positivo ao controlarmos os nossos pensamentos. Devemos não só expulsar os pensamentos malignos, como também inundar a nossa mente do que é puro e santo (Fp 4.8). Este é o "poder bíblico do pensamento inundado pela Palavra!"

A experiência ensina-nos que não podemos ter dois pensamentos ao mesmo tempo. Aplicando essa regra de forma prática – não poderemos pensar em pecado e em Cristo simultaneamente. Por isso, quanto mais pensarmos no Senhor, mais pura será a nossa vida. Podemos até ir mais longe dizendo que, quanto mais pensarmos no Senhor, mais semelhantes a Ele nos tornaremos. Este conceito é defendido por Paulo em 2 Coríntios 3.18: *"Mas todos nós, com rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor" (ACF).*

Este é um versículo crucial para a área da santidade cristã, e merece uma análise mais cuidadosa.

"Mas todos nós..." – ou seja, os verdadeiros crentes.

“...com rosto descoberto...” – o pecado põe um véu entre a nossa face e o Senhor. Confessando e abandonando os pecados, ficamos de rosto descoberto. Nesse caso nada nos separa do Senhor.

“...refletindo como um espelho” – a Palavra de Deus é o espelho.

“...a glória do Senhor...” – na Bíblia, admiramos a excelência moral do Senhor Jesus, a perfeição do Seu caráter, a beleza de todas as Suas obras e caminhos.

“Somos transformados na mesma imagem” – quando O admiramos e adoramos, tornamo-nos como Ele. Somos transformados pela observação. É como alguém já disse: “Somos salvos ao olhar para Ele, mas somos santificados ao contemplá-lo”.

“...de glória em glória” – esta transformação efetua-se por níveis. De um nível de glória para outro. Não acontece de uma só vez, mas continua enquanto O contemplarmos.

“...como pelo Espírito do Senhor” – a transformação do nosso caráter é efetuada pelo Espírito Santo. Ele produz semelhança a Cristo em todos os que, pela fé, observam o Salvador tal como Ele é revelado na Bíblia.

William D. Longstaff afirmou estes fatos do seguinte modo:

Ao olhar para Jesus seremos como Ele;
E, na nossa conduta, a Sua semelhança
se verá em nós.

Escolham fugir e não cair

Há ocasiões quando demonstramos coragem ao fugir, distanciando-nos uns bons quilômetros da tentação que se avizinha. José o fez (Gn 39.8). É verdade que perdeu uma túnica mas ganhou uma coroa, provando que “aquele que luta e foge fica vivo para lutar outra vez”. Somos especificamente admo-

estados para fugir da fornicção (1 Co 6.18); da idolatria (1 Co 10.14), da cobiça (1 Tm 6.11) e dos desejos da mocidade (2 Tm 2.22).

Jesus ensinou que devemos repetidamente agir resoluto e fortemente, dizendo: *"Portanto, se a tua mão ou o teu pé te faz tropeçar, corta-o e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida manco ou aleijado do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno. Se um dos teus olhos te faz tropeçar, arranca-o e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida com um só dos teus olhos do que, tendo dois, seres lançado no inferno de fogo"* (Mt 18.8-9). Certamente Ele não se referia a que deveríamos mutilar o corpo, pois é o templo do Espírito Santo, mas estava apenas a realçar que não devemos menosprezar o pecado, mas lidar com ele o mais radicalmente possível.

Alguém sugeriu um dia que, ao fugirmos da tentação, nunca devemos deixar um endereço para que ela não torne a nos visitar.

Respondam à tentação como se estivessem mortos

No entanto, ainda não esgotamos a lista de coisas que é preciso fazer para seguirmos este caminho de santificação. Paulo recorda-nos que devemos considerar-nos mortos para o pecado (Rm 6.11). A imagem é muito viva e inesquecível. Imagine um corpo num caixão forrado de cetim. Uma antiga amante dirige-se ao corpo e cumprimenta-o. Não há resposta! Depois convida-o para saírem nessa noite. O corpo permanece imóvel e silencioso. Ela recorre a tudo para o incitar a pecar, mas em vão; ele está morto. Assemelha-se à tentação de Agostinho. Um dia, ele foi abordado por uma mulher que tinha sido sua amante antes de sua conversão. Quando ele voltou as costas e se afastou dela, esta chamou-o: "Agostinho, sou eu, sou eu!" Apertando o passo, ele respondeu por cima do ombro: "Sim, mas eu já não sou o mesmo".

Consideramo-nos mortos para o pecado quando respondemos às solicitações malignas da mesma forma que um morto responderia. Mas não ficamos por aí. Podemos considerar-nos vivos para Deus, em Jesus Cristo, o nosso Senhor. Isso significa que Lhe respondemos com obediência imediata, procurando fazer sempre aquilo que agrada ao Seu coração.

Evitem o toque do perigo

Outro conselho prático é evitar pequenas familiaridades – toques, carícias, palavras carinhosas, linguagem corporal, comportamento insinuante. Jerry Jenkins, no *Moody Monthly*, dá uma lista de “regras” que segue como barreira para proteger a si próprio, à sua esposa, à sua família, ao seu patrão, à sua igreja e à reputação de Cristo.

1. Sempre que preciso me encontrar, jantar ou viajar com uma mulher sozinha faço-o a três. Se uma complicação de última hora torna isso impossível, dou a notícia em primeiro lugar à minha esposa.

2. Tenho o maior cuidado com o contato físico. Apesar de em geral cumprimentar com um aperto de mão, só abraço amigos muito queridos ou família, e só em frente de terceiros.

3. Se elogio alguém, faço-o referindo a roupas ou penteado, não à própria pessoa. Comentar a indumentária bonita duma mulher é bastante diferente do que lhe dizer que ela própria é bonita.

4. Evito comentários ou conversas sugestivas, mesmo em tom de piada.

5. Muitas vezes digo à minha mulher, ou lhe escrevo num bilhete, que lembro bem dos meus votos de casamento: “amar só a ti, enquanto ambos vivermos...” Ela não é uma mulher ciumenta, nem nunca exigiu algo assim, mas gosta das minhas regras e eu as cumpro.

6. Desde a hora em que chego em casa do trabalho, até os meus filhos se deitarem, não escrevo nem vou para o escritó-

rio. Assim, tenho todo o tempo para estar com a família e para continuar o namoro com a minha mulher.

Evitem tudo o que enfraqueça a vontade

Além de evitar quaisquer palavras ou ações sugestivas, devemos também evitar tudo o que enfraqueça a nossa resistência inata ao pecado, tal como o álcool, drogas, etc. Sob a influência do álcool ou de drogas, as pessoas fazem coisas que normalmente não fariam.

Erin Lutzer comenta:

A experiência de Noé ilustra que a bebedeira e a permissividade normalmente andam de braços dados. Na primeira vez que a Bíblia se refere a uma bebedeira, lá está Noé, nu, deitado na sua tenda. O alcoolismo enfraquece sempre as defesas morais. Depois de algumas bebidas, as inibições desaparecem e pessoas bastante razoáveis sentem-se livres para fazer aquilo que habitualmente considerariam embaraçoso. Recentemente ouvi um homem discutindo as suas proezas imorais: "Tomamos um copo e depois..." O álcool permite que as pessoas ajam como animais sem se incomodarem com o fato. Longe de afogarem os problemas, os alcoólatras descobrem que, ao beber, os problemas aumentam.

Peçam auxílio

Que faremos nas horas de tentação feroz, quando nos sentimos tão sobrecarregados e indefesos? A resposta é: "Invocuem o nome do Senhor". *"Torre forte é o nome do SENHOR, à qual o justo se acolhe e está seguro"* (Pv 18.10). Quando o próprio Pedro se sentiu afundar debaixo das ondas, gritou *"Salva-me, Senhor!"* (Mt 14.30). O Senhor salvou-o imediatamente, como sempre faz.

Acredite que Deus opera em nós e através de nós

Samuel Rutherford avisou: “Exponham-se às circunstâncias que Ele escolher”. O que significa isto? Deixemos John L. Baird explicar: “Significa que, quando nos apresentamos a Deus de manhã e Lhe oferecemos o dia que temos à frente, nada poderá acontecer durante aquele dia que não tenha sido permitido pela vontade de Deus. Tudo tem o seu lugar e o seu propósito. Coisas que podem ir contra todos os nossos planos; coisas que podem nos perturbar, modificar; mas se, realmente, já tivermos entregue o nosso dia ao Senhor, então devemos crer que tudo o que acontece nesse dia é permitido pela Sua vontade. Não devemos nos rebelar contra isso, pois só amargaria a nossa alma, e perderíamos a própria bênção que Deus quer nos dar, mas devemos expor-nos à situação... Aceitar as circunstâncias, assim como são”.

Harold Wildish tinha uma exortação semelhante na primeira página da sua Bíblia: “Ao deixar todo o peso do pecado na obra consumada de Cristo, deixem também todo o peso da vida e do serviço, e descansem na obra presente que o Espírito Santo está operando em vós. Neguem-se a si mesmos todas as manhãs para poderem ser guiados pelo Espírito Santo, e continuem louvando e confiando, deixando-O dirigir a vocês e ao vosso dia. Cultivem o hábito de, através do dia, depender alegremente dEle, obedecendo-Lhe, esperando a sua direção, iluminação, repreensão e ensino, que Ele os use e faça em e através de vocês aquilo que desejar. A Sua obra é real, mesmo que a vista ou a percepção não o possam compreender”.

Ser cheio do Espírito não é excitação, é santidade. Os dias podem ser rotineiros, mundanos, mesmo trabalhosos. Há momentos em que nos sentimos no cimo do monte – o suficiente para ficarmos encorajados. Mas os caminhos da vida mudam. O nosso serviço será tocado com o sobrenatural. Ficaremos conscientes que Deus está operando em nós e através de nós,

mas sem nos sentirmos orgulhosos. Ao tocarmos outras vidas algo acontecerá para Deus.

Surgirá também o poder (Lc 24.49, At 1.8); a ousadia no testemunho (At 4.13, 29, 31), a alegria (At 13.52), o louvor (Lc 1.67-75; Ef 5.19-20) e a submissão (Ef 5.21).

Agora vamos mudar de direção para considerar um aspecto diferente no assunto da santificação. O crente encontra-se em dois reinos – o do Senhor e o do mundo. É essencial que ele perceba a diferença e saiba a qual deles se submete.



Capítulo 12

Os Dois Reinos

ESTA é a história dos dois reinos. Um é o mundo, e o outro é o reino do Filho de Deus. São irreconciliáveis e completamente diferentes. Um é a esfera das trevas espirituais e morais, o outro é a esfera da luz. Há um tremendo abismo entre os dois.

O mundo

Quando falamos do mundo neste sentido, não estamos nos referindo ao Planeta Terra, à natureza com a sua beleza, ou mesmo ao mundo da humanidade perdida. Mas referimo-nos à civilização pagã que o homem construiu independente de Deus. É toda a esfera de ligações e atividades pelas quais o homem procura ser feliz sem Deus. É a sociedade humana sem Deus. Tem falsos princípios, falsos valores e falsos deuses. É caracterizado pelos desejos básicos, egoísmo e amor próprio. Realmente é o homem ordenando tudo em oposição a Deus. O Senhor não só é negligenciado e esquecido, como também profundamente hostilizado. É mais do que uma alienação; é uma guerra.

O reino do nosso Senhor

Quando falamos do reino do Filho de Deus, referimo-nos à sociedade de pessoas que reconhece Jesus Cristo como Senhor e Salvador. É a comunidade cristã. (Apesar de existir

uma diferença técnica entre o reino e a Igreja, neste caso vamos dar-lhes a mesma definição).

Satanás e Cristo

Satanás é o ditador do mundo, impondo as suas prioridades e políticas. Chamam-no de príncipe deste mundo (Jo 12.31; 14.30, 16.11), o deus deste século (2 Co 4.4), e o maligno (1 Jo 5.19). Ele é mentiroso e o pai da mentira (Jo 8.44), o seu objetivo é apenas roubar, matar e destruir (Jo 10.10). O Senhor Jesus Cristo é o Príncipe do outro Reino. O seu objetivo é dar vida abundante (Jo 10.10). Apesar de haver muitos príncipes, para os cristãos *"há um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós também, por ele"* (1 Co 8.6b).

Quem pertence a quem?

Todas as pessoas não convertidas estão sujeitas ao reino do mundo (1 Jo 5.19). Tornam-se membros desse reino por nascimento, pertencem ao mundo no sentido de se sentirem à vontade no mundo. O salmista referiu-as como *"homens mundanos, cujo quinhão é desta vida"* (Sl 17.14). Amam o mundo e são amados pelo mundo (Jo 15.19).

Quando alguém tem um novo nascimento, passa do primeiro reino para o segundo (Jo 3.3,5), e esta passagem é testemunhada com o batismo nas águas. Apesar de ainda estar no mundo, já não lhe pertence, já não faz parte do seu sistema (Jo 14.18; 17.11), mas é agora um estranho, um peregrino (1 Pe 2.11), viajando pelo mundo até chegar à sua casa celestial, sem levar consigo nada que pertença ao caráter do mundo. Não ama o mundo, pois sabe que se o fizesse, seria um inimigo de Deus (1 Jo 2.15). Escolhe deliberadamente ser odiado pelo mundo (Jo 15.18-19; 17.14; 1 Jo 3.13). De forma muito real ele é um inconformado, recusando-se a permitir que o mundo que o rodeia o molde (Rm 12.2). Mantém um relacionamento antagônico com o mundo, e não uma co-existência

pacífica. Testifica contra as obras e a maldade do mundo (Jo 7.7) mas também lhe dá o testemunho do Evangelho, falando sobre a forma como os homens podem ser libertos da escravidão do mundo para assim encontrarem a verdadeira liberdade em Cristo (2 Co 5.18-21). O mundo é muito atraente, fascinante e sedutor. Para alguns crentes até tem um certo charme, e sentem-se em desvantagem quando se desligam dele por completo. São os que tentam viver com um pé em cada lado do muro, pois querem o melhor dos dois mundos. Devido a esse fato, a diferença entre o mundo e a Igreja fica um pouco indefinida. Por isso alguém disse: “Procurei a Igreja e encontrei-a no mundo; procurei o mundo e encontrei-o na Igreja”. E Wordsworth disse:

O mundo está perto demais de nós. Mais cedo ou mais tarde, ganhando e gastando acabamos por perder as forças.

Se um filho de Deus insistir em confraternizar com o mundo, Deus permite, freqüentemente, que o faça para que, através de experiências amargas, ele aprenda como o mundo é algo vazio. É tudo fachada. Os seus prazeres são vãos e breves. Não pode proporcionar satisfação duradoura. A perspectiva pode ser agradável mas a retrospectiva é bastante amarga.

Tentei beber das cisternas rotas, Senhor,
Porém as águas falharam!
Quando me debrucei para beber, elas desapareceram
E riram-se do meu grito de lamento!

O que há no mundo?

O apóstolo João diz-nos que tudo o que pertence ao mundo é a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida (1 Jo 2.16). Tradução: o mundo exalta o sexo, a paixão, a violência, a guerra, a riqueza, o nível social

e o poder. As pessoas do mundo vivem para o tempo presente e não para a eternidade; para as coisas que passam e não para as pessoas; para si próprias e não para Deus. Todos os seus planos acabam na sepultura. O crente tem uma escala de valores diferente. Ele é marcado pelo amor, e não pela concupiscência; pela pureza e não pela paixão; pela paz e não pelo conflito. Valoriza a justiça, a paz e a alegria no Espírito Santo (Rm 14.17). Em vez da concupiscência dos olhos, preocupa-se com os desejos da fé. Em lugar da concupiscência da carne, é tomado pelos desejos do Espírito. Em vez da soberba da vida ele procura a glória de Deus.

Que quer dizer mundano?

No passado havia a tendência de limitar o mundanismo a tabus, tais como fumar, beber, dançar, jogar cartas e ver filmes. Agora o pêndulo balançou para o lado oposto. Hoje dizem-nos que estas coisas não são mundanas, mas o que devemos evitar são as atitudes e motivos errados, e os pensamentos pré-concebidos. Tudo isso levou Erwin Lutzer a dizer: "Muitos crentes fazem objeções a uma determinada lista de pecados, não porque queiram elevar a conduta cristã ao nível radical do Novo Testamento, mas porque gostariam de baixar o nível dos seus padrões pessoais de comportamento. Talvez pensem que estão perdendo alguns prazeres, até mesmo os sensuais. Então, criticam os tabus do passado devido a razões erradas, pois as suas convicções escorregam continuamente na areia movediça da indiferença moral".

Qual dos mundos?

O mundo tem formas diferentes. Há o mundo da política que por si só já é corrupto. Há o mundo do comércio, repleto de práticas pouco éticas. Há o mundo da religião, de mãos manchadas com o sangue de Jesus. Há o mundo da arte, música e cultura, onde o nome de Jesus é banido por causar

embaraço. Há o mundo das diversões, com a sua imundície, as suas insinuações sexuais, o “ficar”, etc. Hollywood e a TV dão imagens “ao vivo e a cores” desse mundo.

Como é que o crente responde aos vários aspectos do mundo? Quanto o mundo político precisa lembrar que nem Cristo e nem os Apóstolos ficaram envolvidos com ele. O Senhor disse: “*O meu reino não é deste mundo*” (Jo 18.36). E Paulo recordou-nos que a nossa cidadania está no Céu (Fp 3.20). A solução para os problemas dos homens não reside na política, mas sim no Evangelho da graça redentora.

O povo de Deus não pode viver completamente isolado dos negócios do mundo, por isso Paulo aconselha sabiamente: “Usem, mas não abusem” (ver 1 Co 7.21). Tal como soldados no cumprimento do dever, não devemos nos **embaraçar** nele (2 Tm 2.4 – ACF).

Quando falamos do mundo da religião, queremos nos referir àquela esfera da qual o Cristo da Bíblia é excluído. As ordens do crente são segui-LO, até fora do campo da religião organizada, levando o Seu vitupério (Hb 13.11-14).

Quanto ao mundo da cultura, arte e música, trata-se de uma questão de estabelecer prioridades. Quando Paulo foi a Atenas, um dos centros de cultura, não se impressionou com os seus monumentos e arte, mas entristeceu-se com a idolatria que encontrou – tão triste ficou que teve de sair para o Areópago e pregar as Boas Novas da Salvação (At 17).

E o mundo do lazer, das distrações? Entreter as pessoas no caminho para o inferno? É a isso que a vida se resume? Será que Hollywood é inofensivo? Será que o teatro nos eleva espiritualmente? A resposta nua e crua é que quem se alimenta deste tipo de imundície e de lixo nunca trará frutos para Deus.

Um discípulo deve ter o seu lugar fora da ordem normal das coisas. Arquimedes disse que podia mover o mundo se tivesse uma alavanca do lado de fora. Assim acontece com o crente: nunca poderá mover o mundo se não se separar dele.

Dois tipos de sabedoria

A seguir vamos nos debruçar sobre a sabedoria do mundo em oposição à sabedoria de Deus. Talvez o contraste possa ser visto com mais clareza dando exemplos em forma de colunas.

A SABEDORIA DO MUNDO	A SABEDORIA DE DEUS
A realidade está no que se vê, toca e manuseia.	Porque as coisas que se vêem são temporais, e as que não se vêem são eternas (2 Co 4.18)
A sabedoria encontra-se na mente e no intelecto do homem.	O temor do Senhor é o princípio da sabedoria (Sl 111.10).
Grandeza é ser senhor para ser servido.	Grandeza é tomar o lugar mais baixo, é servir (Lc 22.26-27).
A verdade é tudo o que parece culturalmente aceitável em qualquer época.	A verdade é o que Deus diz em tudo (Jo 17.17). Nunca muda.
O objetivo é grandes números, tamanhos enormes. Grande é maravilhoso.	O importante é o remanescente, a minoria, a qualidade que poucos têm. (Ver o exército de Gideão (Jz 7.1-7).
Salva a tua vida vivendo para ti mesmo, e pensando em ti em primeiro lugar.	Perde a tua vida por Cristo e o Evangelho (Mc 8.35), amando os outros mais do que a ti mesmo (Fp 2.3b) e vivendo para os outros.

Os Dois Reinos

<p>O sucesso é alcançado com a luta para chegar ao topo para ter importância, fama, posição social e prestígio.</p>	<p>O discipulado é o esvaziamento de nós mesmos (Fp 2.7).</p>
<p>A riqueza é ganha acumulando bens materiais.</p>	<p>A prosperidade da alma é a verdadeira riqueza. O crente acumula os seus tesouros no céu (Mt 6.20). Ele é rico, não em abundância de coisas materiais, mas em tesouros espirituais e na insignificância dos seus desejos. Ao deixar tudo, tudo ganha.</p>
<p>Ver é crer. O homem do mundo caminha seguindo à vista. Os fins justificam os meios.</p>	<p>Crer é ver. O filho de Deus caminha pela fé, não pela visão (2 Co 5.7). Façam só o bem, obedeçam à Palavra de Deus, e deixem os resultados com Ele (At 5.29).</p>

Contrastando a sabedoria do mundo com a sabedoria de Deus, Paulo escreveu: *“Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação. ...mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens”* (1 Co 1.21, 23-25).

Os métodos dos dois reinos

Se a sabedoria dos dois reinos é tão diferente, é inevitável que os seus métodos e estratégias sejam também diferentes. Aqui ficam alguns contrastes:

OS MÉTODOS DO MUNDO	OS MÉTODOS DE CRISTO
Ajude só quem pode ajudá-lo também.	Ajude quem não puder retribuir (Lc 14.12-14).
Vingança. Olho por olho.	Pague o mal com o bem (Rm 12.20; 1 Ts 5.15).
Se necessário use a violência.	Ofereça a outra face (Lc 6.27-29).
Distribua baseado na avareza.	Distribua de acordo com a necessidade (Mt 20.1-16).
Ultrapasse os obstáculos com subornos, esperteza e corrupção.	Faça sempre o que é reto (1 Jo 2.1), recusando um subterfúgio desonesto.
A vida é uma competição.	Oferecer cooperação e auxílio sem sacrificar nenhum dos princípios – é esse o caminho a seguir (1Co 12.25).
Faça o mínimo possível para tentar ganhar o máximo.	Trabalhe como para Cristo (Cl 3.22-24), procurando dar bom testemunho em tudo, pela diligência e a excelência.
Julgue pelas aparências.	Julgue com justiça (Jo 7.24).

Que tipo de armas?

As armas do mundo não só incluem armas e tanques mas também dinheiro, propaganda, publicidade, a manipulação psicológica das pessoas e práticas desonestas. As armas do crente são a Palavra de Deus, a oração, a fé e o amor e elas são “*poderosas em Deus para destruição das fortalezas*” (2 Co 10.4 – ACF).

Honras

Agora pensemos nas honras que o mundo oferece. Como é que inspira e motiva todos os que lhe estão sujeitos? Usando placas, fitas, diplomas, medalhas, troféus, fardas e títulos. Uma vez, Napoleão ergueu um pedaço de fita colorida e disse: “Com fitas como esta eu poderia fazer um reino!” É estranho – quando nos lembramos que podemos comprar todas as fitas que quisermos, a dez reais o metro, numa loja de artigos para costura. Homens e mulheres estão dispostos a correr a maratona para receber uma coroa de louros – uma coroa que irá murchar. Estas são as honras do mundo.

Paulo referiu-se a elas como sendo coroas corruptíveis, afirmando que os cristãos buscam a coroa incorruptível (1 Co 9.25). A obra de Deus motiva os crentes a se esforçarem por receber a coroa da justiça, a coroa da alegria e a coroa da glória. Os que confessam Cristo perante o próximo serão confessados por Ele perante Deus Pai e todos os anjos (Mt 10.32; Lc 12.8). E que honra se comparará àquela de ouvir o Salvador dizer: “*Muito bem, servo bom e fiel*” (Mt 25.21, 23)? A fé permite que o crente possa dizer:

Ó glória e pompas do mundo,
que beleza vã!
Ouvi uma doce história!
Encontrei a verdadeira vitória.
Cristo um lugar me preparou,

Onde será a minha morada;
Lá O contemplarei
Lá habitarei com Deus.
(Hannah K. Burlingham)

O cidadão ideal

O cidadão ideal do mundo é uma pessoa rica, orgulhosa e arrogante que proclama ser a maior. Mas não no reino de Cristo! Aqui, o cidadão ideal é aquele que é pobre de espírito, o que chora, o manso, o que tem fome e sede de justiça, o misericordioso, o que tem o coração limpo, o pacificador, o que é perseguido por causa da justiça, (Mt 5.3-12). Jesus se preocupa especialmente com o que é inferior, o último, o de menor posição social, o pobre, o desprezado e o deserdado (1 Co 1.27-29; Tg 2.5).

Conclusão

Cristo morreu para nos libertar do presente mundo maligno (Gl 1.4). Estamos crucificados para o mundo e o mundo está crucificado para nós (Gl 6.14). A cruz é toda a nossa glória.

O mundo nada mais deu ao nosso Salvador do que uma cruz e uma sepultura. Deus nos livre de nos sentirmos bem num sistema como este.

Nada mais somos que estranhos neste mundo
Vivemos na Terra que Te deu só uma sepultura:
A Tua cruz cortou os laços que aqui nos ligavam,
Tu és o nosso tesouro mais precioso num mundo mais
brilhante.
(James G. Deck)

O mundo está sob a condenação de Deus. O apóstolo João disse: *"O mundo passa e a sua concupiscência"*. E Donald

Gray Barnhouse sabiamente afirmou: “Não estamos interessados no mundo pois é uma civilização condenada, destinada a ser destruída pelo Senhor que crucificou. Se os princípios, ideais e métodos da nossa vida se juntarem com os do mundo ficarão sempre adulterados ou contaminados”.

“Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente” (1 Jo 2.17).

É essencial que vivamos como cidadãos do céu – estando no mundo mas não pertencendo a ele. No entanto, há outro assunto que não devemos menosprezar, ou seja, a natureza do pecado e do verdadeiro arrependimento. Deste modo, por assim dizer, vamos passar da classe de educação cívica para a aula de anatomia.



Capítulo 13

A Anatomia do Pecado e do Arrependimento

O QUE É o pecado? É qualquer ato, palavra, pensamento ou motivo que não atinja a perfeição de Deus (Rm 3.23). É qualquer violação da vontade de Deus, não é só fazer o que está incorreto, mas também deixar de fazer o bem sempre que o podemos fazer (Tg 4.17). É agir quando temos dúvidas sinceras (Rm 14.23), é viver sem lei, é a vontade humana contra a vontade de Deus (Jo 3.14).

O pecado é universal. *“Não há homem justo sobre a terra que faça o bem e que não peque”* (Ec 7.20).

O pecado é inato. Todos são formados em iniquidade e concebidos em pecado (Sl 51.5).

O pecado é insinuante e penetrante. O homem é totalmente depravado. O pecado afeta todo o seu ser (Rm 3.13-18). Apesar de não ter cometido todos os pecados possíveis, é muito capaz de cometê-los.

O pecado tem início na mente (Tg 1.13-15). Através do pensamento, o homem pode vagar pelos antros do pecado, onde nenhum olhar humano poderá segui-lo. Quanto mais pensar no pecado, e o saborear como a um sorvete que lentamente se derrete, mais provável é que chegue a cometê-lo.

O pecado é um assunto sério pois é contra Deus (Sl 51.4a). A sua seriedade é observada nos sofrimentos da humanidade, no sofrimento do Senhor pelos nossos pecados e nos sofrimentos dos descrentes no inferno.

O pecado escraviza (Rm 6.15-16a). Amarra os seus cativos com correntes de concupiscência, cobiça e todos os tipos de hábitos vis. O pecado é enganador. Oferece prazer mas não concede satisfação duradoura. Promete a possibilidade de fuga ao castigo, mas nunca a torna uma realidade. Pode ser maravilhoso antevê-lo, mas é horrível recordá-lo.

O pecado cega. Podemos detectá-lo mais facilmente nos outros do que em nós próprios. Para nós, até parece bastante desculpável; nos outros é repulsivo. Achamos que temos desculpa se pudermos encontrar alguém pior do que nós, e isso conforta o nosso coração depravado.

O pecado endurece. Quando cometemos um pecado pela primeira vez, a nossa consciência não nos dá tréguas. Quanto mais persistirmos, mais a emudeceremos. Por fim, podemos até pecar com facilidade, pois ela já não nos perturba. Estamos acima dos sentimentos de culpa.

O pecado transfere a culpa. Quando Adão caiu, culpou Deus e a sua mulher: "*A mulher que me deste por esposa*" (Gn 3.12). Eva culpou o Diabo: "*A serpente me enganou, e eu comi*" (Gn 3.13). Agora a sua posteridade culpa o meio ambiente, os pais ou os outros homens. Por exemplo, aqui estão algumas explicações para acidentes de automóvel enviadas a companhias de seguros:

- "A pessoa não sabia para onde ia, por isso a atropelou".
- "O homem andava por todo o lado. Tive de me desviar muitas vezes antes de bater nele".
- "Saí do acostamento, dei uma olhadela para a minha sogra e fui pela ribanceira abaixo".
- "O poste de telefone estava se aproximando rapidamente. Tentei desviar, mas ele me bateu mesmo de frente".

O pecado nunca é imperceptível (Hb 4.13). O pecado secreto na Terra vai ser escândalo no Céu.

O pecado nunca é estático. Funciona como o fermento. Uma mentira tem de ser escondida por outras mentiras. Quan-

do alguém comete um ato imoral, considera que já que foi tão longe, o melhor será ir até ao fim. Como todos têm a tendência para desculpar o próprio pecado, quanto mais pessoas cometerem um certo pecado, menos pessoas o irão condenar, e mais tolerado se tornará aquele pecado. O pecado é como uma bola de neve a rolar por uma encosta: quanto mais roda, maior se torna.

O pecado traz o sofrimento a inocentes, mesmo a gerações futuras. Os filhos de um alcoólatra partilham da sua desgraça. A AIDS tem sido transferida para inocentes através de transfusões sanguíneas. Uma dependente química vai prejudicar o seu filho que ainda não nasceu. O homem não é uma ilha: as suas ações, quer sejam boas ou más, afetam os outros.

O pecado tem as suas consequências nesta vida e na vida futura. Aqui, tem um preço para o espírito, para a alma e para o corpo da pessoa. No futuro, levará à morte eterna e ao inferno.

A única fuga das consequências do pecado é a fé salvadora no Senhor Jesus Cristo.

Vamos agora ver como o pecado se desenvolveu na experiência de Davi – rei de Israel e como afetou a sua vida.

Davi tinha tudo – bom aspecto, riqueza, fama, posição social, prestígio, família e amigos. Tinha ascendido do anonimato ao trono. É claro que gozava do favor de Deus, e o seu futuro era promissor. O mundo era dele.

No entanto, permitiu-se um período de ociosidade e preguiça. Na época em que os reis iam para a guerra, Davi ficou em casa e indolentemente rodeou-se de luxo e conforto. Caso tivesse se mantido ocupado, não teria se exposto ao perigo que o espreitava. Ao menosprezar a disciplina do corpo deu uma oportunidade ao Diabo. Tentação! Num momento inesperado, enquanto se reclinava indolentemente nas muralhas do seu palácio para olhar a cidade, Davi viu uma mulher de extraordinária beleza, que se banhava.

Começou a fantasiar de forma cada vez mais alucinada. Desejava-a. Tinha que possuí-la. Por que não? Tinha o direito de ser feliz, não é mesmo? Não era para isso que vivia?

No entanto havia luzes de aviso por todo o lado, a sua consciência atormentava-o: “Não! Não! Não! Você não deve fazê-lo. É pecado. É adultério. Pare!” Mesmo quando enviou os seus servos para lhe trazerem a mulher, um deles protestou que ela já era casada com um dos seus generais mais fiéis.

A batalha tinha começado. Não havia dúvidas sobre o que era certo ou errado. O mais lógico, razoável e reto era voltar atrás, ouvir a voz da consciência. Mas persistia aquele desejo avassalador de a possuir. Mesmo que isso significasse trocar o seu direito de nascimento por um pouco de lentilhas, tinha que ter o que desejava. Nada parecia tão importante como um momento de paixão. Estava disposto a sacrificar a felicidade, a família e a reputação para satisfazer o seu desejo de prazer momentâneo.

O desejo insano

Então seguiu o seu desejo insano. A paixão emudeceu a voz da pureza. O engodo da luxúria física era mais persuasivo do que os fortes argumentos da razão. Até mesmo a esperança do Céu e o medo do inferno pareciam remotos. Trocou, por um momento de paixão, a honra de Deus, o seu testemunho, a estima da família, o respeito dos amigos e o poder de um caráter sólido.

Alexander Maclaren observa: “Esquece os seus anelos, a sua busca de justiça, joga fora as alegrias da comunhão divina, envolve a alma em trevas, acaba com a sua prosperidade e traz sobre si uma catarata de calamidades que o afetarão nos anos vindouros. Coloca o seu nome e religião sob alvo do sarcasmo de gerações e gerações de zombadores. Como homem, como rei e como soldado – ele foi achado em falta”.

Tal como Esaú, Davi trocou o seu “direito de primogenitura por um prato de lentilhas”.

O pecado que tinha sido maravilhoso em expectativa, era agora odioso em retrospectiva. Ele sentia-se sujo. Tentou racionalizar como pôde, mas a culpa o estava consumindo. A tomada de consciência do pecado tinha deixado um gosto amar-

go na boca. Talvez pudesse arranjar uma forma de encobri-lo. Enviaria o seu general fiel para a frente da batalha, onde certamente seria morto. O povo pensaria então que aquela criança que estava por nascer seria do general e Davi ficaria livre para casar com a viúva.

O rei pensou que ninguém saberia a verdade. No entanto Deus sabia, e Deus estava irado. Ele amava tanto a Davi que não poderia permitir que este ficasse impune. Durante um ano o Senhor recordou ao rei, incessantemente, este pecado de adultério e assassinio, e Davi resistiu impunemente. Estava consumido pela vergonha e desgraça, mas recusava-se a ceder, a arrepender-se ou a confessar. Seria orgulho ou teimosia pecaminosa, ou ambos?

Por fim Deus enviou o Seu profeta, Natã, com uma parábola. Falava sobre um homem rico que tinha roubado o único cordeiro que um homem pobre possuía. Justamente indignado, Davi decretou a morte para o ladrão. Era uma armadilha, e o rei tinha caído nela. Ele era o culpado. Podia ver o pecado num outro homem, mas não o podia enxergar em si próprio. Ao condenar o homem rico, condenara-se a si mesmo e desmoronou, mudo e indefeso.

Verdadeiro arrependimento

Finalmente cedeu. As fontes do abismo foram libertadas, e a sua confissão e arrependimento jorraram perante Deus.

Permitam-me transcrever uma paráfrase deste Salmo 51:

“Ó Deus, pelo Teu amor, tem compaixão de mim; apaga os meus pecados, pela Tua misericórdia! Lava-me completamente da minha maldade; purifica-me dos meus delitos. Reconheço as minhas faltas e estou consciente dos meus pecados. Pequei contra Ti, somente contra Ti, fazendo o mal, que Tu condenas.

Por isso, tens razão em me julgar e é justo que me condenes.

Na verdade, sou mau desde que nasci, sou pecador desde o ventre de minha mãe. O respeito pela verdade é o que Tu preferes encontrar no coração do homem; ensina-me a sabedoria. Limpa-me do meu pecado e ficarei puro; lava-me e ficarei mais branco do que a neve. Faz-me ouvir os sons de alegria e de contentamento; alegrar-me-ei de novo, embora me tenhas esmagado. Não olhes para os meus pecados e apaga todas as minhas culpas.

Ó Deus, dá-me um coração puro; renova e dá firmeza ao meu espírito. Não me afastes da Tua presença nem me privas do Teu Santo Espírito! Faz-me sentir de novo a alegria da Tua salvação; mantém-me com o Teu espírito generoso, para que eu ensine aos transgressores os Teus caminhos e os pecadores se voltem para Ti. Ó Deus, Tu és a minha salvação! Livra-me da morte e anunciarei com cânticos que Tu és justo.

Senhor, ajuda-me a falar, para que eu possa anunciar as tuas grandezas. Tu não queres sacrifícios; se não eu os ofereceria; e não aprecias ofertas de animais. O sacrifício que agrada a Deus é o arrependimento. Ó Deus, Tu não desprezas um coração arrependido e humilde. Trata Sião com bondade e ajuda-a; reedifica os muros de Jerusalém. Então aceitarás com prazer os sacrifícios apropriados, os holocaustos e as ofertas inteiramente consumidas pelo fogo. Então serão oferecidos novilhos no Teu altar".¹

Isto leva-nos muito naturalmente a considerar todo o assunto dos pecados sexuais, incluindo a homossexualidade. Como vivemos numa sociedade obcecada pelo sexo, é imperativo encarar o assunto de frente.



Capítulo 14

A Área da Pureza Moral

QUAL é o campo de batalha em que Satanás tem conquistado as suas maiores vitórias? Tanto a Bíblia como a história da Igreja dão a resposta: a área sexual. A imoralidade sexual tem sido uma das suas armas mais eficientes. Sansão, Davi e Salomão são exemplos gritantes dos que foram vencidos pela paixão descontrolada. Desde aquela época, muitos líderes cristãos têm menosprezado o autocontrole, envolvendo-se em ligações ilícitas que resultaram no naufrágio espiritual. O caminho para a santidade está coberto com os corpos dos que naufragaram, pelo menos no que diz respeito ao serviço do Senhor. Por isso é tão importante termos uma perspectiva bíblica do assunto.

Deus colocou em nós certas inclinações e certos apetites. O desejo sexual é um deles. Estes desejos são uma dádiva de Deus e portanto são bons, como todas as Suas dádivas.

Podemos usar as dádivas de Deus, mas também podemos abusar delas. O fogo e a água são muito úteis quando estão controlados, mas descontrolados são devastadores.

O único uso correto do sexo é no casamento. Essa é uma das leis inalteráveis que Deus entreteceu no tecido da vida humana. É uma lei benigna destinada ao bem estar espiritual, físico e mental do homem.

O casamento foi instituído por Deus (Gn 2.18). Ele o fez antes do pecado entrar no mundo, fato que desmente qualquer sugestão de que o casamento não seja santo. *“Digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula”* (Hb 13.4a).

Em geral, o casamento é a vontade de Deus para o homem. Ele destinou que o casamento fosse monogâmico, ou seja, com uma pessoa de cada vez (Gn 2.24; Mt 19.5-6; Ef 5.22-33). Destinou-o a ser permanente, ou seja, enquanto ambos os cônjuges viverem. Foi dado para o bem de todos e não apenas aos crentes. Apesar de não ser uma instituição exclusivamente cristã, o Senhor Jesus santificou-o na boda de Caná (Jo 2.1-11), e Paulo ensinou que o casamento simboliza o relacionamento entre Cristo e a Igreja (Ef 5.22-23).

(É verdade que alguns são chamados para uma vida de celibato, mas essa é uma exceção e não a regra.)

O único uso correto do sexo

O sexo no casamento leva ao prazer e à realização humana; o sexo fora do casamento é uma forma de autodestruição. *"Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer é fora do corpo; mas aquele que pratica a imoralidade peca contra o próprio corpo"* (1 Co 6.18b).

Algumas vezes ouvimos sugerir que a cerimônia ou o contrato do casamento não é necessário: se duas pessoas se amam, podem viver juntas, e Deus vai considerá-las casadas. Dizem eles que os casamentos são feitos no Céu.

No entanto a Bíblia não afirma isso. Houve uma cerimônia definida e curta quando Isaac casou com Rebeca (Gn 24.53-58). Quando perguntaram a Rebeca: *"Queres ir com este homem?"*, ela respondeu: *"Irei"*. A cerimônia incluiu presentes de prata e ouro, jóias e roupas.

Deus descreveu o Seu casamento com Israel envolvendo uma aliança (Ez 16.8b, ver também Ml 2.14b).

Em Caná da Galiléia houve uma verdadeira cerimônia. Os casamentos celebravam-se com festas (Mt 22.1-14; Lc 14.8) que poderiam ter a duração de sete a catorze dias. Os convidados recebiam roupas festivas (Mt 22.12). Em Lucas 12.36 lemos sobre um senhor que regressa do casamento.

A área da pureza moral

A monogamia foi sempre a vontade de Deus para o Seu povo (Gn 2.24). É verdade que a poligamia e outras confusões matrimoniais estão registradas nas Escrituras, mas nunca aprovadas. A vontade de Deus é que o Seu povo se abstenha de toda a forma de pecado (1 Ts 5.22).

Evitando a responsabilidade

Mesmo assim os homens ainda tentam racionalizar a desobediência, tentando adaptar as Escrituras para justificarem o amor livre, a vida em comum sem o matrimônio. Chuck Swindoll dá uma lista que ele chama “teologia da adaptação”:

- Deus quer que eu seja feliz. Não consigo ser feliz casado com ela. Então vou-me embora... sei que Ele entenderá.
- Houve uma época em que isto era considerado imoral. Hoje não é. O Senhor deu-me este desejo e quer que eu desfrute dele.
- Bem, ninguém é perfeito. E eu acabei por me envolver mais do que tinha planejado. Está bem, é uma situação um pouco ambígua, mas para que serve então a graça?
- Eu? Pedir-Lhe perdão? Isso é ridículo. O meu relacionamento com Deus é muito mais profundo do que essas técnicas superficiais.
- Olha, se tiver certeza, vá em frente! Nós já não estamos sob a lei!
- E se namoriscarmos e brincarmos um pouco, que mal faz isso? Como seria a vida sem um pouco de pimenta e risco? Todas as proibições são irrealistas.

A esta lista poderíamos acrescentar ainda outras desculpas:

- Não tem problema desde que eles se amem.
- Fomos iluminados. Já não estamos sob os tabus da Idade Média.

- Por que não posso deixar a minha consciência decidir?
- Todos o fazem. Por que é que eu não posso?

Apesar de todas estas racionalizações, a imoralidade sexual ainda é proibida (1 Ts 4.3), e continua a ter o seu preço. Ainda é verdade que colhemos o que semeamos (Gl 6.7). Ainda é verdade que o caminho do transgressor é duro (Pv 13.15b), e que Deus julgará os fornicadores e os adúlteros (Hb 13.4b). Ainda é verdade que os sexualmente imorais serão excluídos do Céu (1 Co 6.9-10) e terão o seu lugar no lago de fogo (Ap 21.8).

Apesar dos protestos, os homens não podem deixar de ter sentimentos de culpa e de se sentirem impuros. Não podem evitar danos físicos e psicológicos (Rm 1.27; 1 Co 6.18). Mesmo com o avanço da ciência médica, ainda são ameaçados pelas doenças venéreas.

Mas, não precisa ser este o final da história. Só porque o homem falhou, isso não significa que Deus o tenha abandonado. Se for descrente, pode arrepender-se do seu pecado e confiar em Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador. Então, poderá saber que Deus esqueceu aquele e todos os seus outros pecados. Deus perdoou e esqueceu. O caso está encerrado.

Se for um homem salvo, pode confessar e **abandonar** o pecado, tendo completa certeza de que foi perdoado. Deus é fiel e justo em perdoar. Ele é fiel à Sua promessa, e pode perdoar justamente, porque o Salvador pagou o preço e diz: "Põe na minha conta".

Divórcio

E se todo o entusiasmo tiver desaparecido do casamento? Certamente Deus não poderá esperar que um cristão viva esse importante aspecto da sua vida sem alegria, sem felicidade. Os homens pensam assim e, por qualquer problema, procuram no divórcio uma resposta fácil para o tédio. Podem pensar o que quiserem, mas a Palavra de Deus não dá nenhuma opção de

escape aos desencantados. A Bíblia ensina claramente que a vontade de Deus é que o homem seja monógamo e que o casamento seja até que a morte os separe. Todos os crentes deverão se curvar à vontade de Deus e não se iludir com as práticas da sociedade, pensando que o divórcio oferece uma saída se um outro homem ou mulher parecerem mais atraentes, ou se os problemas do casamento parecerem insolúveis.

Escândalos sexuais

Nos últimos anos a América tem-se agitado com escândalos que envolvem destacados líderes de igrejas. Um célebre evangelista da TV foi desmascarado devido a uma relação adúltera de onze anos. Um escritor de assuntos proféticos trocou a sua esposa por outra mulher. Uma bem conhecida escritora e conferencista, sobre a resolução de conflitos conjugais, divorciou-se do seu marido e casou com outro homem. O presidente de uma organização de estudantes demitiu-se devido a uma ligação ilícita que tinha mantido três anos antes. E a triste lista estende-se para além destes.

A reação geral entre o povo cristão é a de colocar panos quentes sobre estes escândalos. Esta atitude até é compreensível, pois muitos pensam que falar sobre eles equivale a bisbilhotar sobre a vida alheia. No entanto a moeda tem outra face e, ao esconder constantemente estas falhas morais, podemos estar prestando um mau serviço à Igreja. Se estas histórias de horror fossem mais conhecidas (sem mencionar nomes), poderiam servir como advertência a outros que estivessem enfrentando tentações semelhantes. Certamente a Bíblia usa as falhas de outros para evitar que nos envolvamos em situações semelhantes.

Ao observarmos estas quedas no caminho para a santidade, não podemos deixar de perguntar: “Por que será que alguns caem e outros não?” Aqueles que conseguem sobreviver imaculados são rápidos em reconhecer que é devido unicamente à graça de Deus, sentindo profunda-

mente a sua incapacidade para resistir à tentação através da sua própria força.

Depois, deve-se admitir que alguns estão sujeitos a maiores tentações do que outros. Os que estão na linha da frente da batalha espiritual são alvos especiais para os ataques de Satanás. Do mesmo modo, os que são atraentes, dotados, que têm personalidades expansivas, abertas e dinâmicas podem ser alvos de ataques desconhecidos para os demais.

Outros não têm a grande bênção de ter crentes que orem por eles.

Mas todo o crente enfrenta perigos, alguns mais do que outros. Precisamos nos lembrar constantemente destes perigos:

Falta de oração. É sempre perigoso quando deixamos de reconhecer a nossa necessidade constante do poder do Senhor para nos sustentar. É essencial e saudável sentirmos a nossa inclinação para o pecado e a nossa necessidade de nos apegarmos ao Senhor, momento a momento.

Negligenciar a Palavra de Deus. Uma Bíblia fechada nos separa dos avisos, das exortações, do encorajamento. Por outro lado, as Escrituras podem falar alto e de forma apropriada quando somos tentados a escorregar.

Isolamento da comunhão com a igreja. Uma ovelha solitária é uma presa fácil para o lobo. A brasa retirada do fogo esfria rapidamente.

Pensamentos descontrolados. O pecado começa na mente (Tg 1.14-15). É quase inevitável que os que continuam a fantasiar sexualmente ponham em prática o que pensam. Por isso Jesus advertiu contra o olhar adúltero (Mt 5.28). Se alguém nunca pensar em adultério, nunca o cometerá.

Abstinência prolongada. Em 1 Co 7.5, Paulo dá instruções aos casados a fim de não se absterem do ato do casamento, exceto por acordo mútuo e para darem lugar ao jejum e oração. A separação prolongada expõe-nos à tentação satânica devido à nossa falta de autocontrole.

Solidão. A solidão freqüentemente leva alguém a agir irracional e desesperadamente. Uma cura para este mal é tra-

balhar sem cessar na obra do Senhor e em serviço voluntário para os outros.

Familiaridades indevidas. Jesus disse: “...se tua mão te faz tropeçar, corta-a” (Mc 9.43). Um pregador na abertura de um seminário aconselhou: “Não toquem na mulher. Não toquem no dinheiro. Não toquem na glória”. A carícia, a festa, o mimo com a aparência mais inocente podem abrir a porta a maiores familiaridades. Um pregador de rádio, muito admirado por todos, não conseguia manter as mãos longe das senhoras. Como resultado foi exilado para a Sibéria espiritual.

Falha em evitar situações comprometedoras. Fora de hora, sozinho no escritório com a secretária. A sós com um conselheiro quando uma atração mútua se faz sentir. Acompanhado da esposa de outro homem num avião, hotel ou automóvel. Ocasões que começam de forma muito inocente podem acabar em situações muito comprometedoras.

Margareth Hess aconselhou:

Tracem limites nos relacionamentos com o sexo oposto. Um psicólogo diz que evita que uma mulher seja a sua última cliente do dia. Um ministro mantém a pessoa que está aconselhando do outro lado da mesa e conserva as cortinas do escritório abertas. Um médico chama a enfermeira quando examina uma paciente. Um chefe e uma secretária podem evitar sair para jantar juntos, ou trabalhar até tarde sozinhos. Uma dona de casa pode evitar situações tentadoras com vizinhos quando o seu marido se encontra fora. Uma esposa inteligente não passará três meses numa casa de praia deixando o marido sozinho na cidade. Nem cuidará do marido de outra mulher que se tenha ausentado. Um marido não mostrará gentileza inusitada com uma mulher cujo esposo se tenha ausentado em negócios. Ela precisa sentir a falta que só o seu marido pode preencher.

Ociosidade. A alergia ao trabalho é uma doença maligna. Quase tão séria como esta é a incapacidade para preencher o

dia com atividades construtivas e enriquecedoras. Todos precisamos nos disciplinar para estar suficientemente ocupados, a fim de ficarmos protegidos da tentação, mas não ocupados demais para nos esquecermos da comunhão com Deus.

Orgulho. A adulação de outros crentes pode, por vezes, levar alguém ao orgulho. Primeiro começa pensando que é o máximo, que o mundo é seu, e que é à prova de quedas. O perigo é enorme. *"A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda"* (Pv 16.18).

Publicidade. O que deseja publicidade está a caminho da queda. De modo geral, a publicidade é má na vida e no serviço cristãos. C.A. Coates diz:

No momento em que queremos nos realçar, ficamos numa situação errônea e sem estar de acordo com o caráter do serviço. O Senhor fugiu da publicidade. É bastante tocante, pois é oposto ao que nós, naturalmente, fazemos. Gostamos de publicidade, mas o Senhor em cinco ou seis ocasiões (em Marcos) adverte claramente os que curou para não falarem no assunto... A publicidade é algo que pode ser muito prejudicial, é necessária muita graça e que o Senhor a dê como vemos ministrando a seus servos na Bíblia – Davi, por exemplo.

A televisão. Uma dieta contínua de sexo, paixão e promiscuidade diminui a seriedade do pecado aos olhos do espectador e põe fogo em sua natureza mais baixa. A familiaridade e a ocupação continuada com o obsceno leva ao comportamento imoral. As revistas, os filmes e os livros "sexy" compartilham a culpa da televisão.

As ciladas. Os obreiros cristãos sabem que devem prevenir-se contra as ciladas. Um missionário, que trabalha num país cujo governo se opõe violentamente ao Evangelho, recebe um telefonema duma mulher, supostamente com necessidade de auxílio espiritual. Ela espera-o na agência de correios local. Será que ele poderia auxiliá-la? Sem estar acompanhado

pela sua esposa, o missionário encontra-se com a tal mulher nos correios, para ser imediatamente detido pela polícia local por alegado envolvimento com uma prostituta. O governo do país expulsa-o. Neste caso, não houve imoralidade mas outros casos houve.

É triste que haja a necessidade de escrever um capítulo assim. Seria muito mais confortável se evitássemos o assunto, como se o problema não existisse. Mas, permanece o fato de um crente poder cair em qualquer pecado contra o qual o Novo Testamento nos adverte, e certamente a imoralidade é um deles. Nada se ganha com a atitude de que, se fecharmos os olhos aos problemas, eles desaparecerão. É melhor enfrentar o fato de cabeça erguida ao mesmo tempo em que nos protegemos contra as quedas morais, vivendo dia a dia em comunhão íntima com o Salvador.



Capítulo 15

Deus Chama a Homossexualidade de Pecado

MUITAS PESSOAS afirmam que a homossexualidade é um estilo de vida alternativo aceitável. Os chamados homossexuais têm saído para a ribalta reclamando direitos iguais.

Os crentes, no entanto, não devem ser guiados pelo que se diz ou pelas práticas atuais da cultura, e não devem ser influenciados pela afirmação de que todos o fazem. O grande teste será: “Que diz a Bíblia sobre isto?” Vamos então consultar as Sagradas Escrituras.

As passagens principais que referem à homossexualidade são:

Gênesis 1 e 2. Deus criou a humanidade como macho e fêmea e estabeleceu a relação do casamento como sendo a Sua vontade para o Seu povo. Assim, a homossexualidade é uma perversão do plano de Deus para a expressão sexual. É um crime contra a natureza.

Gênesis 19.1-26. Os homens de Sodoma eram notórios pela sua homossexualidade. É obvio que a palavra “sodomia”, que significa homossexualidade, vem do nome da cidade. Quando os homens de Sodoma tentaram violentar os dois visitantes masculinos de Ló, Deus ordenou ao seu povo que saísse e depois destruiu a cidade com chuva de fogo e enxofre.

Levítico 18.22; 20.13. Sob a lei de Moisés a homossexualidade era uma abominação punida com a morte. (Inciden-

talmente isto comprova que é errado pensar que a "sodomia" é uma doença. Deus não condena um povo a morrer pelo fato deste estar doente).

Romanos 1.18-32. Os homens primitivos tinham algum conhecimento do verdadeiro Deus, mas recusaram este conhecimento tornando-se idólatras, adorando imagens de pedra e madeira. Ao terem abandonado o conhecimento de Deus, Ele os abandonou, o que teve como resultado começarem a praticar todo o tipo de imoralidade, incluindo a homossexualidade. Paulo diz de forma bastante rude que os que praticam estes atos são dignos da morte.

1 Coríntios 6.9. Este versículo cita claramente que nenhum homossexual ou homem que pratica a prostituição herdará o reino dos Céus.

1 Timóteo 1.9-10. A sodomia é listada juntamente com o homicídio, adultério, rapto, mentira e perjúrio como sendo transgressões à lei de Deus. A penalidade pela infração à lei de Deus é a morte, claro.

A Bíblia ensina-nos de forma bastante clara que o comportamento homossexual é uma perversão pecaminosa da vontade de Deus para as Suas criaturas. Nenhuma racionalização poderá apagar as claras palavras das Escrituras. Mais uma vez dizemos que os crentes devem ser cuidadosos em não aceitar os julgamentos morais do mundo, mas precisam guiar-se pela Palavra de Deus.

Um homossexual pode ser salvo? A resposta é sim, claro, caso se arrependa do seu pecado e receba Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador (Jo 1.12; Rm 10.13).

Um crente pode cair neste pecado? É concebível que um crente possa ser tomado por um momento de fraqueza. Se isso suceder poderá encontrar perdão ao confessar e abandonar o seu pecado (1 Jo 1.9). Mas, se alguém viver praticando a homossexualidade, é uma prova de que nunca nasceu realmente de novo. Jesus disse: *"Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis"* (Mt 7.20).

A orientação e a prática

Há uma diferença entre ter tendências homossexuais e pô-las em prática? Sim, há uma grande diferença. Há muitos que têm tendências homossexuais que nunca cometeram o ato. Agonizam com o fato de se sentirem atraídos pelo seu próprio sexo, no entanto, disciplinam-se para resistir à tentação e vivem vidas puras.

É verdadeira a afirmação: “Uma vez homossexual, sempre homossexual”? Referindo-se à prática, é redondamente falsa. Muitos homossexuais se converteram a Cristo e abandonaram por completo o seu estilo de vida anterior. O Espírito Santo providenciou o poder para o fazerem. Alguns dos coríntios tinham-se envolvido em perversões sexuais antes de se tornarem cristãos, e tinham sido libertos delas (1 Co 6.9-11). Quanto à tendência homossexual, um crente pode ter uma batalha para o resto da sua vida, mas pode ser vitorioso, se redirecionar as suas energias para o serviço incansável para o seu Rei, o Senhor Jesus.

Como é que Deus pode condenar um homossexual se ele foi criado desse modo? Deus não fez ninguém assim. Quando Adão saiu da mão de Deus era inocente e puro, mas então pecou. Em consequência, ele e todos os seus descendentes – exceto Jesus – ficaram pervertidos, tornaram-se injustos e pecaminosos. A culpa recai somente sobre os ombros do homem. É errado culpar Deus quando o homem faz o que Ele proíbe, e é uma tentativa de negar a responsabilidade das nossas próprias ações pecaminosas.

A homossexualidade é uma tendência inata ou um comportamento adquirido? Realmente pode ser as duas coisas. Não deverá ser uma surpresa que alguém possa nascer com este defeito. O homem natural é profundamente depravado e capaz de cometer qualquer pecado. Alguns têm fraquezas numa área, outros noutras. Ninguém é condenado por ter nascido com uma tendência homossexual, mas é condenado se puser o pecado em prática. No entanto, a homossexualida-

de pode ser um comportamento adquirido. Um adulto, por exemplo, pode induzir um rapaz a este tipo de vida. Todos os que fazem isso ficam sob a condenação de Jesus, quando Ele afirmou: "*Melhor fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma pedra de moinho, e fosse atirado no mar, do que fazer tropeçar a um destes pequeninos*" (Lc 17.2).

O caminho do transgressor

Os homens e as mulheres homossexuais pagam um preço elevado pelo seu estilo de vida imoral. Paulo diz que recebem "*em si mesmos, a merecida punição do seu erro*" (Rm 1.27b). Aqui se incluem as doenças venéreas, além da *pneumocystis carinii* (uma forma de pneumonia), do sarcoma de Kaposi (uma forma de câncer) e da AIDS (síndrome da imunodeficiência adquirida). Pode-se, também incluir o terrível sentimento de culpa, as perturbações mentais e as bizarras mudanças de personalidade.

Depois de Oscar Wilde, um escritor inglês do século dezenove, ter sido desmascarado como homossexual, ele escreveu:

Os deuses deram-me quase tudo. Mas, deixei-me enganar pelos feitiços do prazer insensível e sensual... Cansado de estar nas alturas, deliberadamente procurei novas sensações nas profundezas. Aquilo que parecia um paradoxo em pensamento racional, perversamente se tornou desejável na esfera da paixão. Deixei de me preocupar com os sentimentos dos outros. Agarrei o prazer sempre que me apetecia sem me importar com os demais, esquecendo que cada ação, mesmo insignificante, constrói ou destrói o caráter, e portanto, o que é feito à porta fechada, será algum dia proclamado do alto dos telhados. Deixei de ser o senhor de mim mesmo. Já não era eu quem dirigia a minha alma, e não me apercebia desse fato. Permiti que o prazer me dominasse, e acabei em horrível desgraça.

O caminho para a libertação da homossexualidade é o mesmo que para qualquer tipo de desejo maligno, e já o discutimos no capítulo relativo a esse assunto. No entanto, em todos os casos é muito importante o aconselhamento bíblico.

Qual deverá ser a nossa atitude em relação aos homossexuais? Como crentes devemos aceitá-los como pessoas sem nunca aprovar o seu modo de vida. Cristo também morreu para que eles pudessem ser salvos, e por isso devemos tentar, por todos os meios, ganhá-los para uma vida de santidade. Devemos lidar com eles com espírito de mansidão, considerando-nos também capazes de cair em qualquer tipo de tentação ou pecado. Se eles altiva e obstinadamente recusarem a Palavra de Deus e se tornarem abusivos e blasfemos, não seremos obrigados a impor-lhes o Evangelho.

Consciência, o Árbitro Interior

A CONSCIÊNCIA é a sentinela interna que distingue entre o certo e o errado nas áreas do pensamento, intenções e ações (Rm 2.15). Faz com que os olhos do menino verifiquem a sala enquanto ele mete a mão no prato dos biscoitos. Faz com que o condutor em excesso de velocidade freie, quando lhe parece ver, no espelho retrovisor, um carro da polícia se aproximando. Faz com que o ladrão fuja sem que ninguém o persiga. Tal como Shakespeare disse, faz de todos nós uns covardes.

A consciência fica mais aguçada na época das declarações de impostos, ou no tribunal, ou numa sala de exame. Não é de admirar que a Bíblia a chame de *“a lâmpada do Senhor, que esquadrinha todo o mais íntimo do ventre”* (Pv 20.27 – ACF).

Todos nascem com uma consciência. O homem sabe intuitivamente que não deve mentir, roubar ou matar. Ao saber que é errado que os homens façam dele uma vítima, também saberá que não deve tratar os outros do mesmo modo.

Não é um guia infalível

No entanto, a consciência não é infalível. Assim como todas as nossas faculdades, ela também ficou danificada com a queda do homem. Pode ser afetada por princípios que foram aprendidos por nós. Por isso, não é muito adequada a velha afirmação: “Deixa que a tua consciência decida”.

A consciência precisa ser instruída pela Palavra de Deus e iluminada pelo Espírito Santo. "A consciência deve ser despertada, informada e moldada em conformidade com a revelação de Deus e depois deverá ser seguida" (Barnhouse).

O verdadeiro arrependimento envolve a consciência. Recordando a sua experiência, John Newton escreveu:

A minha consciência reconheceu e sentiu a culpa
E mergulhou-me em desespero.

Saulo de Tarso foi incitado pela sua consciência e acabou por recalcitrar contra os agulhões (At 9.5, 26.14).

Quando a graça fez despertar Robert Murray McCheyne com luz vinda do alto, temores da lei de Deus apoderaram-se dele a ponto de tremer, com receio da morte.

Uma consciência limpa (Hb 9.14) é aquela que foi purificada pelo sangue de Cristo. Embora continue sendo a sentinela do comportamento, não receia o julgamento eterno, pois Cristo já o sofreu como Substituto do crente.

A consciência já não me condena
Pois pelo Seu sangue precioso
Me lavou e purificou de uma vez para sempre
Purificando-me aos olhos de Deus.

Uma consciência fraca é excessivamente escrupulosa sobre assuntos que em si nada têm de errados (1 Co 8.7-8), como comer e beber.

A consciência pode desativar-se se o dono deixar de lhe dar ouvidos. Ao entrar no meu carro, há um alarme que toca para lembrar-me de apertar o cinto de segurança. Fiquei de tal modo habituado a esse ruído que, depois de algum tempo, já não o ouvia mais (ou seja, até haver uma lei que obrigasse o uso do cinto de segurança).

Quanto mais o homem violar a sua consciência, mais fraca será a voz desta. É como um elástico que gradualmente

perde a elasticidade, ou como a carne que fica cauterizada (1 Tm 4.2). O homem pode pecar e já não se sentir culpado (Ef 4.19). Pode cometer um enorme pecado, limpar a boca e dizer: “*Não cometi maldade*” (Pv 30.20b).

Diz-se que o nossa maior segurança contra o pecado é ficar tremendamente chocado com ele.

Uma consciência contaminada está manchada por atos malignos (Tt 1.15). Um homem cuja vida é maligna terá uma consciência igualmente maligna (Hb 10.22).

Devemos sempre ter uma boa consciência (1 Pe 3.16), que esteja limpa de ofensas contra Deus e o homem (At 24.16). Uma boa consciência está em harmonia com a Palavra de Deus.

Capítulo 17

Como o Homem Pensa

UM DOS ASPECTOS que requer maior disciplina para o crente é o controle do pensamento. A forma como se controla a mente irá inevitavelmente determinar a direção da vida e delinear o caráter. Pensamentos positivos que estejam de acordo com as Escrituras (Fp 4.8) produzirão resultados positivos. Uma mente impura levará de forma inevitável a um comportamento desregrado.

Por esta razão a Bíblia diz: *“Porque, como imagina em sua alma, assim ele é”* (Pv 23.7). Como Alfred P. Gibbs costumava dizer: “Tu não és o que pensas que és, mas és o que pensas!” O conteúdo da mente do homem é o indicador do seu caráter.

O homem mais sábio disse: *“Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida”* (Pv 4.23). Apesar da palavra coração neste versículo representar mais do que a mente, ainda faz muito sentido substituir a palavra coração pela palavra mente: “Sobre tudo o que se deve guardar, guarda a tua mente com toda a vigilância, porque dela provêm as fontes da vida”. A mente é a fonte da qual brota a maior parte do nosso comportamento. Se controlarmos essa fonte, controlaremos o manancial que dela brota.

O Décimo Mandamento

Não é sem finalidade que um dos dez mandamentos se refira ao nosso pensamento.

"Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença ao teu próximo" (Êx 20.17).

A cobiça é uma atividade da mente. É o desejo de ter alguma coisa que está fora da vontade de Deus. Deus disse: *"Não cobiçarás"*.

Foi este mandamento que deu convicção ao coração de Paulo de Tarso. Tinha orgulho de ter sempre vivido uma vida exteriormente respeitável. Nunca tinha cometido nenhum dos pecados mais terríveis. Mas, quando o significado do décimo mandamento se tornou claro na sua mente, percebeu que os pensamentos malignos são tão pecaminosos como atos vis. Ao analisar os pensamentos ficou profundamente convicto do seu pecado.

"...Mas eu não teria conhecido o pecado, senão por intermédio da lei; pois não teria eu conhecido a cobiça, se a lei não dissera: Não cobiçarás. Mas o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, despertou em mim toda sorte de concupiscência; porque, sem lei, está morto o pecado. Outrora, sem a lei, eu vivia; mas, sobrevindo o preceito, reviveu o pecado, e eu morri. E o mandamento que me fora para vida, verifiquei que este mesmo se me tornou para morte. Porque o pecado, prevalecendo-se do mandamento, pelo mesmo mandamento, me enganou e me matou" (Rm 7.7b-11).

Como funciona

Tiago faz-nos olhar incisivamente para a psicologia do pecado ao dizer:

"Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta. Ao contrário, cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte" (Tg 1.13-15).

Como o homem pensa

Aqui o pecado é comparado ao ciclo da vida humana. Primeiro temos a concepção. Depois o bebê nasce. Então cresce até à maturidade. Depois morre. O pecado é semelhante: Primeiro é concebido na mente humana. Então comete-se o ato. Depois o ato torna-se habitual e, finalmente, leva à morte. Fica implícito, senão mesmo afirmado, que se pensarmos tempo suficiente num certo pecado, mais cedo ou mais tarde acabamos por cometê-lo. Tal como diz o velho provérbio:

Semeia um pensamento e colhe uma ação
Semeia uma ação e colhe um hábito
Semeia um hábito e colhe um caráter
Semeia um caráter e colhe um destino.

O Senhor Jesus, no seu ministério, realçou profundamente a importância dos pensamentos. Um dia, chamou um grupo de judeus para esclarecer este assunto. Eles eram minuciosos em relação ao exterior de uma pessoa, mas indiferentes quanto ao seu interior. Debaixo da lei de Moisés, sempre lhes tinha sido ensinado que seriam contaminados se comessem carne de porco, coelho, marisco, etc. E a verdade é que tais alimentos tornavam o homem cerimonialmente impuro durante a dispensação da lei. Agora Jesus declarava o fim dessa dispensação anunciando que a comida já não contaminava, mas os pensamentos malignos ainda podiam contaminar.

“Convocando ele, de novo, a multidão, disse-lhes: Ouvi-me, todos, e entendei. Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa contaminar; mas o que sai do homem é o que o contamina. Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça. Quando entrou em casa, deixando a multidão, os seus discípulos o interrogaram acerca da parábola. Então, lhes disse: Assim vós também não entendeis? Não compreendeis que tudo o que de fora entra no homem não o pode contaminar, porque não lhe entra no coração, mas no ventre, e sai para lugar escuso?”

E, assim, considerou ele puros todos os alimentos. E dizia: O que sai do homem, isso é o que o contamina. Porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desejos, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Ora, todos estes males vêm de dentro e contaminam o homem" (Mc 7.14-23).

É freqüente ouvirmos alguém tentando desculpar os pensamentos pecaminosos com explicações piedosas como: "Não pode impedir que os pássaros pousem na sua cabeça, mas pode evitar que eles façam ninho nela". Isto significa que os desejos tentadores que vêm à mente espontaneamente, não são pecaminosos; mas o pecado consiste em recebê-los e corresponder-lhes. Então coloca-se a questão: "Se não são pecaminosos, são puros e santos?" A resposta óbvia é que qualquer pensamento ou desejo maligno, quer seja provocado ou não, é corrupto e necessita ser julgado e purificado pelo sangue de Cristo. É impossível viver neste mundo sem ser constantemente corrompido por publicidade sugestiva, conversas sujas e outras formas indesejadas de poluição mental. Mas o remédio é reconhecer imediatamente o pensamento como sendo impuro e rejeitá-lo instantaneamente, expulsando-o.

Nem sequer pensem nisso

Jesus realçou a gravidade dos pensamentos malignos no Sermão do Monte, dizendo:

"Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento. Eu, porém, vos digo que todo aquele que sem motivo se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo. Ouvistes que foi dito: Não adulterarás. Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela" (Mt 5.21-22, 27-28).

A lei dissera: “*Não matarás*”, mas Jesus disse: “**Não pensem em matar**”. Por quê? Porque se não pensarmos nisso, nunca o faremos. A lei dissera: “*Não adulterarás*”, mas Jesus disse: “**Não olhem para uma mulher com concupiscência no coração**”. Por que Ele disse isso? Porque primeiramente o ato é premeditado. Se afastarmos a concupiscência das nossas mentes, nunca teremos de nos arrepender do ato em si.

O apóstolo João repete os mesmos princípios na sua primeira epístola:

“Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino; ora, vós sabeis que todo assassino não tem a vida eterna permanente em si” (1 Jo 3.15).

Parece um pouco extremo dizer que o ódio é crime, mas devemos lembrar que os dois estão interligados como o desejo e a concretização, a causa e o efeito. O ódio é crime em estado embrionário. Se não houver maldade ou ira descontrolada, não haverá crime.

A mente humana é indescritivelmente misteriosa e maravilhosa. É como o quartel general de um exército do qual são transmitidas todas as ordens. A mente diz à mão para apanhar a caneta e escrever. Determina o que tem de ser escrito. É um vasto sistema de comunicação enviando uma constante corrente de pensamentos. Como é que tudo isto acontece? O que é um pensamento?

Sabe-se que um computador destinado a duplicar as funções do cérebro humano teria de ser tão grande como o *Empire State Building* – e mesmo assim, não conseguiria ser uma cópia exata da mente.

Normalmente não damos grande valor ou importância à nossa mente, no entanto, a Bíblia afirma que ela é uma faculdade que Deus nos confiou e pela qual somos responsáveis perante Ele. Cada um de nós é como um rei, governando sobre um vasto e complicado reino - o reino da mente, e somos responsáveis pelo **que** pensamos e **como** pensamos. Os objetivos podem ser bons ou maus, merecedores ou indignos. Nós controlamos os nossos pensamentos.

O lado bom da mente

Pensemos no potencial da mente para o bem. Por exemplo, Händel, sentado, compondo "O Messias". A música e as palavras complementam-se tão bem que nunca as posso ler nas Escrituras sem ouvir o acompanhamento musical da mente. Toda a obra é tão profundamente espiritual que não me surpreenderia se a ouvíssemos no Céu.

Pensemos no grande hino de Isaac Watt: "Ao Contemplar a Rude Cruz". Ele dedicara a sua mente ao Senhor e este hino foi apenas uma das suas muitas contribuições para o mundo cristão. E digo a mim mesmo: "Valeria a pena viver uma vida inteira para poder escrever um hino como este".

Pensemos em Milton, por exemplo, de mente disciplinada, passando horas e horas em trabalho árduo para depois terminar a sua obra-prima "O Paraíso Perdido". Quantas páginas de literatura têm sido enriquecidas pelo brilho da sua mente.

Michelangelo com os seus quadros e estátuas: o nível de beleza da sua obra é indescritível. A sua mente era grandiosa e, felizmente para nós, os seus pensamentos ficaram cristalizados com tinta e no mármore.

Temos Charles Haddon Spurgeon, o príncipe dos pregadores. Penso no que A.T. Pierson disse dele: "Deu o melhor uso possível à mente e às oportunidades que Deus lhe deu". Posso crer nisso ao ler os sermões que escreveu ou ao estudar a sua vida frutífera.

E para usar uma ilustração dos nossos dias, pensemos nas mentes dedicadas que planejavam e executaram as várias expedições à Lua. Que visão, que habilidade, que precisão!

Potencial para o mal

No entanto podemos também debruçar-nos sobre a capacidade da mente para fazer o mal. Pensemos nos tiranos sem coração com suas câmaras de tortura, campos de concentração, câmaras de gás e fornos crematórios.

Lembremos da brutalidade que destruiu milhões de vítimas inocentes.

Pensemos nos homens que devotaram o seu talento para destruir a fé de outros, como Voltaire, Tom Paine e Robert Ingersoll. Dotados por Deus com mentes astutas, prostituíram-nas, propagando o agnosticismo e a infidelidade.

Pensemos nos homens de hoje que organizam, imprimem e publicam a pornografia. Que maneira de usar a mente! Charlatões de imundície, poluidores do ambiente moral, promotores da impureza e da perversão.

Em geral, pensemos no vasto potencial de qualquer mente para os pensamentos malignos. Nenhum de nós gostaria de aparecer em público por uma hora com um cartaz que representasse o nosso pior pensamento da semana. Todos sabemos como a mente nos pode levar até às profundezas do pecado onde nenhum olhar humano nos pode seguir. Podemos conjurar todos os tipos de situações menos dignas, participar em relacionamentos proibidos. Se um dos nossos amigos fosse apanhado nalguma destas situações, não hesitaríamos em condená-lo, repletos de justa indignação. Mas quando estamos sozinhos, talvez no escuro, podemos entregar-nos à mesma lascívia e comportamento imoral sem sentir o mínimo sentimento de repulsa. Sem barreiras de tempo e espaço a controlá-la, a mente pode transportar-nos instantaneamente a qualquer lugar, levar-nos até uma pessoa ou pessoas com quem queiramos estar, e fazer tudo o que o nosso coração desejar. É assustador pensar nas possibilidades malignas do pensamento do crente. Se essas possibilidades forem frequentemente alimentadas, o resultado pode ser desastroso. Em 1988 um tele-evangelista, que pregava a centenas de milhares em todo o mundo, foi acusado de escândalo sexual. Ele confessou que sempre desde a infância era fascinado pela pornografia .

Hoje em dia há muitas pessoas que se lamentam sob o peso de um certo pecado, que as acorrenta. Dizem que querem a libertação, mas não se dispõem a disciplinar o pensamento. Recentemente um crente num avião ocupou o lugar

ao lado de um jovem militar. Depois de se cumprimentarem, o jovem entregou uma revista ao crente. Logo que notou que tipo de revista era, este devolveu-a com educação e ofereceu ao militar uma pequena Bíblia vermelha.

Houve um período de completo silêncio, e depois o soldado perguntou: "Pode ajudar-me?", e começou por contar a sua história triste de pecado e vergonha, implorando ajuda. Ele queria libertar-se do pecado sexual, mas continuava a ler revistas pornográficas.

George Goodman lembra-nos que **os pensamentos podem ser controlados**. "Ter pensamentos malignos é como ensopar trapos em petróleo; quando a faísca da tentação sobrevém, ficam em chamas. Podemos impedir-nos de pensar **malignamente** e devemos aprender a arte de controlar o pensamento, se ainda não o fizemos. Não há desculpa para esta tendência secreta da mente para as coisas da carne. Através do Espírito todo o pensamento pode ser controlado e submetido à obediência a Cristo. Todo o pensamento deve ser mortificado pelo Espírito".

Ação radical

Bem, a base da questão é a seguinte: a árvore deve ser cortada pela raiz. Deve haver vontade de lidar decisivamente com o pensamento.

Para os descrentes significa que, antes de tudo, têm de se converter. Através da fé em Jesus Cristo devem nascer de novo. Somente ao receberem o poder do Espírito Santo poderão agir resolutamente contra os pensamentos impuros.

Para os crentes indicam-se vários passos:

Primeiro, colocar o assunto diante do Senhor em oração. As palavras de Davi formam uma petição aplicável a cada um de nós: "*Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova dentro de mim um espírito inabalável*" (Sl 51.10). Estas palavras fazem parte da confissão de Davi depois do seu duplo pecado de adultério e homicídio. Parece que elas contêm uma

admissão implícita de que os seus pecados começaram com pensamentos descontrolados.

Em segundo lugar, devemos julgar todos os pensamentos que entram na nossa mente como se estivéssemos na presença de Cristo. O verdadeiro teste, quer para pensamentos quer para ações, acontece quando eles são levados à Sua presença. Este fato é sugerido em 2 Coríntios 10.4-5: “...*para destruir fortalezas, anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo*”.

Devemos submeter a Cristo cada pensamento, e confiar no Seu veredicto, como escravos que somos dEle.

Depois, devemos confessar como pecado e impureza cada um dos pensamentos que não recebam a Sua aprovação. Quer desçamos à rua, quer andemos de automóvel, onde quer que estejamos, devemos confessar aquele pensamento maligno dizendo: “Senhor isto é pecado. A minha mente ficou impura. Perdoa-me e purifica-me. Invoco o poder do sangue do Cordeiro”.

Depois, é claro que devemos expulsar o pensamento das nossas mentes. A promessa de misericórdia não é para os que apenas confessam os pecados, mas para os que os confessam e **abandonam**.

*“O que encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e **deixa** alcançará misericórdia”* (Pv 28.13).

Na prática teremos que aprender a dizer NÃO dez mil vezes por semana. Sempre que formos tentados a pensar de maneira negativa, devemos dizer “Não, não dou abrigo a este pensamento. Rejeito este pensamento e expulso-o no nome do Senhor Jesus”.

Pensar de acordo com a Bíblia

Temos de aprender a pensar como a Bíblia aconselha. Paulo fala-nos deste assunto em Filipenses 4.8:

"Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento".

O fato é que não se pode pensar sobre estas coisas e ao mesmo tempo pensar no pecado. Se tivermos a mente ocupada com Cristo e a Sua pureza, o pecado e a corrupção não terão lugar. Alguns a chamam de: "O poder expulsivo de uma nova afeição". Chamem do que quiserem, mas por favor, façam-no. Quanto mais nos ocuparmos com Cristo, mais semelhantes a Ele nos tornaremos (2 Co 3.18).

O bom senso diz-nos que se quisermos uma vitória sobre o nosso pensamento, devemos disciplinar o que lemos, o que vemos e com quem confraternizamos. Os livros e os romances "sugestivos", os filmes de Hollywood, os programas de televisão em geral, oferecem poluição instantânea. Há também certos objetos que despertam a licenciosidade na vida de cada um. Uma boa fogueira poderá, nestes casos, ser muito útil.

Por fim, é bom que nos ocupemos com o serviço do Senhor. As ocasiões de maior perigo são as de ociosidade, quando o corpo está alimentado e descansado. Há uma grande proteção e segurança numa vida de serviço incansável na obra de Deus. O homem que aprendeu a redimir o seu tempo luta muito menos com pensamentos desordenados que tentam invadir a sua mente. Talvez isso seja sugerido em Pv 16.3: *"Confia ao SENHOR as tuas obras, e os teus desígnios serão estabelecidos"*.

É este, pois, o caminho para manter a mente com diligência.

Esquadrinha todos os meus pensamentos e suas fontes secretas,

Os motivos que controlam

As câmaras onde coisas poluídas

Reinam sobre a alma.

A Meditação Certa

NUNCA conheci uma pessoa santa que não investisse tempo meditando nas Escrituras. Há uma correta relação entre o tempo gasto em contemplação e na sua semelhança a Cristo.

Quando falamos de meditação, referimo-nos à direção propositada da mente para pensamentos edificadores e assuntos que exaltem a Deus. A meditação cristã é uma disciplina mental pela qual os pensamentos estão centrados no Senhor, na Palavra de Deus e nos assuntos do Senhor. Em lugar de permitirmos que as nossas mentes vagueiem sem direção pelos caminhos da trivialidade, treinamo-las a refletir em temas proveitosos. Em vez de estagnarem em ponto morto, obrigamo-las a progredir na graça e no conhecimento. A meditação é o carro de combate do pensamento de cada crente.

Imaginem uma vaca ruminando. Já se alimentou há algum tempo, mas agora traz a comida do rúmen para mastigá-la outra vez. Observem o ar plácido do animal. Do mesmo modo o crente alimenta-se da Palavra do Senhor, e depois passa algum tempo a ruminar naquilo que leu. Isso traz serenidade e satisfação a toda a sua vida.

A meditação errada

É claro que não se deve confundir a meditação bíblica com a meditação transcendental ou outras formas defendidas pelas religiões orientais. Este tipo de meditação cultural

presume por vezes que Deus está na pessoa e que, através da meditação, essa mesma pessoa se apercebe do seu potencial divino. Outros gêneros de meditação aconselham o indivíduo a esvaziar a mente e esperar pelas impressões. Dizer a alguém para desocupar a mente e esperar por mensagens, coloca-a sob o perigo de invasões demoníacas. Jesus falou sobre um homem que tinha sido possuído por um demônio mas que tinha tido certas melhoras. O espírito imundo foi expulso, mas a casa foi deixada vazia. O espírito imundo regressou, então, trazendo com ele mais sete demônios, os quais ainda eram piores que o primeiro, e possuíram a vida daquele homem (Mt 12.43-45). A meditação cristã enche a mente com a Palavra de Deus e tudo o que é verdadeiro, honesto, justo, puro, amável, de boa fama, virtuoso e louvável (Fp 4.8).

A meditação assegura o crescimento espiritual e o sucesso: *"Não se aparte da tua boca o livro desta lei, antes medita nela dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer conforme a tudo quanto nele está escrito, porque então farás prosperar o teu caminho, e então prudentemente te conduzirás"* (Js 1.8). Notem aqui que um dos alvos da meditação é transformar o comportamento: *"para que tenhas o cuidado de fazer conforme a tudo quanto nele está escrito"*.

A meditação depende das raízes que o homem tem em Deus. Torna-o frutífero. *"Pois será como a árvore plantada junto a ribeiros de águas, a qual dá o seu fruto na estação própria, e cujas folhas não caem, e tudo quanto fizer prosperará"* (Sl 1.3).

A meditação coloca-nos em posição de receber a comunicação divina. Deus revela os Seus segredos àqueles que se encontram suficientemente próximos para O ouvirem (Sl 25.14a). Podem ser mensagens que nos guiem, encorajem, exortem, ou corrijam, mas não mensagens de verdade doutrinária. Ele não revela qualquer verdade para além das que já podem ser encontradas na Bíblia. A fé foi revelada aos santos de uma vez para sempre (Jd 3b).

A meditação salva o homem de perder tempo em demandas inúteis.

A meditação é uma forma de agradar a Deus. Assim orou o salmista: *“Sejam agradáveis as palavras da minha boca, e a meditação do meu coração perante a Tua face, Senhor, Rocha minha e Libertador meu”* (Sl 19.14). E também produz a semelhança a Cristo. Quanto mais nos ocuparmos com Ele, mais semelhantes a Ele seremos (2 Co 3.18).

Como meditar

Em relação ao método para meditação, provavelmente não há um que seja o melhor para todas as pessoas. Cada crente deve tentar encontrar o sistema que melhor sirva às suas necessidades pessoais. Por um lado, podemos separar um período definido do dia e ficar num lugar calmo, sem interferências, como o telefone, a televisão, o rádio, o computador, o trânsito ou outras distrações. Isaque encontrou um lugar calmo para meditar no campo, de tarde (Gn 24.63). Ou podemos também usar os momentos livres durante o dia ou a noite. Davi usava os períodos de insônia para se lembrar do Senhor e meditar sobre Ele (Sl 63.6).

É bom ter à mão um bloco de notas para anotar coisas que nos vêm à cabeça, como o trabalho que temos que fazer, ou telefonemas que não podemos esquecer, ou quaisquer outros pensamentos que nos perturbem e venham interromper a nossa paz. Logo que os passemos ao papel, devemos apagá-los da nossa mente e continuar com a meditação.

Não há falta de temas para meditar. As preciosas promessas de Deus ocuparam a mente do Salmista durante as vigílias da noite (Sl 119.148). O homem bem-aventurado do Salmo 1 se regozija na lei (Palavra de Deus) e medita nela de dia e de noite (Sl 1.2; 119.78). Os puritanos passavam muito tempo contemplando os atributos de Deus, e esse fato concedeu-lhes almas de espantosa profundidade. As obras maravilhosas de Deus na criação podem ser uma fonte inesgotável para alimentar a meditação (Sl 143.5).

E as maravilhas da redenção também oferecem material infinito para isso. Paulo disse a Timóteo para meditar nas coisas que estão vitalmente ligadas a um dinâmico ministério cristão (1 Tm 4.15).

Como início é útil usar uma pequena parte das Escrituras e um pouco de imaginação santificada, concentrando o pensamento em cada uma das palavras, frases ou cláusulas. Por exemplo, *"o Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a Si mesmo por mim"* (Gl 2.20).

"O Filho de Deus" – Pensem nEle! Não apenas um homem, mas Deus manifestado na carne. O Senhor da vida e glória. O Criador e o Sustentador do Universo.

"me" – Ponderem sobre as formas como somos descritos pela Bíblia na nossa condição natural. Pecadores, sem Deus, mortos, inimigos de Deus, sem Cristo, sem esperança, sem força.

"amou" – Reúnam alguns adjetivos que descrevam o Seu amor. É imensurável, imerecido, sacrificial, sem par, imparcial. Revejam tudo o que é dito sobre este amor em 1 Coríntios 13.4-8a.

"se entregou a Si mesmo" – O amor é generoso, mas vejam o que o Seu amor nos deu – Ele mesmo. Ele não deu dinheiro ou qualquer outra coisa material, mas deu-Se a Si mesmo. Deu o Seu sangue, a Sua vida, tudo o que tinha. Pagou o mais alto preço pela nossa redenção.

"por mim" – É incrível! Só Ele poderia ter feito tanto por alguém tão indigno. Agora como devo responder a tal amor? Tomo as palavras de Isaac Watts como se fossem as minhas:

Mesmo que todo o mundo fosse meu
Isso seria uma oferta pequena demais
Este amor tão singular, tão divino
Merece a minha alma, a minha vida tudo de mim.

Se este método parece difícil de seguir para um novo crente, cuja compreensão da Bíblia possa ser ainda limitada, é melhor escolher uma história da Bíblia, tentando visualizá-

la e tirar lições dela. Por exemplo, poderá ler a chamada de Mateus (Levi) em Lucas 5.27-28. Imagine a forma de receber impostos. Mateus falava com muita gente. Depois surge Jesus. O que é que Mateus vê de diferente nele? Tudo o que Jesus lhe diz é: “Segue-me”. O que terá se passado na mente de Mateus? O que teria se passado caso acontecesse comigo? O que é que Mateus deixou para seguir Jesus? O que ganhou com isso?

Este método de visualização não deve ser confundido com o que se chama “o pensamento da possibilidade”. Os gurus que defendem esta técnica ensinam que ao visualizar aquilo que se quer, estamos realmente tornando-o realidade, quer seja riqueza, prosperidade, fama, prestígio ou prazer. É claro que não existem bases bíblicas que defendam esta técnica.

O Dr. W.E. Sangster escreve:

O estudante devoto aprendeu a viver pela Bíblia. Ao usar a imaginação de forma reverente, desenvolveu um método de se introduzir, pelo pensamento, entre as capas da Bíblia e fazer dela a sua auto-biografia. O uso mais nobre da imaginação não é fazer planos futuros, mas recuar através dos corredores do tempo e recordar cenas e fatos da vida do nosso Senhor, e estar presente quase pessoalmente, em cada acontecimento registrado na história do nosso Redentor; recuar no tempo e alegrar-se com Pedro, Tiago e João quando acompanhavam o Senhor; é ver Lázaro saindo do túmulo; é sentar-se com Maria aos pés de Jesus. A melhor forma de usar a imaginação é tomar fatos reais e revivê-los na vida de hoje. Podemos ler a Bíblia ficando do lado de fora, ou entrando nela. Podemos abordá-la de forma desinteressada, e nunca chegar ao seu interior, ou podemos penetrar para além da capa e viver dentro da própria Palavra divina.²

O vazio de uma vida ocupada

Um dos maiores impedimentos à meditação é a excessiva ocupação do tempo. Experimentamos o vazio de uma vida

ocupada. Os nossos empregos nos consomem. As exigências da vida e da família nos pressionam: comprar uma casa, a manutenção de um ou dois carros, alimentação, roupas, seguros, educação, etc. Mesmo o obreiro cristão "full-time" (de tempo integral) pode facilmente cair naquilo a que Charles Hummel chamou de tirania do urgente. A preparação das mensagens, as exigências do aconselhamento, as mil e uma visitas e chamadas de auxílio deixam pouco tempo livre para ficar aos pés do Salvador.

Somos viciados no trabalho. Tal como os carros japoneses, cuja publicidade defende que "somos conduzidos", nós permitimos que os detalhes mundanos da vida da casa e as compras ultrapassem o que tem realmente valor. Não podemos nos desculpar só porque somos conduzidos, ou seja, empurrados, porque precisamos fazê-lo. As pessoas ocupadas também podem meditar. É uma questão de organização de tempo. Mesmo as pessoas da classe A (pessoas de sucesso, altamente motivadas) têm tempo livre e momentos de baixa atividade. Precisamos aprender a disciplinar-nos e a redimir estes momentos para a contemplação divina. Se estivermos ocupados demais para fazê-lo, então realmente estamos excessivamente ocupados.

Deus não Se revela apressadamente ao homem com pressa. Ele não desvenda o Seu coração àquele que só quer olhar com curiosidade e pouco interesse. Ele não manifesta a Sua glória ao turista espiritual, mas sim, ao que sobe o Monte até Ele. A glória refletida na face de Moisés após quarenta dias de comunhão com Deus não foi produzida por um clarão, mas por uma prolongada exposição à luz divina.

Uma linha direta do Céu

Já dissemos que a meditação freqüentemente coloca alguém em posição de receber uma comunicação especial do Senhor. Aqui precisamos ter cuidado pois, às vezes, podemos ouvir crentes fracos e até carnais dizer: "O Senhor me fa-

lou...” Mas tanto a Bíblia como a experiência posterior provam que o Senhor nada lhes disse. No entanto, isso não nega o fato de que os que gozam de especial intimidade com Deus realmente recebam revelações dEle. Permitam-me terminar com três exemplos.

A senhora Shepherd cria que Deus tinha lhe assegurado que todos os seus muitos filhos seriam salvos. No entanto, ao falar disso a um pastor, este ridicularizou a idéia. O seu irmão doente, que vivia do lado oposto da cidade, nada sabia deste caso. Uma noite, enquanto estava a meditar em Isaías 49, ele pediu à esposa para levar uma mensagem à sua irmã. A mensagem era o v. 25: *“Porque eu contenderei com os que contendem contigo, e os teus filhos eu remirei”*. Todos os filhos desta crente foram salvos nos anos seguintes.

Alfredo gozava de uma comunhão extremamente profunda com Deus. O seu melhor amigo, Alex, que também habitava no lugar secreto do Altíssimo, vivia a milhares de quilômetros de distância. Um dia, Alfredo, já idoso, disse à sua filha: “Sabes, há mais de três meses que não encontro o Alex no trono da graça”. Pouco tempo depois, uma carta veio confirmar que Alex falecera três meses antes.

Num sábado à tarde, um jovem crente estava no seu escritório, implorando a Deus em grande agonia de alma. Ele tinha o sentimento de que Deus tinha se esquecido dele. O telefone tocou. Era Allan Smith, um ancião que vivia praticamente no Livro de Salmos. Ele disse-lhe: “Quero que saiba que o Senhor o pôs no meu coração, e que estou orando por você”. O jovem ficou muito surpreso. Allan era apenas um conhecido, não havia forma de, humanamente falando, ele ter vindo a saber do problema do seu jovem irmão. E não havia razão para crer que este estaria no escritório num sábado à tarde.

Murdo MacLeod disse:

Os que caminham com o Senhor pela fé e O conhecem como Companheiro de viagem, não podem deixar de desfrutar comunicações do Seu amor e cuidado. Para estes,

Ele não está silencioso. Para eles, Ele não é um estranho... Numa experiência cristã profunda, há muitas vezes um elemento de mistério, desconhecido ao mundo, ou para os que têm apenas nome de que vivem³ (Ap 3.1).



Capítulo 19

Domando a Língua

NINGUÉM ficará surpreendido ao saber que a forma de um cristão falar é o barômetro do seu caráter, “*pois do que há em abundância no coração, disse fala a boca*” (Mt 12.34b). Pela maneira de alguém falar, pode-se conhecer o seu nível espiritual.

Tiago recorda-nos o que já aprendemos com a experiência – que apesar da língua ser um pequeno órgão, é capaz de fazer muito para o bem ou para o mal. Embora o homem possa domar todos os animais selvagens, nenhum homem pode domar a língua. “*É um mal que não se pode refrear, está cheia de peçonha mortal*”. Ao contrário das outras coisas da natureza, a língua pode produzir resultados opostos, tais como amargo e doce, bênçãos e maldições (Tg 3.1-12).

Apesar de não podermos domar a nossa língua, devemos ficar profundamente gratos que Deus pode fazê-lo. Através do poder do Espírito, Ele pode fazer uma língua afiada falar com graça e uma língua maldizente tornar-se edificante.

Aqui ficam algumas das qualidades que devem caracterizar a nossa maneira de falar:

Deve ser verdadeira

“*Pelo que, deixai a mentira, e falai a verdade cada um com o seu próximo; porque somos membros uns dos outros*” (Ef 4.25 – ARC). Deus não pode mentir e não permite que se minta. Esta regra aplica-se a mentirinhas, exageros, adulações

e promessas que não são cumpridas. Os relatórios dos resultados da obra cristã não devem ser exagerados. O secretário não deve dizer que o chefe não está, quando isso não é verdade. E as crianças não devem ser ensinadas a mentir quando chega uma visita indesejável.

Se uma pessoa for honesta não necessita ter uma boa memória. E. Stanley Jones disse: "Quem disser mentiras precisa uma boa memória para encobri-las, mas se disser sempre a verdade, não é necessário ter boa memória – basta dizer a verdade. É tão simples como isso".

Deve valer a pena

"Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe..." (Ef 4.29). Aqui a palavra *torpe* refere-se à falta de qualidade, imprópria para uso, sem valor. Quando os primeiros gravadores apareceram, era muito engraçado esconder um e gravar as conversas à mesa. Quando a fita era tocada, os participantes ficavam por vezes embaraçados com as palavras ocultas que tinham dito. Jesus avisou que de *"toda a palavra ociosa que os homens disserem, não de dar conta no dia do juízo"* (Mt 12.36 – ACF). Assim, a tagarelice deve ser confessada como pecado e expulsa das nossas vidas.

Deve edificar

"...mas só a que for boa para promover a edificação" (Ef 4.29b – ACF). Em outras palavras, devemos constantemente procurar edificar os outros com aquilo que dizemos. H.A. Ironside sempre dirigiu a conversa para assuntos edificadores. Por vezes perguntava: "O que você pensa que significa este versículo?" e depois citava um texto problemático. Se a outra pessoa não sabia, ele sugeria graciosamente: "Acha que significa isto?" As suas explicações eram inesquecíveis.

Um amigo meu começou a dizer qualquer coisa negativa sobre outra pessoa. Parecia ser um boato bastante interessan-

te, mas parou no meio da frase e disse: “Não! Isso não seria edificante”. Eu quase morri de curiosidade, mas nesse dia aprendi uma lição valiosa sobre a disciplina da língua.

Deve ser apropriada

“*Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, e sim unicamente a que for boa para a edificação, conforme a necessidade*” (Ef 4.29). É um grande dom saber sempre o que dizer, fazendo-o de forma apropriada no tempo certo. Assim como o ancião piedoso que, ajoelhado aos pés da cama de um crente moribundo, citou Cantares de Salomão 8.5: “*Quem é esta que sobe do deserto e vem encostada tão aprazivelmente ao seu amado?*” (ARC). Ou o estimado pastor que tentava amenizar a tristeza de uma família enlutada, citando o Salmo 30.5b: “*...o choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã*” (ARC). Ou a senhora crente que transcreveu Isaías 49.4 no final duma carta destinada a um pregador desanimado: “*Mas eu disse: Debalde tenho trabalhado, inútil e vãmente gastei as minhas forças: todavia o meu direito está perante o Senhor, e o meu galardão perante o meu Deus*” (ARC). Quando o Dr. Alexander Whyte entrou no escritório de um advogado, ficou atordoado com a pergunta: “Tem alguma mensagem para um velho pecador?” Então repetiu o trecho em que tinha acabado de meditar: “*O Senhor...tem prazer na misericórdia*” (Mq 7.18). O advogado agradeceu-lhe pelas únicas palavras que lhe podiam trazer conforto. Todas estas palavras foram as mais apropriadas para o momento. Então: “*Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo*” (Pv 25.11). E “*a palavra, a seu tempo, quão boa é*” (Pv 15.23).

Deve ser cheia de graça

A forma como falamos não deve ser apenas apropriada, mas também *cheia de graça*. “*A vossa palavra seja sempre*

agradável..." (Cl 4.6a). O Senhor era de tal modo agradável que os homens se *"maravilhavam das palavras de graça que saíam da Sua boca"* (Lc 4.22b). Não foi pela graça que Ele, um judeu, pediu água a uma mulher samaritana desprezada (Jo 4.7)? E não foi através da graça que Ele disse à mulher apanhada em adultério: *"Nem eu te condeno"* (Jo 8.11b)? Ser gracioso requer que nos refreemos dos comentários que magoam e ferem; todos os tipos de insinuações maldosas, o sarcasmo cortante. Lady Astor disse: "Sir Winston, se eu fosse sua esposa, punha veneno no seu café". Ao que Churchill respondeu: "Lady Astor, se eu fosse seu marido, bebia-o". Muitíssimo engraçado mas não muito agradável ou gracioso!

O nosso modo de falar deve ser cheio de graça, sim, mas também temperado com sal. *"A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal"* (Cl 4.6a). O mesmo Senhor que disse: *"Dá-me de beber"* também disse: *"Chama o teu marido"* (Jo 4.16). E depois de dizer: *"Nem eu te condeno"*, acrescentou: *"Vai, e não peques mais"*. Estas palavras de Jesus têm uma certa agudeza. São bem pungentes.

O sal é um conservante, evita a decomposição. O sal provoca a sede. Assim, através do nosso modo de falar devemos preservar os padrões da integridade moral, e estimular a sede pelas água viva oferecida por Cristo.

Deve ser pura

Claro que o crente deve falar de forma **pura**. *"Mas a prostituição, e toda a impureza ou avareza, nem ainda se nomeie entre vós, como convém a santos; nem torpezas, nem parvoíces, nem chocarrices, que não convêm; mas antes, ações de graças"* (Ef 5.3-4). Quanto mais livremente falarmos de pecado e imoralidade, menos sérios esses assuntos parecerão para nós ou para quem nos ouve. Acabam por ser mortalmente familiares, e deixamos de nos horrorizar com eles. É verdade que a Bíblia descreve, por vezes, pecados hediondos, mas o faz sempre de forma a criar um espírito de repulsa por esses

atos, e nunca de modo a desculpar ou a menosprezar a importância desses assuntos.

Sem juramentos

Quando falamos não devemos confirmar as nossas palavras através de *juramentos*. “...*de maneira nenhuma jureis: nem pelo Céu... nem pela Terra... nem pela tua cabeça... Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; não, não; porque o que passa disto é de procedência maligna*” (Mt 5.34-37). “*Mas, sobretudo, meus irmãos, não jureis, nem pelo Céu, nem pela Terra, ...mas que a vossa palavra seja sim, sim, e não, não; para que não caiais em condenação*” (Tg 5.12). A forma de um crente falar deverá ser constantemente honesta para que ele nunca precise confirmar com juramento. É como se diz: “Os juramentos não têm qualquer valor. Um bom homem não necessita deles e um homem mau não os honrará”.

Todos sabemos que é errado usar o nome do Senhor em vão e usar palavras ofensivas. Mas o que sabemos sobre as substitutas, ou seja, as palavras que são eufemismos das outras, as proibidas? Essas violam tanto as Escrituras como as suas homólogos.

Bem, e fazer um juramento no tribunal? Quando Jesus foi julgado, o sumo-sacerdote disse: “*Conjuro-te pelo Deus vivo, que nos digas se tu és o Cristo o Filho de Deus*”. Conjurar significa ordenar sob juramento. Sendo judeu sob a lei, Jesus tinha que testemunhar sob juramento (Lv 5.1) e Ele o fez. Isto encerra o assunto para muitos crentes. Mas se ainda se sentirem incapazes de fazer um juramento legal, em certos países lhes é permitido testemunhar por afirmação. Significa responder às perguntas ou apresentar provas sem jurar pelo nome de Deus.

Deve ser reverente

Não devemos falar levemente ou sem respeito acerca das coisas sagradas. Não se devem fazer trocadilhos com a

Bíblia, ou seja, citar as Escrituras em anedotas ou contextos completamente deslocados do seu verdadeiro significado. Os assuntos divinos devem ser encarados com seriedade.

Ninguém se opõe ao humor saudável e limpo, mas a verdade é que frivolidade em demasia leva à falta de poder espiritual. O Espírito Santo muitas vezes tem sido impedido de agir em reuniões devido às barreiras erguidas por histórias engraçadas. A solenidade do apelo do Evangelho dissipou-se devido a anedotas divertidas.

Os servos de Cristo devem evitar fazer piadas e comentários frívolos. Interrompendo todas as conversas com comentários espirituosos sendo o melhor contador de anedotas, conquista-se a reputação de uma espiritualidade vã, leve como uma pluma.

Deve ser breve e incisiva

“Na multidão das palavras não falta transgressão, mas o que modera os seus lábios é prudente” (Pv 10.19 – ARC). Em outras palavras, quanto mais falamos, mais perto ficamos de pecar. Podemos evitar esse perigo resistindo ao desejo de estar sempre falando alguma coisa. *“Não te precipites com a tua boca, nem o teu coração se apresse a pronunciar palavra alguma diante de Deus; porque Deus está nos céus, e tu estás sobre a terra; pelo que sejam poucas as tuas palavras” (Ec 5.2).* Apesar deste trecho se referir especialmente aos votos feitos a Deus, o conselho é também para uso geral.

Realmente um falador compulsivo é muito inconveniente. Nunca pára, nem para respirar. Ninguém consegue falar entre as suas curtas pausas, porque ele monopoliza todas as conversas, todo o tempo e toda atenção do desafortunado ouvinte.

Como conclusão, permitam-me que cite um texto que resume expressivamente o assunto que acabamos de tratar. Não sei quem o escreveu, mas desejava ter sido eu o autor.

O que deve um crente fazer com a sua língua? Deve controlá-la, nunca procurando dominar uma conversa. Deve

treiná-la para dizer menos do que poderia. Nunca deve ser usada para a falsidade, as meias-verdades, a malícia, as insinuações, o sarcasmo, a linguagem grosseira ou a tagarelice. Deve ser sempre usada quando as circunstâncias pedirem testemunho, confissão ou uma palavra de encorajamento. Se for uma dessas pessoas estranhas, que acham difícil dizer 'obrigado', devem treinar a língua para proferir essa palavra e resolver o problema do orgulho que a inibe de pronunciá-la.

A língua deve obedecer o pensamento e não comandá-lo. Mais pessoas se arrependem por terem falado algo do que por terem ficado caladas. O que fala semeia, mas o que ouve colhe.



Capítulo 20

Perdoa-nos a Maledicência

Há alguns anos, apareceu o seguinte no *Atlanta Journal*:

Sou mais mortífero que um morteiro. Ganho sem matar. Desfaço lares, destroço corações e destruo vidas. Viajo nas asas do vento. Nenhuma inocência é bastante forte para me intimidar, e nenhuma pureza suficientemente pura para me afastar. Não respeito a verdade, a justiça ou a misericórdia pelos indefesos. As minhas vítimas são tão numerosas e tão inocentes como a areia da praia. Nunca esqueço e raramente perdôo. O meu nome é Maledicência!

Talvez Tiago estivesse a pensar particularmente neste pecado ao escrever: “...*todos tropeçamos em muitas coisas. Se alguém não tropeça em palavras, o tal varão é perfeito, e poderoso para também refrear todo o corpo*” (Tg 3.2 – ACF).

É tão natural e fácil falar de alguém, ouvir boatos, mas tão difícil deixar esse hábito.

O que é um boato? William R. Marshall diz que é a arte de não dizer nada duma maneira que não deixa nada sem ser dito. Bill Gothard diz que é partilhar informação com alguém que não faz parte do assunto ou da solução para resolvê-lo. Podemos expandir estas definições dizendo que é falar de forma depreciativa **de alguém que se encontra ausente**. O boato, ou a maledicência, coloca a vítima em posição desfavorável; afirma coisas que não são amáveis ou bondosas, edificantes ou mesmo necessárias. É criticar alguém por trás

das suas costas em vez de se confrontar com ela cara a cara. É uma forma de assassinio do caráter.

A Bíblia condena esta prática com veemência:

"Não andarás como mexeriqueiro entre o teu povo" (Lv 19.16a – ACF).

"O que anda praguejando descobre o segredo, mas o fiel de espírito encobre o negócio" (Pv 11.13 – ARC. Ver também 20.19).

"O homem perverso levanta a contenda, e o difamador separa os maiores amigos" (Pv 16.28 – ARC).

"As palavras do linguareiro são como doces bocados, e elas descem ao íntimo do ventre" (Pv 18.8 – ARC).

"Sem lenha, o fogo se apagará; e, não havendo maldizente, cessará a contenda" (Pv 26.20 – ARC).

Em Romanos 1.29 Paulo agrupa os maldizentes (murmuradores) juntamente com os assassinos e as pessoas imorais.

Não contes a ninguém o que te acabei de contar

Diversas vezes tentamos camuflar o boato fingindo que estamos apenas a trocar informações para ter assuntos de oração. "Só falo nisto para que os irmãos orem pelo assunto, mas sabiam que..." Ou pensamos estar evitando a ofensa se falarmos do caso como se fosse uma confidência. O resultado freqüentemente é o que segue:

Duas mulheres falavam em Brooklyn:

"A Tillie disse-me que você tinha lhe contado o segredo que contei a você, e que tinha dito para não contar a ela".

"Ela é mesmo uma chata. Eu disse à Tillie para não lhe dizer o que eu tinha contado para ela".

"Bem, eu disse à Tillie que não falaria a você que ela me tinha contado, por isso não lhe conte nada do que eu lhe disse agora".

No seu livro *Seasons of Life* (Estações da Vida), Charles Swindoll fala de negociantes de boatos, mas isso é apenas outro nome para a difamação e a maledicência. Aqui fica o que escreveu:

Os que se alimentam de boatos possuem almas mesquinhas e desconfiadas. Satisfazem-se em negociar em vielas escuras, atirando bombas sutis que explodem nas mentes do seu semelhante, dando asas à imaginação. Confortam-se por serem apenas um canal “inocente e incerto”, mas nunca são a fonte dessa informação. O verdadeiro sentido de “Já ouviste?” ou “Dizem” ou “Ouvi alguém dizer” dá completa imunidade àquele que espalha os boatos.

- “Já sabes que tal Igreja vai dividir-se?”

- “Soube que o Fernando e a Helô vão separar-se... dizem que ela o traiu”.

- “Dizem que os pais dele têm muito dinheiro”.

- “Já sabes que pediram ao Pastor Fulano de Tal para deixar a igreja?”

- “Disseram-me que o filho deles se droga... foi preso por roubar uma loja”.

- “Alguém me disse que eles foram obrigados a casar”.

- “Ouvi dizer que ele bebe muito”.

- “Você sabe que ela é uma namorada... cuidado!”

- “Todos dizem que finalmente, por bem ou por mal, ele conseguiu chegar lá em cima”.

- “Há muita gente preocupada por não poder confiar nele.”

Todos sabemos como os boatos crescem e como circulam de um lugar para o outro. Cada pessoa que os conta junta-lhes o seu toque negativo até que, por fim, a história já não tem qualquer semelhança com a original.

Paulo mencionou nomes – por quê?

Alguém pode afirmar que Paulo falou de forma crítica sobre Himeneu e Alexandre (1 Tm 1.19, 20), sobre Figelo e

Hermógenes (2 Tm 1.15), e Alexandre o latoeiro (2 Tm 4.14). João não poupou Diótrefes (3 Jo 9-10). É verdade, mas o propósito era alertar os crentes contra estes homens, não era atacá-los traiçoeiramente.

Por vezes é necessário que os dirigentes da Igreja discutam sobre indivíduos quando a disciplina ou a correção se tornam necessárias. Mas o objetivo é auxiliar as pessoas em questão e não destruí-las. Não é o mesmo que um boato.

Há passos positivos que podemos dar quando lidamos com boatos.

Em primeiro lugar, podemos pedir à pessoa para identificar a origem do boato. Paulo deu-nos um exemplo em 1 Coríntios 1.11: *"Porque a respeito de vós, irmãos meus, me foi comunicado pelos da família de Cloé que há contendas entre vós"* (ACF).

Em segundo lugar, devemos pedir permissão para citar o maldizente à pessoa que está em questão. "Você se importa que eu fale com ela sobre o que me acaba de dizer?" "Oh não! Não faça isso! Isso seria o fim da nossa amizade!"

Ou poderemos recusar-nos a ouvir o boato. Podemos fazê-lo dizendo educadamente que preferíamos não ouvir, ou tentar desviar a conversa para outro assunto mais edificante. "Se ninguém quiser ouvir um boato, ninguém o poderá espalhar. Se a audiência for surda, o maldizente ficará mudo" (William R. Marshall).

Um provérbio turco lembra-nos: "Quem lhe conta um boato, também o contará sobre você".



Capítulo 21

O Teste do Temperamento

NUMA reunião de igreja, alguém não estava conseguindo que a sua idéia fosse aprovada. Estava explodindo de raiva. Os braços voavam acintosamente enquanto despejava uma torrente de palavras abusivas, os olhos brilhavam, as mandíbulas tremiam e os dedos embranqueceram. Por fim, saiu gritando: “Vou-me embora e o Senhor irá comigo”. Mas ninguém o considerava um homem santo e também ninguém acreditava que o Senhor quisesse acompanhar alguém tão birrento.

A cena muda. Era um domingo de manhã. A família arremava-se para ir à igreja. As crianças estavam demorando, o pai gritava, a mãe não se acertava com o forno, a casa toda estava numa grande confusão. Mas, não se preocupem, pois um pouco mais tarde estavam todos bem alinhados, com belos sorrisos e auréolas, em seus lugares costumeiros, sentados na sua fila de cadeiras na igreja.

Agora estamos no Natal. Todos estão agitados com os preparativos para as festa, comprando presentes desnecessários para pessoas que já têm tudo. A pressão aumenta. Os nervos acabam ficando em frangalhos e, ao menor comentário diferente os ânimos se exaltam. Começa a confusão! E estão celebrando o aniversário do meigo e gentil Jesus!

A vida está repleta de testes para os nervos e que se encontram muito bem disfarçados de frustrações. O seu carro acabou de ser riscado na área de estacionamento. O avião está atrasado. O garçom é extraordinariamente desajeitado e entorna sopa no seu colo. O telefone toca às três da manhã:

“Desculpe, foi engano!” Você desliga, mas ele toca outra vez. A mesma pessoa, a mesma frase! O bebê sujou uma peça valiosa com tinta e o cachorrinho de estimação roeu uma obra que lhe custou anos de trabalho.

Não há nada que possa ser tão pouco recomendável para a fé cristã como uma demonstração de mau humor. Do mesmo modo, nada pode falar tão alto, pelo poder transformador do Espírito Santo, como alguém que reaja calma e gentilmente sob circunstâncias bastante adversas. Não é de admirar que as Escrituras digam: *“Melhor é o longânimo do que o valente, e o que governa o seu espírito do que o que toma uma cidade”* (Pv 16.32 – ARC).

Uma hora para a ira

Outros podem argumentar que recebemos um mandamento para nos irarmos, em Efésios 4.26: *“Irai-vos e não pequeis; não se ponha o sol sob a vossa ira”*. É verdade: há um tempo para a ira. Devemos irar-nos quando o nome do Senhor é desonrado, tal como Jesus se zangou quando fizeram um antro de ladrões da casa de Seu Pai (Mt 21.13). Devemos também irar-nos quando outras pessoas estão sendo maltratadas. Em suma, temos o direito à ira quando ela for relacionada com o Senhor ou o próximo, mas nunca quando se relaciona conosco. Devemos ser leões na causa de Deus, mas cordeiros para a nossa própria causa. Mesmo neste caso há sempre o perigo de que a ira justificada se transforme em raiva pecaminosa. A raiva é ira sem barreiras, totalmente descontrolada. Por isso Paulo disse: *“Irai-vos e não pequeis; não se ponha o sol sob a vossa ira”*.

Em comparação com o único mandamento que nos manda ficar irados, encontramos na Bíblia uma multidão de versículos que nos ensinam a sermos demorados na ira, longânimos e pacientes:

“Toda a amargura, e ira e cólera, e gritaria, e blasfêmias, e toda a malícia sejam tiradas dentre vós. Antes sede

uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoados-uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo” (Ef 4.31, 32).

“O fruto do Espírito é... longanimidade...” (Gl 5.22).

“Com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor” (Ef 4.2).

“Corroborados em toda a fortaleza, segundo a força da sua glória, em toda a paciência, e longanimidade com gozo” (Cl 1.11).

“O que presto se ira fará doidices” (Pv 14.17a – ARC).

“O longânimo é grande em entendimento, mas o de ânimo precipitado exalta a loucura” (Pv 14.29 – ARC).

“O homem iracundo suscita contendas, mas o longânimo apaziguará a luta” (Pv 15.18).

“O homem iracundo levanta contendas; e o furioso multiplica as transgressões” (Pv 29.22).

“O entendimento do homem retém a sua ira, e a sua glória é passar sobre a transgressão” (Pv 19.11 – ARC).

“Um tolo expande toda a sua ira, mas o sábio a encobre e reprime” (Pv 29.11 – ARC).

O Senhor perguntou a Jonas: *“É razoável essa tua ira?”* (ARA). Devemos lembrar-nos dessa pergunta da próxima vez que formos tentados a perder a cabeça. A ira deve ser um indicador de perigo, depois devemos agir como Júlio César, o governante, agia: sempre que era provocado, recitava todo o alfabeto em pensamento, antes de responder.

Quando um amigo estava reclamando com um crente sobre o mau gênio de outro, o culpado respondeu: *“Oh, bem, os meus ataques não duram muito tempo”*. O primeiro insistiu: *“Meu caro, um terremoto também não dura muito tempo, mas faz um estrago terrível enquanto dura”*.

O Que Devo Vestir?

“O QUÊ? A santidade tem a ver até com as roupas que uso? Nem pensem nisso, o importante é o interior das pessoas. Deus se interessa pelo que somos e não pela nossa aparência”.

Parece bastante convincente mas de fato Deus interessa-se pelas duas coisas, pois Ele sabe que o exterior é muitas vezes a imagem do interior. Ouçam, por exemplo como Ele castigou as filhas de Sião:

“Naquele dia, tirará o Senhor o enfeite das ligas, e as redzinhas, e as luetas: os pendentos, e as manilhas, e os vestidos resplandecentes; os diademas, e os enfeites dos braços, e as cadeias, e as caixinhas de perfumes, e as arrecadas; Os anéis e as jóias pendentos do nariz: Os vestidos de festa, e os mantos, e as coifas, e os alfinetes; Os espelhos e as capinhas de linho finíssimas, e as toucas, e os véus. E será que em lugar de cheiro suave haverá fedor, e por cinto uma corda; e em lugar de encrespadura de cabelos, calvície, e em lugar de veste larga, cilício; e queimadura em lugar de formosura” (Isaiás 3.18-24 – ARC).

Por que é que Deus se importou? A resposta está no v. 16: *“Porquanto as filhas de Sião se exaltam, e andam de pescoço erguido, e têm olhares impudentes, e quando andam, como que vão dançando e cascavelando com os pés”.*

O seu vestuário rico e enfeites caros eram uma indicação do orgulho e vaidade.

Idéias para o guarda-roupa

Vamos então considerar alguns dos princípios que a Palavra de Deus nos mostra para que Cristo seja o Senhor do nosso guarda-roupa.

Em primeiro lugar, as roupas devem ser modestas e discretas. *"Do mesmo modo as mulheres se ataviem em traje honesto, com pudor e modéstia" (1 Tm 2.9a)*. "Modéstia" pode ter diversas interpretações, mas está sempre relacionada com decência. A roupa modesta não expõe grandes porções da anatomia humana com intenções sugestivas. Nunca faz com que outro crente tenha dificuldade em viver da forma como um crente deve viver.

A nossa forma de vestir também não deve chamar à atenção, nem ser um meio de publicidade pessoal. Não estamos aqui para atrair as atenções: o nosso objetivo é glorificar a Cristo (Jo 3.30; Cl 1.18b). Como J. Russel Howden apontou: "O crente deve glorificar Cristo, não a roupa, nem a sua riqueza, nem o seu alfaiate, nem a si próprio".

Assim, devemos evitar os extremos. Por um lado, não devemos acompanhar os últimos gritos da moda, tantas vezes demasiado bizarros. Por outro lado, não devemos tornar-nos estranhos usando roupas demasiadamente fora de moda ou desleixadas. Citando Howden mais uma vez: "Deus não ordena nem incita o desleixo ou o desalinho. Falta de cuidado corporal ou na forma de vestir não são marcas de espiritualidade. Se os nossos corpos realmente são o templo do Espírito Santo, então tudo o que for bonito, próprio e que fique bem, poderá ser usado". A velha regra pode ainda ser aplicada: "Nunca sejas o primeiro a experimentar algo novo, nem o último a deixar o que é antigo".

É certo que devemos possuir apenas um guarda-roupa discreto. Neste mundo em que vivemos, cheio de necessidades, parece pouco humano que os crentes mantenham armários tão cheios de roupa que até parecem pequenas lojas.

Pela mesma razão, devemos evitar comprar roupa a preços exorbitantes. *"...não com tranças, ou com ouro, ou pé-*

rolas ou vestidos preciosos” (1 Tm 2.9b). “O enfeite delas não seja o exterior, no frisado dos cabelos, no uso de jóias de ouro, na compostura dos vestidos” (1 Pe 3.3 – ARC). No entanto, isso não significa que sejamos obrigados a comprar os produtos mais baratos, pois poderão ser uma falsa economia. Devemos pesar bem a nossa decisão e avaliar os preços e a qualidade. Por exemplo, se comprarmos os sapatos mais baratos que encontrarmos, é possível que paguemos mais a um podólogo ou ortopedista do que se tivéssemos gasto um pouco mais no nosso calçado.

As roupas devem estar bem cuidadas e limpas. Uma aparência suja e relaxada não é um bom testemunho do nosso Salvador. Como Oswald Chambers disse: “O desleixo na aparência é um insulto ao Espírito Santo”.

O vestuário do crente deve ser um sinal do seu sexo. O versículo chave para esta idéia encontra-se em Deuteronômio 22.5: “*Não haverá traje de homem na mulher, e não vestirá o homem vestido de mulher, porque qualquer que faz isto abominação é ao Senhor teu Deus*”. Este versículo destina-se em primeiro lugar ao travestismo, o uso regular de roupas e comportamentos do sexo oposto. No entanto, também se podia aplicar ao movimento “*unissex*”, a destruição das diferenças entre os sexos, como o cabelo e o estilo de vestuário. Não haja dúvidas de que Deus odeia a confusão dos sexos.

De maneira geral, o nosso modo de vestir deve representar o Senhor, pois somos seus embaixadores. E isso pode variar de acordo com a nossa cultura e o período histórico em que vivemos. Devemos lembrar-nos da possibilidade de que a nossa aparência pode atrapalhar qualquer testemunho. Kierkegaard fala-nos de um palhaço de circo que foi enviado a uma cidade para pedir ajuda por causa de um incêndio que tinha começado na tenda do circo. Mas, por estar vestido com as suas roupas de cena, a multidão respondeu aos seus gritos com gargalhadas, pensando que ele estava brincando. E o circo ardeu completamente porque a mensagem tinha sido mal interpretada, devido à maneira como o palhaço estava vestido.

É o interior que conta

A Bíblia realça o nosso caráter interior e não a aparência exterior. Notem por exemplo, Colossenses 3.12-14: *"Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos, e amados, de entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade; suportando-vos uns aos outros, e perdoando-vos uns aos outros, se alguém tiver queixa contra o outro; assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós também. E sobre tudo isso revesti-vos de amor, que é o vínculo da perfeição"*.

Voltando a 1 Timóteo 2.9-10: *"Que do mesmo modo as mulheres se ataviem... com boas obras"*.

Louvai ao Senhor na beleza da Sua santidade.
Curvai-vos perante Ele, proclamai a Sua glória.
Com vestes de obediência, e incenso de humildade,
Ajoelhai-vos e adorai-O; O Senhor é o Seu nome.



Capítulo 23

Dizer a Verdade

SERÁ lícito mentir alguma vez? Só há uma resposta: Deus não pode mentir e não pode autorizar ninguém a mentir. O nono mandamento proíbe que se preste falso testemunho. Os crentes devem pôr de lado a mentira e falar a verdade ao seu próximo (Ef 4.25). Satanás é o pai da mentira (Jo 8.44) e não devemos imitar o seu comportamento.

Dennis J. De Haan lembra-nos que “a desonestidade disfarça-se de muitas maneiras. Faz promessas sem ter a menor intenção de cumpri-las. Nada diz se aparece um engano a seu favor no caixa do supermercado. Guarda um produto comprado por engano e pago o preço de outro mais barato (este é um caso de desonestidade que deu lugar ao roubo). Esconde a verdade de modo a tirar vantagens pessoais disso e mente para encobrir os seus erros”.

É verdade que a Bíblia **registra** mentiras, mas **nunca as aprova**. Abraão mentiu em relação a Sara (Gn 12.10-20; 20.2). Isaque mentiu a respeito de Rebeca (Gn 26.7). Ananias e Safira mentiram a Deus acerca do seu espírito de dedicação (At 5.1-11).

Há outras ocasiões em que o povo de Deus não mentiu, mas também não disse toda a verdade. As parteiras do povo hebreu disseram que as hebréias davam à luz antes delas chegarem (Êx 1.19). O fato de Deus ter aprovado (v. 20) mostra que elas não estavam mentindo. Moisés pediu permissão para que os israelitas fossem por três dias ao deserto para sacrificarem (Êx 5.3); ele sabia que se Faraó recusasse um pedido tão

pequeno, também recusaria um grande, como a saída permanente do Egito. Ehud disse que tinha recebido uma mensagem secreta do Senhor para o rei de Eglon, mas não revelou que era uma mensagem de morte (Jz 3.12-30). Quando Deus disse a Samuel para ungir Davi como rei, também acrescentou que se Saul tentasse indagar alguma coisa, ele respondesse simplesmente que tinha vindo sacrificar ao Senhor (1 Sm 16.1-3). Era verdade. Ele tinha feito um sacrifício, mas essa não era a principal razão porque fizera a viagem. Ele não estava obrigado a dizer tudo o que sabia...

Algumas vezes as pessoas desculpam a mentira, baseadas na frase de que os fins justificam os meios. Tudo por uma boa causa. Fazer o mal para que daí venha o bem é uma forma de casuística jesuíta que é condenada pelas Escrituras (Rm 3.8).

O problema de consciência mais difícil de enfrentar pode surgir quando uma vida é posta em perigo se for dita a verdade. A ilustração clássica envolve crentes que esconderam judeus durante a ocupação nazista, quando os soldados apareceram à porta e perguntaram: "Há algum judeu por aqui?" Seria uma mentira descarada dizer que não. No entanto, qualquer outra resposta representaria a morte para os judeus e as suas famílias. Que fazer?

Alguns diriam: "Dizer a verdade e deixar as consequências com Deus". Mas era como uma sentença de morte.

Outra opção seria confiar em Deus e dar uma resposta que não fosse nem desonesta nem incriminatória. Deus pode fazer isso, mas nem sempre o faz.

Outros diriam que num mundo de maldade como o nosso, às vezes é necessário escolher o mal menor. Neste caso mentir, apesar de errado, seria um mal menor do que condenar à morte pessoas inocentes. A única ocasião em que esse procedimento seria válido é quando houvesse outras vidas envolvidas.

Alguns citam Atos 5.29: "*Mais importa obedecer a Deus do que aos homens*". Deus disse: "*Não matarás*" (Êx 20.13). Também disse: "*Livra os que estão destinados à morte, e os*

que são levantados para a matança, se os puderes retirar. Se disseres: Eis que o não sabemos; porventura aquele que pondera os corações não o considerará? E aquele que atenta para a tua alma não o saberá?" (Pv 24. 11-12 – ARC).

Uma consideração final. Há certos atos que não são boas obras em si mesmos, mas que se tornam boas obras quando são a demonstração da fé salvadora. Falando de um modo geral, seria homicídio se Abraão oferecesse Isaque em sacrifício, mas Deus aprovou esse ato porque foi a demonstração da genuína fé de Abraão (Tg 2.21). Normalmente, teria sido traição para Raabe fazer amizade com espiões, mas realmente ela teve uma justificativa para fazê-lo porque demonstrou que era uma crente **verdadeira** no Senhor (Tg 2.22). Se fosse retirada a fé destes atos eles seriam puramente malignos.

Como dissemos, o problema é bastante difícil. Felizmente a maioria de nós nunca terá de enfrentá-lo. Para os mil e um problemas que temos no dia a dia, a solução é dizer a verdade e nunca mentir. Citando, mais uma vez, Dennis De Haan: "Mentir mina a confiança, suscita suspeita e destrói os relacionamentos pessoais, mas o pior de tudo é a mentira ser um insulto a Deus, que é a fonte de onde deriva toda a verdade".

Dilemas Morais

O ASSUNTO da santidade cristã nunca ficaria completo se não considerássemos a ética, ou seja, o problema do que é moralmente bom ou mau, certo ou errado. Em todas as sociedades, há inúmeras tentações e pressões para usar atalhos, para entrar em situações que nos comprometem ou tentam enganar. A tentação é especialmente forte quando há dinheiro envolvido. Foi isso que fez com que Voltaire dissesse: “Quando o assunto é dinheiro, todos os homens professam a mesma religião”. Todo o crente deve comprometer-se a provar que Voltaire não tinha razão.

Um homem de negócios disse que a sua filosofia assentava na idéia de que o negócio era como um biombo meio aberto; só pode ficar de pé se uma parte estiver dobrada. Outros são francos em acrescentar que iriam à falência se dirigissem o seu negócio como o Sermão da Montanha; por outras palavras, não sobreviveriam se fossem honestos.

Deixem-me citar algumas brechas da ética que são comuns hoje em dia: falsificar os impostos de rendimento; abusar das contas para despesas; publicidade desonesta; recurso a subornos, intermediários ou pagamentos, ou “luvas;” enganar nos pesos ou medidas; produzir mercadoria de qualidade inferior ao preço; passar cheques sem fundo; declarar bancarrota para escapar aos credores. Outras práticas sem ética incluem: o plágio; levar para casa material de escritório ou ferramentas; não cumprir 60 minutos de trabalho para cada hora de pagamento; testemunhar de Cristo durante as horas de trabalho;

evitar o serviço do Senhor; desobedecer às regras de trânsito; contar confidências de outras pessoas; chegar atrasado aos encontros marcados.

Será que um advogado cristão poderia defender como inocente um criminoso que sabe ser culpado? Será que uma comissária de bordo cristã deve servir bebidas alcoólicas? E um agente de compras pode receber presentes e ofertas dos seus fornecedores? Encontramos um missionário que poderia poupar dias ou mesmo semanas de atraso se aceitasse subornar um burocrata estrangeiro; será que deve fazê-lo? Um estudante pode ter acesso a um exame antes do dia marcado; será que deverá fazê-lo? Será que há um problema ético ao vender produtos que se sabe que são cancerígenos? Uma escola cristã, com falta de dinheiro, tem possibilidade de receber como oferta 100.000 reais provenientes de um fabricante de bebidas alcoólicas: a diretoria deve aceitar a oferta? Um paciente insiste que seu médico cristão assine uma indenização de seguros que ambos sabem não ser verdadeira; o médico deve assiná-la? Um vendedor de material de construção pertence ao Conselho Tributário local. Se os construtores comprarem o seu material poderão "arranjar" uma redução nos impostos sobre propriedades. Eles terão que comprar de alguém, por que não dele?

O alto preço da honestidade e da desonestidade

Um grego é dono de um pequeno restaurante. Um inspetor sanitário examina o restaurante e entrega-lhe uma longa lista de modificações que precisam ser feitas: uma nova tampa hermética para o fogão, uma nova mesa de cortar carne, bancadas e balcões novos, e outras mudanças que irão custar muito dinheiro. Por fim o inspetor pergunta-lhe: "Será que para você tudo isso vale 1.000 reais?" Se o dono do restaurante responder que não, o inspetor dirá: "Regula-

rize tudo dentro de duas semanas ou precisarei interditar o seu estabelecimento”.

Quando a ponte sobre o rio Tacome acabou de ser construída, um inspetor de uma companhia de seguros teve a sorte de fazer o seguro. Tinha tanta certeza de que a ponte era indestrutível que meteu os prêmios no bolso. Um dia, um vendaval iniciou uma vibração nas estruturas e a ponte submergiu na água.

Ninguém nega que os crentes enfrentem muitas decisões difíceis, mas mais difícil ainda é lidar com uma decisão errada.

Aqui ficam alguns exemplos de homens que tiveram a coragem de fazer o que sabiam ser correto, por mais alto que fosse o preço.

Adam Clark trabalhava numa loja de tecidos. O seu patrão tinha-o instruído a esticar a seda com força, enquanto a media. Adam disse: “O senhor sabe que a seda estica, mas a minha consciência não”. Deus, mais tarde, usou Adam Clark para escrever um comentário na Bíblia que tem o seu nome.

Em outro lugar, um cliente tentava convencer o balconista a vender-lhe tecido a mais, sem a mínima intenção de pagar essa diferença: “Vá lá,” disse o comprador, “o seu patrão não está vendo nada”. O empregado respondeu: “O meu Patrão está vendo sempre!”

Num novo emprego, Dick F. tinha que viajar toda a semana com o seu instrutor. No fim do dia este registrava todas as horas que tinham passado com clientes em vários locais. Apesar de terem gasto cerca de sete horas ou menos, ele ajustava o relatório para oito horas diárias e tentou convencer Dick a fazer o mesmo. Dick respondeu que, sendo crente, não podia consentir numa coisa dessas, mesmo que o seu emprego dependesse disso. O instrutor reagiu irado, mas Dick manteve o trabalho e mais tarde foi como missionário para o Equador.

Quando Haroldo G. foi contratado para entregar batatas fritas nos supermercados, disseram-lhe para levar sempre um lápis afiado para furar os sacos de batatas fritas dos concorrentes. O furo permitiria a entrada de ar, e as batatas ficariam

úmidas e bolorentas. Haroldo recusou, mas não foi despedido. Algumas vezes os patrões percebem que um homem honesto é o melhor empregado que podem ter.

Roberto B. trabalhava para uma loja de roupas masculinas. Um dia, o gerente, um cristão professo, disse-lhe que iam pôr as roupas em promoção. Mandou que Roberto levasse para cima todos os artigos que normalmente custavam 150 reais, pusesse uma etiqueta nova com 200 reais e, depois, ao lado outra marcando 175 reais. Depois de discutir com o gerente, Bob despediu-se. Deus honrou-o colocando-o ao Seu serviço.

A promessa de Deus é certa. *"Porque aos que me honram, honrarei"* (1 Sm 2.30). Pode ser que haja um preço a pagar a curto prazo, mas o Senhor sempre recompensará com justiça o Seu povo quando age honestamente.



Capítulo 25

Senhor, Quero Submeter-me a Ti

HOUVE uma época em que os fogos do reavivamento se espalharam em Ruanda, e um dos aspectos com maior destaque nesse reavivamento foi o espírito de submissão que se derramou sobre os crentes de lá. O Rev. Kevin Baker⁴ foi enviado da Inglaterra pela sua denominação, para treinar homens para o ministério.

Ao ensinar no seminário, a sua teologia foi se tornando cada vez mais liberal. Começou a plantar dúvidas e negações em relação à Palavra de Deus. Na aula havia um pequeno grupo de homens conhecidos como *abalokele*, ou seja, “os nascidos de novo”. Estes homens encontravam-se para orar todas as manhãs às 4:00 horas. Quando Kevin soube que eles oravam por ele, ficou ofendido. Afinal, ele era um clérigo da igreja, e os outros nativos ignorantes.

Um dia Kevin decidiu chamar o líder e repreendê-lo. O homem sentou-se calmamente ao ser submetido a uma descarga de repreensões e humilhações. Após ouvir em silêncio, ao final de tudo, ele disse apenas: “O senhor realmente precisa de ajuda”. O Professor Reverendo ainda ficou mais zangado.

No entanto, o grupo dos salvos continuou a orar, e Deus começou a operar na vida do Rev. Baker. Ele percebeu que tinha se afastado muito da fé ortodoxa. Finalmente, ficou tão convicto do seu erro que resolveu confessar ao Bispo, que

tudo o que tinha ensinado, apesar de ser aceitável para a Igreja, era contrário às Escrituras.

O Bispo ficou profundamente desapontado com a posição evangélica de Kevin. Cobriu o rosto com as mãos e disse: "Oh Kevin, você não poderá continuar sendo Bispo". Kevin respondeu-lhe: "Graças a Deus!"

A pressão para a submissão ou quebrantamento

Enquanto o Espírito operava, Kevin sentiu-se compelido a pedir desculpas àquele líder dos nascidos de novo, a quem tinha tratado tão rudemente. Que humilhante! Ele, um clérigo de uma prestigiada denominação, apresentando as desculpas a um estudante negro. Lutou muito contra a idéia, mas a pressão era cada vez maior. Estava "recalcitrante contra os agulhões". Não conseguiu ter paz enquanto não se decidiu a ir. Sentindo-se bastante deprimido, entrou no carro, partiu e começou a ensaiar o seu pequeno discurso de desculpas.

Assim que se aproximou da porta, o líder do grupo apareceu e disse: "Aleluia!", pois sabia que as suas orações tinham sido respondidas. Foi a primeira vez que Kevin abraçou um homem negro – e também foi a primeira vez que de fato quis fazer isso.

Depois, o grupo de pessoas salvas pediu-lhe que participasse da reunião de oração às 4:00 horas da manhã. Aquilo estava completamente fora da sua esfera de atividade como clérigo. Balbuciou uma enfiada de desculpas. Os outros ouviram-no com paciência perguntando-lhe em seguida: "Quer tentar só por uma semana?" Sem conseguir resistir mais, concordou. Devido a esse fato experimentou tal alegria na oração, que não se podia comparar a nada do que sentira antes.

Quando a administração soube que um dos seus instrutores se reunia com os alunos para orar àquela hora da manhã, considerou essa prática subversiva para os interesses do semi-

nário. A solução foi transferir o Rev. Baker para outra escola e proibir quaisquer reuniões nas instalações da Universidade antes das 7:00 da manhã.

O grupo de homens salvos ponderou o assunto perante o Senhor, e decidiu que iria obedecer a Deus, ao invés de obedecer ao homem. Pelo fato de continuarem a orar, acabaram sendo expulsos do seminário a algumas semanas antes da formatura. Estavam destroçados mas não amargurados. Aceitaram pacientemente aquela decisão sem fazer recriminações. Mas sentiam que o Rev. Kevin ainda nutria sentimentos amargos contra o Bispo. Encontraram-se com ele e sugeriram-lhe que confessasse ao Bispo a natureza dos seus sentimentos. Desta vez Kevin não recuou. Foi rapidamente, limpou a sua consciência e experimentou um contínuo reavivamento na sua vida.

Atinjam o seu coração

Sentir-se submisso ou quebrantado é talvez o sentimento mais importante e influente da santificação. Quando falamos de um homem quebrantado, referimo-nos a alguém que foi submisso pela vontade de Deus. Ele é manso e gentil na presença de circunstâncias adversas e de pessoas irritantes. Ao ser atingido numa face, oferece a outra. E. Stanley Jones disse:

Ao oferecer a outra face desarmamos o inimigo. Ele bate-nos na face e nós, oferecendo-lhe a outra, com a nossa audácia moral, atingimo-lo no coração. A sua inimizade desaparece. O inimigo já não existe. Livramo-nos do inimigo ao nos livrarmos da inimizade... O mundo está aos pés de Cristo, que tinha o poder para retaliar e também para não retaliar. É isso que é poder... o poder supremo.

Ter uma personalidade pronta para subjugar-se é uma atitude muito bela do caráter humano. Desse modo resistimos ao

impulso de retaliar, de nos defendermos, ou de nos queixarmos. Deus procura os vasos quebrados.

Vasos para as lâmpadas de Deus!
Ouçam o grito que se estende.
Não é a beleza da sua concepção,
Mas a prontidão em quebrar
Que distingue os vasos do Senhor.

Um dia, um membro da congregação do Dr. Alexander Whyte entrou no gabinete deste com as últimas notícias. Havia a notícia de que um pregador visitante tinha afirmado publicamente, que um dos obreiros que auxiliavam no ministério do Dr. Whyte não era cristão.

O Dr. Whyte, indignado, trocou de cor. Encolerizou-se com a idéia de que tal acusação tivesse sido levantada contra um fiel servo do Senhor. Com algumas palavras bem escolhidas, expressou a sua fúria contra aquele que era o culpado de tal pecado.

"E não ficou por aí", disse o outro, "ele até disse que o senhor também não era um crente verdadeiro".

Ao ouvir aquilo, o Dr. Whyte ficou abatido e disse: "Por favor deixe-me sozinho, preciso examinar o meu coração perante Deus".

A submissão, para alguns de nós, não é uma lição fácil de ser absorvida. Uma noite, estava eu num lar visitando dois idosos, respeitáveis servos do Senhor. Não me lembro como chegamos ao assunto, mas eles começaram a criticar a Escola Bíblica onde eu era presidente. Pude sentir uma onda de calor tomando conta de mim. Eu era como uma mãe a quem tivessem dito: "Que bebê mais feio é o seu!" Bem, as minhas emoções rebentaram como cataratas e não os poupei. No caminho para casa, congratulava-me de ter defendido valentemente a causa da justiça.

Uns meses mais tarde, viajava em Iowa participando de algumas reuniões. O Espírito do Senhor veio sobre mim com

forte convicção. Era como se Ele me dissesse: “Aí vai você de novo, MacDonald, dizer às outras pessoas como devem viver a vida cristã. No entanto, lembra da maneira como você falou com os Meus dois servos e ainda não acertou o assunto com eles?” Antes de poder pregar naquele fim de semana, tive de escrever uma carta com um pedido de perdão àqueles crentes.

A submissão fortalece os relacionamentos pessoais

Será que isso foi o fim da nossa amizade? Não, ela começou a ser cada vez mais profunda, eles escreveram-me uma carta muito gentil, assegurando-me que estava perdoado, manifestando o seu grande interesse e dizendo que se lembravam de mim nas suas orações. Deus soluciona tudo sempre da melhor forma, Ele sabe que a submissão e a humilhação fortalecem os relacionamentos, ao passo que o orgulho os destrói.

Bem, poderiam pensar que eu tinha aprendido a lição. Mas não! Uma manhã, estava me preparando para um funeral, quando o telefone tocou. Era um pregador da Inglaterra que estava de visita à minha região. Eu sabia que ele tinha algumas idéias sobre a Vinda do Senhor, que eu considerava muito antibíblicas. O assunto acabou por surgir e comuniquei-lhe os meus sentimentos de modo bastante exaltado. Incidentalmente, não era uma boa preparação para um funeral. Nós discutimos um pouco mais, e depois terminamos, ficando cada um ainda mais convencido de ter razão.

Anos mais tarde, quando me encontrava em Londres, o Senhor falou-me duma maneira que não me agradava. Eu caminhava por uma rua, não muito longe do lugar onde morava aquele pregador. Ainda posso até ver a cabine telefônica à minha frente. “Vá lá Bill, você não acha que deve telefonar àquele irmão e pedir-lhe perdão pela maneira como lhe falou?”

“Mas Senhor, eu ainda acho que tenho razão. Estava defendendo a verdade da Tua Volta iminente”.

“Não é isso que interessa. Não é uma questão de verdade, mas sim de atitude”.

Entrei na cabine e liguei para o número (com a esperança secreta de que ele não estivesse em casa). Mas estava. De fato, foi até ele quem respondeu. Expliquei-lhe a razão do telefonema. Foi como uma bofetada no meu orgulho, de tal forma que nunca mais o recuperei. Gentilmente, o pregador aceitou o meu pedido de perdão e convidou-me para almoçar no dia seguinte, num restaurante ali perto. Mais tarde, fui também convidado para falar na igreja onde ele assistia.

Mas alguém poderá perguntar: “E se eu não me sentir submisso? Que poderei fazer?” Eu sugerir-lhe-ia três passos:

Passos para a submissão

Primeiro orar: “Senhor, quebranta-me!”, reconhecendo que, assim como todos os crentes, é preciso que primeiro haja uma transformação para depois orar que o Senhor produza essa mudança na vida de cada um de nós. Mas há um preço. O processo de submissão pode ser doloroso.

Em segundo lugar, examine o passado procurando coisas erradas que precisem ser acertadas, palavras maldosas que precisam ser perdoadas, ocasiões em que se agiu segundo a carne e não segundo o Espírito.

Depois, é preciso confessar tudo a Deus e à pessoa ou pessoas ofendidas. Parece sempre mais fácil confessar a Deus do que aos outros. Mas é importante fazê-lo. Façam tudo o que for necessário para viverem sabendo que o Espírito Santo não está entristecido.

Por fim, sintam-se à vontade para compartilhar essa experiência com outros. Pode não significar nada para o vosso ego, mas talvez encoraje outra pessoa a experimentar a bênção que sobrevém da submissão.

Deus ama os vasos quebrados e as pessoas quebradas e subjugadas. Tal como Vance Havner escreveu: “É preciso quebrar o solo para semear uma seara, as nuvens quebradas

produzem chuva, o grão quebrado dá força. O vaso de alabastro quando quebra exala o melhor perfume. Foi só quando Jacó chegou coxeando de Jaboque é que recebeu poder de Deus e perante homens. Foi somente após ter chorado amargamente, que Pedro voltou ainda mais cheio de poder”.



Capítulo 26

Digam Não às Substâncias Nocivas

STEVE era um jovem empresário, com um casamento feliz, mas que um dia experimentou cocaína numa festa em casa de amigos. Pouco tempo depois, começou a viver só para sentir a ótima – mas curta – sensação de poder e prazer que a droga lhe proporcionava. Os 200 reais diários que lhe custava o vício acabaram por consumir o seu lar de tal forma que em pouco tempo se desmoronou. Como tantos outros, a sua história acabou em conflito, bancarrota e divórcio. Mesmo os amigos que o tinham incentivado a experimentar a droga, acabaram por lhe voltar as costas.

Ninguém nega que há prazeres ligados às drogas. Mesmo a Bíblia admite que o mundo oferece prazeres, referindo-se a eles como “*prazeres transitórios do pecado*” (Hb 11.25). São prazeres de **curta duração**, e o preço a ser pago por eles é muito alto.

Qual deve ser a atitude dos crentes em relação ao atual leque de drogas como as anfetaminas, os barbitúricos, a heroína, a cocaína, o ópio, a maconha, o LSD, a cola, óxido nítrico e as substâncias de farmácia como a codeína, o Darvon e o Percodan? A Bíblia diz alguma coisa sobre elas?

Quando Paulo lista as obras da carne em Gálatas 5.19-21, inclui nela a palavra feitiçaria (v. 20) ou bruxaria. Na linguagem original do Novo Testamento, surge a palavra *pharmakeia*⁵, que sugere o uso de drogas, poções, encantamentos,

ou feitiços, fazendo-nos recordar que as drogas são usadas nas artes mágicas, as quais pertencem ao mundo demoníaco. É claro que há uma utilização válida para as drogas, quando são receitadas pelo médico, mas aqui a Bíblia refere-se ao uso de drogas por feiticeiros, médiuns e outras pessoas envolvidas no espiritismo.

Os que as usam são derrotados

Sabemos que as drogas da família dos alucinógenos podem levar o usuário para um nível transcendental e deixar a sua vida à mercê da entrada de demônios. Alguns ex-toxicômanos convertidos afirmam que é impossível ficar viciado em drogas sem ficar endemoninhado ao mesmo tempo.

O objetivo de um demônio é sempre destruir (Mc 9.22; Jo 10.10a). É uma regra sem exceção. Ele irá tentar destruir tanto o dependente químico como outra pessoa. Assim, podem ser explicados muitos dos crimes brutais e sem razão de que ouvimos falar hoje em dia. É importante reconhecer esta ligação entre drogas, demônios e destruição, e evitar o envolvimento com eles.

É claro que há outras razões pelas quais um crente se deve afastar dos produtos químicos nocivos, pois têm a capacidade de viciar os que os utilizam, e um crente não deve ser escravizado por hábito nenhum (Rm 6.16-23). Como são caras, os homens são muitas vezes levados ao roubo e à violência para manter o vício, e as mulheres à prostituição. Alguns dos resultados para o corpo traduzem-se em infecções devido ao uso de agulhas contaminadas, emagrecimento e danos no sistema imunológico. Frequentemente os danos cerebrais são irreversíveis. Os viciados tornam-se *zumbis*, pessoas estranhas e suicidas. A esse fato pode-se acrescentar que a utilização da maioria das drogas é ilegal. Os que violam a lei arriscam-se a serem detidos, julgados, incorrem em pesadas despesas judiciais e, se forem condenados, podem receber pena de prisão. Há sempre o perigo

de uma **overdose**, normalmente seguida por uma derradeira viagem para o cemitério.

Um cristão nunca deve usar estes produtos nocivos, pois o seu corpo é o templo do Espírito Santo (1 Co 6.19). Também não deve vendê-los pois, ao fazê-lo, está prejudicando outros, dando-lhes uma falsa imagem de como um cristão deve se conduzir. A nossa obrigação é ganhar pessoas para Cristo, não para o uso de drogas.

Já se falou na ligação existente entre as drogas e o demonismo. Há outras coisas associadas ao demonismo que o crente deve evitar: as cartas de *tarot*, a predição do futuro, a astrologia, a magia negra, a magia branca, o *yoga*, a leitura da sorte, a caixa de *ouija*, a bola de cristal, a clarividência, as sessões espíritas e a comunicação com os mortos (ver Dt 18.9-14).

O álcool

Quando perguntaram a um alcoólatra convertido se acreditava que Jesus tinha transformado a água em vinho, ele respondeu: “Sim, já O vi transformar whisky em alimentos, bilhetes de loteria em mobília e uma esposa destroçada numa crente radiante. Não tenho qualquer dificuldade em aceitar que tivesse transformado a água em vinho”.

A forma mais comum do abuso de substâncias é o alcoolismo. Tal como as drogas de que falamos na seção anterior, o álcool é um escape ao mundo real. Proporciona uma sensação de exaltação temporária, uma oportunidade de esquecer os problemas do momento e um alívio da tensão. No entanto, como acontece com as outras drogas, é degradante, desumano e destrutivo.

Os que se dizem crentes devem adotar o ponto de vista bíblico em relação ao assunto da ingestão de bebidas alcoólicas. A intenção inicial divina era que o vinho fosse saboreado por homens e mulheres, mas com moderação (Sl 104.15a). Ele nos alerta para o abuso que re-

sulta na perda da capacidade de tomar decisões corretas (Pv 31.4-5; Os 4.11). Deus permite o uso do vinho em áreas onde a água cause problemas de estômago (1 Tm 5.23) e defende o seu uso medicinal para os moribundos (Pv 31.6-7), mas o perigo reside no fato de as pessoas poderem abusar de uma dádiva de Deus tornando-se alcoólatras. Deus adverte solenemente os crentes acerca do seu uso indiscriminado e descontrolado (Rm 13.13), afirmando claramente que nenhum bêbado herdará o Reino dos Céus (1 Co 6.10). Mesmo que um homem professe ser crente, mostrará a falsidade da sua afirmação se é bêbado. Quando ingerido em quantidade *"o vinho é escarnecedor, e a bebida forte alvoroçadora; e todo aquele que neles errar nunca será sábio"* (Pv 20.1). Em culturas como a americana, onde beber pode levar outros a abusarem da bebida, os crentes devem praticar a abstinência total, ou seja, evitar completamente todas as bebidas embriagadoras (Rm 14.21).

O crente nunca deverá sentir a necessidade do uso do álcool como fuga às realidades da vida, às dificuldades ou à tensão. Como Paulo sugere em Efésios 5.18, é melhor ser cheio do Espírito do que estar cheio de vinho.

Doença ou pecado?

Não sejam enganados pelo mito atual de que o alcoolismo é uma doença e não um pecado. A Bíblia diz que é um pecado e que nenhum bêbado herdará o Reino dos Céus (1 Co 6.10). O homem é moralmente responsável pelo seu comportamento e não pode escapar a essa responsabilidade chamando o pecado de doença.

Há alguns anos este artigo foi publicado numa revista ironizando o fato do alcoolismo ser uma doença:

- É a única doença contraída por um ato voluntário.
- É a única doença que precisa de uma licença para ser propagada.

- É a única doença que é engarrafada e vendida.
- É a única doença que precisa duma rede de comercialização para ser distribuída.
- É a única doença que produz impostos para o governo.
- É a única doença que promove o crime.
- É a única doença que causa dependência.
- É a única doença que é incentivada pela publicidade.
- É a única doença não causada por germes ou vírus sem tratamento corretivo.
- É a única doença que impede o doente de ganhar o Céu.
- É a única doença oferecida como presente de Natal.

A ingestão de bebidas alcoólicas é um hábito que conduz à dependência e ao vício, e um crente não deve ser escravizado por nada, nem ninguém, exceto por Deus (1 Co 9.26-27).

É um hábito caro, que muitas vezes desvia dinheiro necessário à família ou às necessidades pessoais. Salomão disse que aquele que ama o vinho (excessivamente) nunca será rico (Pv 21.17). E o profeta Joel descreve homens que, de tão desesperados por bebida, venderam meninas para comprar vinho (Joel 3.3).

São bem conhecidos os efeitos do alcoolismo para a saúde – a cirrose hepática, problemas de rins, falhas de coração, danos nas células cerebrais. A expectativa de vida de um alcoólatra nos Estados Unidos é de 51 anos, muito mais reduzida do que a média nacional. O alcoolismo durante a gravidez pode ser prejudicial para o feto. Alguém disse: “Deus perdoa os nossos pecados, mas os nossos corpos é que não os perdoam”.

Adicionem ainda o número de horas de trabalho perdidas, a freqüente incapacidade para ter um emprego estável, a devastação causada na vida de uma família, as mortes causadas por motoristas alcoolizados, os suicídios e os homicídios cometidos sob a influência do álcool. Estatísticas recentes mostram que mais de oitenta por cento dos que se encontram detidos nas cadeias cometeram os crimes enquanto se encon-

travam sob a influência de álcool ou drogas. Tudo isto transmite uma imagem terrível.

Salomão dá uma descrição clássica em Pv 23.29-35: *"Para quem são os ais? Para quem, os pesares? Para quem, as rixas? Para quem as queixas? Para quem, as feridas sem causa? E para quem, os olhos vermelhos? Para os que se demoram em beber vinho, para os que andam buscando bebida misturada. Não olhes para o vinho, quando se mostra vermelho, quando resplandece no copo e se escoo suavemente. Pois ao cabo morderá como a cobra e picará como o basilisco. Os teus olhos verão cousas esquisitas, e o teu coração falará perversidades. Serás como o que se deita no meio do mar e como o que se deita no alto do mastro e dirás: Espancaram-me, e não me doeu; bateram-me, e não o senti; quando despertarei? Então, tornarei a beber".* (NVI)

A melhor opção

A única forma de alguém se assegurar que não se tornará um alcoólatra é evitando completamente o álcool, e este também é o comportamento que não fará mais ninguém tropeçar. É importante que todos percebamos esta verdade. Se um crente fraco nos vir, a mim ou a você, tomando uma bebida alcoólica, poderá concluir que, se é correto para nós, também será correto para ele e poderá ficar viciado no álcool, tornando-se um bêbado. Nesse caso, nós seremos moralmente responsáveis por termos dado **mau exemplo**. É por essa razão que Paulo disse: *"Bom é não comer carne, nem beber vinho, nem fazer outras coisas em que teu irmão tropece, ou se escandalize, ou se enfraqueça"* (Rm 14.21). Por isso também disse: *"Pelo que se o manjar escandalizar a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que meu irmão se não escandalize"* (1 Co 8.13 – ARC). É pior induzir outros à embriaguez do que ser bêbado – e Deus sabe o quanto isso já é ruim.

Pode haver vitória

Mel Trotter era um alcoólatra. Para evitar as ressacas que se seguiam a cada embriaguez barata, permanecia sempre bêbado. Um dia, quando o seu bebê morreu, precisou de uma bebida, mas não tinha dinheiro. Então foi ao caixão, tirou os sapatos dos pés do bebê e empenhou-os para poder comprar bebida. Quando percebeu o horror do que tinha feito, começou a caminhar em direção ao lago para acabar com a sua vida. No caminho, passou por uma pequena missão, entrou, ouviu o Evangelho e foi salvo de forma maravilhosa. A sua vida transformou-se. Deixou de ser alcoólatra e dedicou-se a levar marginais para o Salvador. Ele era a prova viva de que existe uma vitória sobre o alcoolismo, que é através do poder do Espírito Santo. Ele desmentiu a noção de que um alcoólatra nunca pode ser completamente liberto da tentação de beber. Tal idéia não dá valor ao poder libertador do Espírito Santo.

Depois de sua conversão, um outro alcoólatra pediu para ser batizado para poder assim expressar que tinha morrido para o seu velho modo de vida e que estava determinado a viver uma vida nova. Mais tarde, quando o zelador esvaziou o tanque batismal, encontrou uma garrafa de whisky no fundo. Foi a forma que esse crente encontrara para encerrar aquele capítulo da sua vida.

Qualquer crente que tenha um problema com álcool deve seguir algumas regras muito simples:

1. Desfaça-se de todas as bebidas alcoólicas que tenha à mão. Isso será um teste para a sinceridade do seu desejo de libertação.
2. Implore continuamente pelo poder de Deus para se manter longe da bebida. Ore: “Não me deixes cair em tentação, mas livra-me do mal”.
3. Resista a qualquer tentação – mesmo só para uma pequena dose (Pv 1.10). Pode fazê-lo se pedir a ajuda do Senhor (Pv 18.10). Cada vitória o ajudará a vencer a tentação seguinte (1 Co 10.13).

4. Confesse imediatamente qualquer falha a Deus (1 Jo 1.9). Muitas vezes é útil compartilhar falhas com outro crente espiritual e compreensivo que lhe servirá como companheiro de oração.
5. Evite os lugares e as pessoas que fazem a velha tentação regressar (Rm 13.14).
6. Se for possível, peça a um crente mais maduro para lhe servir de confidente, para orar por você nas horas difíceis e ser sempre um bom amigo (Pv 17.17).

Se o leitor estiver realmente desesperado e encarar o problema de forma séria, Deus conceder-lhe-á todo o poder necessário para vencê-lo. Mas a sua resolução tem que ser verdadeira e séria.⁶

Capítulo 27

Jogo, o Grande Roubo

“VOCÊ PODERÁ ser o feliz contemplado com R\$1.000,00. Os seus números da sorte encontram-se dentro deste envelope. Devolva-os juntamente com a sua assinatura. Junte-se à lista dos vencedores”.

Somos constantemente bombardeados com convites semelhantes a este, incitando à nossa participação em diversas formas de jogo, ou loteria. Mesmo na fila da caixa do supermercado podem nos dar um cartão para o bingo. Quando pensamos na quantia absurda que acabamos de gastar em gêneros alimentícios, a possibilidade de ganhar R\$ 1.000,00 ou mais até nem é de desprezar.

De volta para casa, recostados na nossa poltrona, lemos um artigo acerca de um trabalhador que acabou de ganhar R\$500.000,00 na loteria. Apostando uma pequena soma, ganhou tudo isso! “Uau!”, pensamos nós, “o que eu faria com uma grana dessas!”

Tocam a campanha! É uma menina muito humilde que quer nos vender uma rifa para a sua escola. É difícil recusar! Uma criança tão simpática! E é por uma boa causa!

O logro do dinheiro fácil

A nossa sociedade oferece todo o tipo de oportunidades para “ficar rico rapidamente”, ou para “fazer dinheiro com facilidade”, ou para tentar a sorte em qualquer jogo de azar. Há corridas de cães e cavalos. Há os cassinos com as roletas

e as máquinas caça-níqueis (ladrões de um braço só). Há loterias nacionais, loterias estaduais e outros jogos de azar. Os bingos, que cada vez mais são patrocinados por igrejas. Pode-se apostar nos jogos de totobola, na quina, na megasena, no ilegal jogo do bicho, ou semelhantes. Pode-se apostar no jogo dos números, ou cartas, como o vinte-e-um ou pôquer. Ou, se quisermos algo mais sofisticado, podemos especular na bolsa. Não quero dizer que todos os negócios de ações sejam jogo, podem até ser investimentos muito seguros. Mas tudo depende do motivo do comprador e da natureza das ações.

O logro do jogo é que o valor do prêmio é muito desproporcional à quantia arrecadada com as apostas. Em 1975 um brasileiro chamado Miron de Sousa apostou o equivalente a um dólar num jogo de futebol e ganhou 2.451.549 dólares. Foi o maior prêmio ganho em âmbito mundial até àquela época.

No ano seguinte, um homem de vinte e seis anos de Nova Jérsei, ganhou a loteria do seu Estado recebendo a soma de 1.776 dólares por semana para o resto da sua vida. Se morrer aos 76 anos, terá recebido um total de 4,6 milhões de dólares.

Desde então os prêmios da loteria têm aumentado para quantias alucinantes, e quanto mais aumentam, mais pessoas são logradas por eles.

Que diz a Bíblia?

O que a Bíblia tem a dizer sobre isso? Será que o jogo é uma forma de atividade legítima para qualquer cristão?

Apesar da Bíblia não dizer explicitamente: "Não jogarás", o décimo mandamento diz: "*Não cobiçarás*" (*Êx 20.17*). O jogo é uma forma de cobiça. Expressa um desejo descontrolado pela riqueza e a insatisfação com aquilo que a providência de Deus concedeu. Significa que, se for possível, quero enriquecer à custa de outros. E ainda, que olho para a sorte e o destino em vez de ter os olhos postos no meu Pai celestial.

Por essa razão todas as proibições da Bíblia acerca da cobiça se aplicam ao jogo. Em Lucas 12.15, por exemplo, pode-

mos ler: *“Acautelai-vos e guardai-vos da avareza; porque a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui”*. O modo de vida do crente deve encontrar-se livre do amor ao dinheiro; ele deve contentar-se com o que já tem (Hb 13.5). A avareza é idolatria (Cl 3.5) e, como já foi dito, destrona Deus da alma e em seu lugar coloca o desejo de possuir cada vez mais. A cobiça é comparada à imoralidade, à bebedice, à devassidão, como sendo um pecado pelo qual é possível ser expulso da igreja local (1 Co 5.11). De fato, a sua maldade é tão grande que pode excluir para sempre uma pessoa do Reino dos Céus (1 Co 6.10).

A Bíblia também afirma: *“Os bens que facilmente se ganham, esses diminuem mas o que ajunta à força do trabalho terá aumento”* (Pv 13.11). O trabalho honroso é criativo e produtivo, mas o jogo não. O que se recebe com o jogo é uma forma de roubo.

A Bíblia diz: *“Aquele que tem um olho mau corre atrás das riquezas, mas não sabe que há de vir sobre ele a pobreza”* (Pv 28.22 – ARC). O motivo do jogo é a cobiça. Visto que a cobiça é impura e pecaminosa, dá lugar à maldição de Deus. Neste caso, a maldição de Deus é a pobreza.

A Bíblia diz: *“Como a perdiz que ajunta ovos que não choca, assim é aquele que ajunta riquezas, mas não retamente; no meio de seus dias as deixará, e no seu fim se fará um insensato”* (Jr 17.11). O dinheiro ganho no jogo não proporciona uma satisfação duradoura; mas é mais provável que seja a origem de uma torrente de problemas.

Depois de recordar a Timóteo que o crente deve contentar-se com comida e vestuário, Paulo advertiu que os que desejam ser ricos *“caem em tentação e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína”* (1 Tm 6.9).

O jogo terá sempre uma conotação maligna para os crentes ao lembrarem como os soldados romanos lançaram sortes sobre a túnica do Salvador, durante a Sua crucificação (Jo 19. 23, 24).

Um mau negócio

Quando alguém ganha o primeiro prêmio da loteria, a sua sorte é bem divulgada. Mas as perdas do jogo são estranhamente abafadas. Raramente ouvimos acerca do homem de negócios italiano que perdeu 1.920.000 dólares à mesa da roleta em Monte Carlo em 1974. Ou do príncipe árabe que, no mesmo ano, perdeu mais de 1 milhão de dólares de uma só vez, em Las Vegas. Raramente se fala dos bilhões que são perdidos, todos os anos, pela média dos cidadãos comuns que apostam os seus salários arduamente ganhos, sempre com a possibilidade de perder. Matematicamente as hipóteses de ganhar são drasticamente reduzidas. Por exemplo, a maior máquina caça-níqueis do mundo talvez poderia pagar 1 milhão de libras por um investimento de 10 libras, mas a probabilidade de fazê-lo é de uma vez em 25.000.000.000.

Jogar pode tornar-se um vício. Não é nada anormal as pessoas ficarem quase hipnotizadas, esbanjando dinheiro dia após dia, comportando-se como se estivessem em transe. Provavelmente pensam que, quanto mais tempo estiverem apostando, mais possibilidades têm de ficar ricos, ou no mínimo, de recuperarem as suas perdas. De vez em quando ganham uma ninharia – apenas o suficiente para levá-los a perdas ainda maiores. Nenhum crente deve permitir que o poder do jogo o controle. Paulo advertiu os coríntios contra tudo o que possa escravizar, mesmo as coisas que são, em si próprias, legítimas – o que não é o caso do jogo (1 Co 6.12a).

Ninguém pode calcular a pobreza e o desgosto que os jogadores crônicos desencadeiam sobre si próprios e as suas famílias. A casa cai por falta de manutenção, a comida diminui, as dívidas acumulam-se vertiginosamente, enquanto o dinheiro é desperdiçado numa tentativa fútil e incessante de deixar a pobreza e ficar rico da noite para o dia.

Considerem também os crimes que têm sido cometidos na tentativa de recuperar as perdas. O roubo, o desfalque, a chantagem – uma caixa de Pandora de atividades erradas que

são o recurso das tentativas frenéticas de recuperar a respeitabilidade financeira.

Adicione-se a tudo isso as associações criminosas que se encontram freqüentemente ligadas ao jogo. É bem conhecido o envolvimento da Máfia no jogo organizado. Poderá um crente justificar a sua participação numa atividade que tem o odor do inferno?

É claro que algumas vezes a tentação sobrevém disfarçada com sentido religioso. Imaginem quanto essa quantia poderia fazer para a obra do Senhor! Aqui temos o velho sofisma de fazer o mal para que daí advenha o bem. Certa vez uma senhora piedosa visitou o seu pastor e lhe trouxe uma idéia, que pensava ser a maior desde a descoberta da bússola. Ela pediu-lhe para orar que o bilhete da loteria federal, que tinha comprado, fosse o sorteado. Se ele órasse e se ela ganhasse, ia dividir metade da quantia com a igreja. O pastor replicou: “Vou orar para que a senhora transforme a sua concepção de religião em geral, e do Cristianismo em particular”. A obra de Deus não precisa de dinheiro ganho no jogo, e Deus não poderia abençoá-lo, pois não seria dinheiro santificado.

Os que são tentados pelo jogo deveriam dar atenção às palavras de Paulo: *“Mas é grande ganho a piedade com contentamento”* (1 Tm 6.6). Sentir-se contente com o que tem e pertencer a Deus possui algo que o dinheiro não pode comprar. Quem pertence a Deus não vai jogar, e mesmo assim sentir-se-á satisfeito. Não terá nem necessidade nem desejo de jogar.

Por fim, os que são tentados a jogar deveriam considerar as palavras de Samuel Johnson: “A cobiça do ouro, desprovida de sentimentos e de remorsos, é a última corrupção do homem degenerado”.⁷

O Controle da Natalidade

Será que um capítulo sobre o controle da natalidade pertence a um livro sobre a santidade cristã? Muitos crentes insistiram para que eu incluísse este assunto, por sentirem que ele envolve sérios princípios éticos e morais.

Há dois lados opostos. Há os que defendem com veemência que a contracepção é contrária à vontade de Deus para o Seu povo. Outros estão igualmente convictos que é um assunto em que cada crente precisa sentir-se inteiramente seguro perante a sua consciência (Rm 14.5).

Os que são contra a contracepção

Talvez a melhor forma de abordar o assunto seja ordenar os argumentos usados mais frequentemente pelos que são contra e a favor. Primeiramente veremos os contrários:

1. Em Gênesis 1.28 Deus disse: *“Frutificai e multiplicai-vos; e enchei a terra e sujeitai-a”*. Este mandamento nunca foi revogado.

- Resposta (do outro ponto de vista): O mandamento foi dado no nascer da Criação, e mais uma vez depois do Dilúvio. Já não há necessidade de fazer o povoamento da terra.

2. As famílias grandes são um sinal da bênção de Deus: *“Eis que os filhos são herança do Senhor, e o fruto do ventre o Seu galardão. Como frechas na mão do valente, assim são os filhos na mocidade. Bem-aventurado o homem que enche deles a sua aljava; não serão confundidos, quando falarem*

com os seus inimigos à porta" (Sl 127.3-5 – ARC). "A tua mulher será como a videira frutífera aos lados da tua casa; os teus filhos como plantas de oliveira à roda da tua mesa. Eis que assim será abençoado o homem que teme ao Senhor" (Sl 128.3,4).

3. As crianças das famílias numerosas geralmente desenvolvem personalidades bem equilibradas, conseguem desfazer-se dos pontos de conflito, aprendem a pensar nos outros e não estão tão sujeitas a serem estragadas com mimos.

4. Onã é um exemplo nas Escrituras de alguém que praticou a contracepção e foi condenado por Deus (Gn 38.1-11).

- Resposta: Realmente não, o pecado de Onã foi ser egoísta e não querer desposar a viúva do seu irmão, tal como era exigido pelo costume dos levitas naquele tempo.

5. Paulo escreveu aos coríntios: *"Não vos defraudeis um ao outro senão por consentimento mútuo, por algum tempo, para vos aplicardes à oração, e depois ajuntai-vos outra vez, para que Satanás vos não tente pela vossa incontinência" (1 Co 7.5 – ARC).*

- Resposta: O assunto aqui é o ato sexual na vida matrimonial, o qual pode ou não envolver o uso de contraceptivos.

6. É através da maternidade que uma mulher encontra a sua principal vocação na vida. Desta forma é salva no que diz respeito à sua posição na Igreja (1 Tm 2.15). O papel de criar e educar uma descendência temente a Deus é tremendamente importante. Deus deseja que uma mulher tenha filhos e os eduque para a Sua glória (1 Tm 3.15; 5.14; Tt 2.4).

- Resposta: E as mulheres que nunca têm a oportunidade de casar e de ter filhos?

7. É Deus quem abre e fecha a madre (Gn 20.18, 29.31; 1 Sm 1.6), e Ele não delegou esta autoridade ao homem. Podem procurar em vão nas Escrituras qualquer sugestão ao controle da natalidade. Não existe nem um argumento a favor da contracepção que esteja baseado nas Escrituras.

Os que são a favor da contracepção

Vamos considerar os argumentos dos que defendem o controle da natalidade. Esta é uma área onde a Bíblia não apresenta uma legislação clara. Deus dá ao homem e à mulher casados a liberdade para procurar a Sua vontade nas suas vidas.

1. A explosão demográfica exige que haja medidas de controle. Diariamente morre um grande número de pessoas vítimas da fome e milhões estão subnutridos. Se não se resolver este problema haverá uma catástrofe mundial.

- Resposta: O problema não é devido à falta de alimentação, mas à ganância que impede que esta seja distribuída, e às falsas religiões que proíbem a ingestão de carne e outras formas de nutrição.

2. O número de crianças numa família deve ficar limitado ao nível financeiro dos pais. Não é muito honroso para Cristo pôr mais crianças no mundo do que aquelas de que se pode cuidar devidamente.

- Resposta: Deus tanto pode cuidar de uma família grande como de uma pequena. (Veja Mt 6.33; Fp 4.19)

3. Numa sociedade agrícola pode ser benéfico ter uma família numerosa onde os filhos possam ajudar no trabalho do sítio. No entanto, o caso é muito diferente para os moradores da cidade, possuidores de casas pequenas e apartamentos apertados.

4. O objetivo do casamento não é só a procriação. Deus quer que o seu povo goze o companheirismo e o prazer, e que alcancem a unidade.

5. É claro que a contracepção é necessária sempre que a saúde da mãe estiver ameaçada. Sendo apropriada nesse caso, não o seria sempre?

6. Alguns sentem que é indesejável trazer crianças a um mundo de pecado, violência e miséria.

- Resposta: A misericórdia do Senhor passa de uma geração para a outra (Sl 103.17).

7. O debate é acadêmico. Parece que todos praticam o controle da natalidade de uma forma ou de outra, pois já não se vêem muitas famílias de 17, 18 e 19 pessoas.

- Resposta: O fato de todos o fazerem não significa que esteja certo.

8. Uma consideração final. Apesar da Bíblia não ensinar explicitamente a contracepção, ela ensina que o *domínio próprio* é um dos frutos do Espírito (Gl 5.23).

Aqui ficam então alguns dos argumentos a favor e contra. Qual é a resposta final? A resposta é que o casal – marido e mulher – deve levar estes argumentos em conjunto à presença do Senhor, orando para que Ele lhes mostre claramente o caminho que devem seguir. Deve-se admitir que há crentes sinceros e espirituais defendendo ambos os lados da questão. Quando isto acontece é melhor não ser dogmático em demasia, ou forçar os outros a aceitar as nossas convicções. Devemos admitir que ambos os lados têm bons argumentos e dar valor aos opositores pelo fato de fazerem o que pensam estar certo aos olhos de Deus.



Capítulo 29

Política

SERÁ QUE um crente deve se envolver na política?

Os que respondem afirmativamente citam sempre o ditado tão familiar: “Tudo o que é necessário para que o mal triunfe, é que os homens bons não façam nada”. Se isso não encerrar a questão, apontam José, Moisés e Daniel como exemplos de crentes que se envolveram no sistema político.

Apesar do ditado parecer convincente, devemos lembrar-nos que é apenas uma afirmação da sabedoria humana, não uma revelação divina. Não podemos dar-lhe a autoridade das Escrituras. Quanto a José e Daniel, nunca concorreram a cargos públicos, mas foram apenas funcionários. Moisés pertenceu mais à oposição do que ao próprio governo.

A resposta bíblica

Se alguém procurar a resposta na Bíblia, o que encontrará?

O Senhor Jesus não se envolveu em política. O que aconteceu foi que Ele teve um relacionamento completamente adverso com o sistema.

Os discípulos não se envolveram em política. Será que perderam o melhor que Deus poderia lhes dar ao concentrarem-se apenas em espalhar o Evangelho?

O Apóstolo Paulo não se envolveu em política. A fidelidade que demonstrou quanto à sua chamada e à sua mensagem lhe rendeu a oposição da sociedade farisaica.

Jesus ensinou que o Seu reino não pertence a este mundo (Jo 18.36). Ele disse aos seus irmãos incrédulos que *"o mundo não vos pode aborrecer, mas ele me aborrece a mim, porquanto dele testifico que as suas obras são más"* (Jo 7.7 – ARC).

O apóstolo João recorda-nos que *"todo o mundo está no maligno"* (1 Jo 5.19). A política faz parte do sistema do mundo.

Para podermos influenciar o mundo temos que nos separar dele (2 Co 6.17). Arquimedes disse que poderia mover o mundo se encontrasse um ponto de apoio fora dele. Precisamos nos colocar fora do sistema do mundo se quisermos movê-lo em direção a Deus.

Paulo insistiu que *"ninguém que milita se embaraça com negócios desta vida"* (2 Tm 2.4). Todos os crentes estão (ou deveriam estar) no serviço ativo. Não podem consentir em ser distraídos por nada.

A política é corrupta. É um sistema de compromissos duvidosos. As decisões muitas vezes são tomadas baseadas no que é conveniente e não no que é correto. Rege-se mais por princípios humanos do que divinos. O falecido Senador Vandenberg, de Michigan disse: *"A política é corrupta por natureza. A Igreja nunca deve esquecer a sua verdadeira função, tentando participar numa área de assuntos humanos onde só poderá ser uma fraca concorrente... Se o fizer, perderá a sua pureza e o seu propósito"*.

O Projeto Banana

A solução de Deus para o mundo não é política, mas espiritual. A Sua resposta não é a eleição de um novo presidente, mas sim o novo nascimento. A política não é mais do que um curativo rápido, temporário, colocado em cima de um tumor. As nossas ordens de marcha são: *"Deixa aos mortos o enterrar os seus mortos; porém tu vai e anuncia o Reino de Deus"* (Lc 9.60). A história da casca da banana coloca tudo na verdadeira perspectiva.

Uma vez um homem tinha um trabalho muito importante ligado à área editorial e era responsável pela publicação e distribuição de milhares de obras literárias. Certo dia ia a caminho do trabalho, quando passou numa certa esquina da cidade onde encontrou uma casca de banana no passeio. Sabendo do perigo que isso representava, prontificou-se a dar-lhe um chute que a atirou para a sarjeta onde não seria mais um perigo para ninguém. No entanto, começou a pensar que poderia haver mais cascas de banana espalhadas pelos passeios daquela enorme cidade. Suponham que houvesse uma que não tinha sido atirada para a sarjeta e que poderia ser pisada por alguém. Talvez devesse perder algum tempo para procurar cascas de banana escondidas pelas ruas da cidade, pois alguém poderia fraturar alguns ossos. Muitos poderiam ser poupados do incômodo de ir para o hospital. Mas, um momento – ele já tinha a sua própria responsabilidade. Era uma personalidade importante na sua área. A sua responsabilidade era manter as impressoras em funcionamento e enviar mensagens até aos confins do mundo. Com relutância abandonou o projeto da casca de banana, trocando-o por um outro mais essencial. Os homens da limpeza que tratam das cascas de banana. Esse era o trabalho deles.

Agora façamos a aplicação. O crente tem a maior responsabilidade do mundo, ou seja, publicar as boas notícias do Senhor Jesus Cristo. Este é um assunto muito importante para o crente. Se ele não o fizer, nunca será feito. Foi por isso que Jesus disse: *“Procurai primeiro o Reino de Deus e a Sua justiça”*. Muitas pessoas estão se envolvendo na política... mas Deus incumbiu-nos da tarefa abençoada de espalhar o Evangelho aos homens e mulheres moribundos. Pode haver outros projetos merecedores de atenção, mas se falharmos em cumprir este, ninguém tomará o nosso lugar.

O propósito de Deus para esta Era não é tornar o mundo em um lugar melhor para viver, mas chamar um povo para o Seu nome de todas as nações (At 15.14). Devemos trabalhar

com Ele para alcançar este objetivo. Jowett disse bem: "Somos sócios de Deus na redenção do mundo. Esta é a nossa tarefa... ungir homens no Nome do Senhor para a grandiosidade da vida, para a soberania sobre o ego, para o serviço do reino". E continua lamentando a tragédia dos que não conseguem apreciar a sua importante chamada, que se ocupam com o supérfluo, os que se arrastam em lugar de voarem e os que são escravos em vez de reis.

A principal cidadania do crente é celestial (Fp. 3.20). Ele é um peregrino e um estrangeiro neste mundo (1 Pe 2.11). Apesar de ter a responsabilidade de obedecer ao governo e o direito de usar os seus processos judiciais, não é obrigado a pertencer ao sistema.

Se eu participar em reuniões políticas, estou dando o meu voto de confiança à sua habilidade para resolver os problemas do mundo. Não tenho razões para essa confiança depois de séculos de fracasso político.

O tom geral do Novo Testamento é afirmar que a situação não ficará melhor (1 Tm 4.1-3; 2 Tm 3.1-5). Isso torna muito mais urgente a responsabilidade do crente em relação à grande Comissão.

Tudo isto significa que os crentes devem adotar uma atitude de não fazer nada? Não! O que queremos dizer é que podemos fazer mais através da oração do que poderíamos através dos votos. Mantemos o equilíbrio do poder através da oração. Podemos influenciar os destinos das nações através da oração. *"Porque as armas da nossa milícia não são carnis, mas sim poderosas em Deus, para destruição de fortalezas"* (2 Co 10.4).

Ainda não chegou o tempo dos cristãos governarem (1 Co 4.8). A vida é uma época de treino para futuramente podermos governar. William Kelly disse:

Sempre que os cristãos se envolveram no governo do mundo foi para Sua desonra e para vergonha de si mesmos. Agora são chamados para sofrer com Cristo, mais tarde rei-

narão com Ele. De fato Ele ainda não utilizou o Seu grande poder para reinar. Ele está sentado no trono de Seu Pai, como o Cristo rejeitado pela Terra, esperando a Palavra de Seu Pai para executar o julgamento e Se sentar no Seu próprio trono (Ap 3.21).

Ao mesmo tempo que escrevia estas linhas recebi um artigo de jornal que apóia a posição de Kelly, dizendo:

Van Dyke, um crente nascido de novo, era uma figura controversa. A sua carreira política foi marcada pelo escândalo. Ele quase foi expulso pela Legislatura em 1984 por usar literatura fraudulenta numa campanha política. A comissão de exposição pública multou-o em 500 dólares e a Legislatura exigiu um pedido de desculpas.

Vale a pena ponderar na afirmação de Kelly: “Sempre que os cristãos se envolveram no governo do mundo foi para a desonra de Cristo e para vergonha de si mesmos”.

Egocentrismo, a Traição Dentro de Nós

NA BUSCA da santidade, há poucas coisas mais debilitantes do que a ocupação com a nossa própria pessoa. Os que olham para o seu interior em busca de vitória estão olhando para o lugar errado, convidando ao desapontamento, ao desencorajamento e à derrota.

O mundo dá realce ao homem e ao potencial humano. Num desejo patético de reconhecimento, popularidade e de ser aceito, a igreja dirigida ao ego segue o mesmo caminho, pregando o humanismo secular levemente disfarçado de linguagem evangélica. As editoras religiosas apressam-se a produzir um grande número de novos livros sobre auto-estima. Numa simples visita a uma livraria cristã, encontrei os títulos seguintes:

Ame-se a Si Próprio

A Arte de Apreender a Amar a Si Mesmo

Auto-Estima, A Força Dinâmica para o Sucesso

Se eu estou BEM, Tu Estás BEM

Quem Disse Que Eu Estou Bem?

A Verdadeira Imagem do Eu

Faça Amizade Com a Sua Sombra

A Arte de Compreender a Si Mesmo

Compreender o Passado é a Chave do Futuro

Os Meus Lindos Sentimentos

Pode Sentir-se Bem Consigo Mesmo

30 Dias Para um Eu Menos Tenso

Tu és Uma Pessoa Especial

Eu Tenho Mesmo Que Ser Eu? (Manual para aprender a viver consigo mesmo e gostar de si)

Nas prateleiras só encontrei uma voz fraquinha de protesto em surdina, intitulada: "Deixe de Preocupar-se Consigo".

Uma grande parte do aconselhamento moderno concentra-se no ego da pessoa. O paciente é aconselhado a examinar a sua educação (ênfatisando as falhas colossais dos seus pais), os seus pensamentos, os motivos, medos, aflições e inibições (especialmente da área sexual). Ao falar dos seus problemas, numa sessão de aconselhamento não-dirigida, as respostas aparecem - ou pelo menos é isso que se afirma.

O mundo é um asilo de loucos

O dramaturgo norueguês Ibsen conta-nos a história de Peter Gynt que foi para um hospital de doentes mentais e ficou surpreendido ao ver que ninguém parecia louco. Todos eles falavam de forma tão sensata e discutiam os seus planos com tal precisão e preocupação, que Peter ficou certo de que eram sãos. Quando falou no assunto ao médico, este respondeu-lhe: "São loucos. Admito que até falam de modo muito sensato, mas estão sempre falando de si mesmos. Estão muito inteligentemente obcecados consigo mesmos. Só falam disso, de manhã, à tarde e à noite. Nunca conseguimos fugir do eu. Arrastamo-lo conosco, mesmo nos nossos sonhos. É verdade jovem, somos muito sensatos quando falamos, mas realmente somos loucos".

O mundo é muito semelhante ao hospital que Peter Gynt visitou. Parece bastante normal até nos apercebermos que está obcecado consigo mesmo. Fala exclusivamente sobre os seus sentimentos, a sua política, as suas guerras, os seus orçamentos, o seu dinheiro. Deus, a parte mais importante da existência, nunca é mencionada.⁸

É característico das pessoas que sofrem de perturbações mentais, nervosas ou emocionais terem o ego como centro e objetivo das suas vidas. As técnicas de aconselhamento que as encorajam a fazer introspecção servem apenas para intensificar o sofrimento. Já devem ter ouvido o provérbio: “Os neuróticos são pessoas que constroem castelos no ar; os psicóticos são os que vivem neles; e os psiquiatras são os que recebem a renda”.

O homem infeliz do Salmo 77

Há duas passagens clássicas da Bíblia que se encontram relacionadas com o culto do eu e o seu remédio. A primeira encontra-se no Salmo 77, a qual Bullinger esquematizou da seguinte forma:

- Preocupação consigo mesmo, v. 1-6
 - O resultado certo: Tristeza, v. 7-9
 - Ocupação com Deus, v. 10-12
 - O resultado certo: Felicidade, v. 13-20
- Alguém deu títulos a estas quatro seções:

- Suspirando
- Afundando
- Cantando
- Subindo

Na primeira metade do Salmo, Asafe está sofrendo com o problema do “eu”, ou de uma *overdose* de “vitamina Eu”. Ele fala mais de si próprio do que fala de Deus. O salmista fica tão obcecado consigo mesmo que até questiona a bondade, a graça e a misericórdia do Altíssimo.

Na segunda metade, Asafe fixa os olhos no Senhor. Agora, fala mais de Deus do que dele mesmo.

O homem miserável de Romanos 7

A segunda passagem bíblica encontra-se em Rm 7.9-25. Depois de falar muito de si mesmo, Paulo geme: “Miserá-

vel homem que eu sou!" Ele não encontra vitória em si, mas afirma com confiança: *"Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum"*. No entanto, no final do capítulo desvia a atenção de si e encontra vitória no Senhor Jesus Cristo.

Procurar a vitória dentro de nós é como lançar a âncora dentro de um barco, uma garantia de naufrágio espiritual.

O rei de Israel percebeu que precisava de alguém maior do que ele e disse: *"Desde o fim da terra clamo a Ti, por estar abatido o meu coração; leva-me para a rocha que é mais alta do que eu"* (Sl 61.2 – ARC), a Rocha que é Deus.

A ocupação com o ego faz com que sejam esquecidas as bênçãos de Deus e que não nos sintamos gratos por elas. Causa paralisia para o serviço eficiente reduzindo o poder de concentração e a qualidade do trabalho. E faz-nos ficar tremendamente insensíveis às necessidades dos outros.

O escravo egoísta

A pessoa egoísta é um escravo das suas próprias emoções e sentimentos. Em relação aos outros não é uma boa companhia, pois quer despejar a sua ladainha de mágoas em cima de um número infundável de amigos e conselheiros, desejando ter uma audiência, mas desprezando os conselhos. Tem uma vontade de ferro que resiste à mudança e recusa aceitar a vontade de Deus. Ele é como o povo que o Senhor descreve em Ezequiel 33.31-32:

"E eles vêm a ti, como o povo costuma vir, e se assentam diante de ti como meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra; pois lisonjeiam com a sua boca, mas o seu coração segue a sua avareza. E eis que tu és para eles como uma canção de amores, canção de quem tem voz suave, e que bem tange; porque ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra" (ARC).

Vamos terminar aqui a patologia do "eu-ismo", ou egoísmo. Como é que alguém pode vencê-la?

Cinco passos para a libertação

Primeiro, pode desviar a atenção de si próprio e ocupar-se com Cristo (2 Co 3.18). É ao contemplá-LO que chegamos a transformar-nos à Sua semelhança. Mil exemplares bons do ego não valem uma versão de Cristo. Ou, colocando a questão de outra forma, um “eu” santificado é um paupérrimo substituto para Cristo glorificado. Pode-se orar continuamente:

Ó para ser salvo de mim mesmo, Senhor
Ó para perder-me em Ti.
Ó dessa forma que não seja mais eu
Mas Cristo que vive em mim.
(A.B. Simpson)

Deve-se recordar a fórmula verdadeira: a ocupação com o ego produz angústia. A ocupação com o próximo produz desânimo. A ocupação com Cristo produz felicidade.

Paul Van Gorder escreve:

O tipo de atitude que devemos ter pode ser observado na história seguinte. Depois de uma execução da Nona Sinfonia de Beethoven, a platéia ovacionou prolongadamente o maestro Arturo Toscanini e aos músicos. Toscanini, cheio de emoção, virou-se para os seus músicos e sussurrou: “Eu não sou nada, vocês não são nada”. Depois, quase que falando em adoração, Toscanini disse: “Mas Beethoven é tudo”.

Mas alguém pode discordar dizendo que é necessário ter um pouco de auto-estima, e que a Bíblia até o recomenda. É verdade. Contudo, deve seguir-se a regra de McCheyne: “Para cada vez que olhar para si mesmo, olhe dez vezes para Cristo”. É como diz um velho hino: “Que bom é fugir de nós mesmos para nos abrigarmos no Salvador”.

O segundo passo a seguir é ter uma visão bíblicamente equilibrada de si mesmo. Por um lado perceber que é salvo

pela graça de Deus, perdoado, justificado e feito idôneo para ganhar o Céu. O crente fica diante de Deus sendo totalmente aceito, tal como o Seu Filho amado. Ele está completo em Cristo, é um co-herdeiro de Deus e de Jesus Cristo. É uma criação única de Deus e tem um papel distinto para cumprir na vida. Ele tem grande valor para Deus e isso o faz desejar ser tudo o que puder para Jesus.

Por outro lado, o crente reconhece que em si e por si não é nem pode nada (2 Co 12.11; Gl 6.3), e que na sua carne não habita bem algum. Não procura o bem em si mesmo, e nunca se sente desapontado por não encontrá-lo em si.

Uma terceira sugestão. A pessoa egoísta deve perder-se numa vida de serviço para outros. Os que se sentem realizados estão tão absorvidos em auxiliar outros que nem têm tempo para pensar em si mesmos. A realização provém mais da auto-negação do que da preocupação consigo mesmo. Foi isso que Jesus quis dizer ao afirmar: *"Quem ama a sua vida perdê-la-á, e quem neste mundo aborrece a sua vida guardá-la-á para a vida eterna"* (Jo 12.25 – ARC). Quando perguntaram ao psiquiatra Karl Menninger o que faria se soubesse que ia ter um esgotamento nervoso, ele respondeu: "Procuraria alguém em piores condições do que eu e tentaria ajudá-lo".

Ele não perde tempo desejando ser outra pessoa. Apesar da aparência física, das incapacidades, das habilidades limitadas, ele aceita-se a si próprio tal como Deus o aceitou, dizendo: *"Pela graça de Deus, sou o que sou"* (1 Co 15.10a). Se há coisas na vida que não podem ser mudadas, ele as aceita e assim encontrará a paz. Nas áreas da vida que são estabelecidas pela soberania divina, as queixas são pecado e desejar algo diferente é futilidade.

Por fim, deve evitar as coisas que o tornem introspectivo – quer sejam livros sobre como aumentar a auto-estima, seminários sobre o assunto, ou pensamentos e aconselhamento destinados ao auto-exame, em vez de serem dirigidos para Deus. O principal objetivo é esquecer-se de si próprio e concentrar-se no Senhor, que é digno dessa concentração.

Guarde Tempo Para Ser Santo

É MUITO interessante como William D. Longstaff conseguiu combinar os aspectos básicos de uma vida santa em quatro versos de um hino inglês. Pode ser cantado freqüentemente sem se observar como é perceptivo e completo. Ao fechar o nosso estudo sobre a santidade cristã, vamos examiná-lo linha por linha para ver como abrange a maior parte dos assuntos principais que consideramos nos capítulos anteriores.

Guardem tempo para ser santos. Uma vida santa deve ser cultivada, pois não é um produto momentâneo. Numa era em que tudo é instantâneo, somos tentados a pensar que uma simples experiência relâmpago pode produzir um passo gigantesco em direção à santificação. Não é assim. É a experiência de Cristo vivendo em nós, momento a momento. Tal como Vance Havner disse: “Demora muito para nos tornarmos santos, além de não termos tempo! Feliz da alma que reacende o fogo de uma simples fé, recusa vender-se aos promotores do progresso e ainda procura as velhas sendas para descansar”.

Falem constantemente com o seu Senhor. Sem oração, não há santidade. A oração transforma não apenas coisas, mas também pessoas. Não deve ser intermitente, mas freqüente. Não deve ser casual, mas seriamente honesta. Não deve ser forçada, mas cheia de força.

Habitem sempre nEle. Habitar fala de continuação, especialmente de uma vida de obediência à Palavra de Deus. Isso produz um aprofundamento constante do conhecimento do Salvador e um aumento permanente da semelhança

a Ele. Jesus disse: *"Se guardardes os meus mandamentos permaneceréis no meu amor, do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e permaneço no Seu amor"* (Jo 15.10).

Alimentem-se da Sua Palavra. Devemos ler, estudar, decorar, meditar e obedecer à Bíblia. Jeremias alimentou-se da Palavra de Deus e ela tornou-se a alegria e o regozijo do seu coração. O salmista alimentou-se dela e descobriu que ela o impedia de pecar. Nós nos alimentamos dela e descobrimos que *"é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça"* (2 Tm 3.16).

Façam amigos entre os filhos de Deus. A comunhão com os santos tem uma influência tremendamente santificadora nas nossas vidas. Assim como as más companhias corrompem os bons hábitos, também a boa comunhão fortalece o padrão divino de comportamento.

Ajudem os fracos. Podemos ir mais longe para descrever uma vida de serviço para o Senhor e para o próximo. Já vimos que a ociosidade é uma armadilha. As tentações são mais fortes quando não estamos envolvidos ativamente na obra de Deus.

Nunca esqueçam de pedir a Sua bênção em tudo. Um dos testes da conduta cristã é: "Posso curvar a cabeça e pedir a Deus que o abençoe?" Façamos o que fizermos, devemos fazê-lo para a Sua glória e com o único e puro desejo de Lhe agradar. Ele só pode abençoar o que estiver de acordo com a Sua própria santidade. Guardem tempo para ser santos, o mundo se apressa. Wordsworth tinha razão:

O mundo está demasiado perto de nós. Mais cedo ou mais tarde, adquirindo e gastando, acabamos desperdiçando as nossas forças.

Passem muito tempo em segredo, a sós com Jesus. W. Graham Scroggie incitou-nos: "Isolem-se com o propósito de serem abençoados". As pessoas mais santificadas são as que

meditam muito na Palavra de Deus. Se não tivermos raízes profundas no Senhor, a nossa vida será superficial.

Olhando para Jesus seremos como Ele. Há quase dois mil anos, o apóstolo Paulo escreveu: *“Mas todos nós, com cara descoberta, refletindo como num espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na mesma imagem como pelo Espírito do Senhor”* (2 Co 3.18 – ARC). Em outras palavras, somos transformados à Sua imagem quando O contemplamos.

Os vossos amigos verão a vossa semelhança com Ele pela vossa conduta. Quando Moisés desceu do Sinai, a sua face estava iluminada. Quando os líderes de Israel viram a coragem de Pedro e João, perceberam que aqueles homens rudes e iletrados, tinham estado com Jesus. Ao vivermos em íntima comunhão com o Salvador, os que nos rodeiam verão em nós o reflexo da Sua semelhança moral em nós.

Guardem tempo para ser santos, deixem que Ele seja o seu guia. Isto significa mais do que entregar o controle da nossa vida ao Senhor. Significa trocar a nossa vontade pela dEle. Significa confiar na Sua visão e não na nossa.

E aconteça o que acontecer, não avancem sem Ele. Quando a direção divina não vem imediatamente, a reação natural é agir impulsivamente. Assim como um cavalo impaciente bate com os cascos na calçada, tomamos os assuntos nas nossas mãos. Impacientes com a demora, precipitamos a resposta. O resultado inevitável é cairmos em tristeza (Is 50.11).

Quer na tristeza quer na alegria, sigam o Senhor. A piedade deve ser independente das circunstâncias e liberta de altos e baixos. Por isso John Wesley orava: “Senhor, cura-me da minha piedade intermitente e faz de mim um cristão completo”.

E olhando para Jesus, confiem na Sua Palavra. O poeta continua a voltar à Palavra de Deus, sabendo que a Bíblia é o instrumento que Deus usa para purificar e santificar o Seu povo. Aqui adota os sentimentos do autor do Salmo 119.

Guardem tempo para serem santos, sejam calmos na vossa alma. A vida santa é uma vida de paz, equilíbrio e tranqüilidade. A fé liberta-nos da agitação, do pânico e do mau humor. Se confiarmos verdadeiramente, nunca nos preocuparemos.

Cada pensamento e cada estado de alma sob o Seu controle. Davi orou assim: *"Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece os meus pensamentos. E vê se há em mim algum caminho mau, e guia-me pelo caminho eterno"* (Sl 139.23-24 – ACF).

Busca, nos meus pensamentos, as fontes secretas,
Os motivos que os controlam;
As câmaras onde as coisas poluídas
Reinam sobre a minha alma.

Assim guiados pelo Seu Espírito para as fontes de amor, **logo estareis capacitados para o serviço celestial.** Esta é outra forma de dizer que, quando reservarmos tempo para sermos santos, gozaremos constantes bênçãos nesta vida, e seremos preparados para o serviço eterno nas mansões da glória. Foi o que Paulo disse a Timóteo: A piedade tem *"a promessa da vida presente e da que há de vir"* (1 Tm 4.8).



Palavras Finais

Embora ser santo possa ser o mandamento esquecido, não o deveria ser. A sua posição é muito importante entre os mandamentos do Senhor. Não foi dado como sugestão ou até como opção, mas como imperativo. Tal como todos os Seus mandamentos, foi dado para o nosso bem e não para o Seu bem.

Não há objetivo mais elevado do que ser como o Senhor Jesus. Nada pode fazer mais efeito para Deus nesta Era de fatos, do que uma vida santa. Ela dá crédito ao Cristianismo, glorifica a Deus e beneficia o crente. Por outro lado, nada pode trazer mais vergonha e desonra ao nome do Senhor do que o descrédito causado por um santo, quando peca.

Nada deveria nos motivar tanto para a santidade como o amor de Cristo, o preço pago por Ele pela nossa salvação, a graça que derramou sobre nós. Além disso, o pecado interrompe a comunhão com Deus, faz outros tropeçarem e sela os lábios.

A santidade é um processo, não um empreendimento realizado. Nunca seremos absolutamente santos até vermos a face do Salvador, mas até lá devemos tornar-nos cada vez mais semelhantes a Ele.

Nesta batalha contra o mundo, a carne e o Diabo, precisamos nos revestir da armadura do soldado cristão. Em suma, essa armadura é um caráter cristão justo. Desde que usemos essa armadura, os nossos inimigos não têm muito para onde atirar.

Só Deus pode nos tornar santos, mas não o faz sem a nossa cooperação. Ele deu-nos certos princípios para nos guiarmos. Ao praticá-los, o Espírito transforma-nos levando-nos de um nível de glória para outro. Alguns dos pré-requisitos são a confissão, a restituição, a rendição, o estudo da Bíblia, a

oração, a comunhão com outros crentes, o serviço do Senhor, e um corpo e uma mente disciplinados.

A santidade está relacionada com a nossa vida sexual, a maneira como falamos, o nosso gênio e a forma como nos vestimos. De fato, que área da vida não se relaciona com a santidade?

Todos os crentes deveriam se abalar ao ler que, sem santidade, ninguém verá o Senhor (Hb 12.14). Isso inclui certamente a santificação posicional que a pessoa recebe ao confiar no Salvador. Mas também abrange a santidade prática que é sempre o resultado da conversão genuína.



Notas

- **Capítulo 13**

- 1 Do autor de *Enjoying the Psalms* (Kansas City, KS: Walterick Publishers, 1977), Vol. 1, p. 238-40. Usado com permissão.

- **Capítulo 18**

- 2 Citado por J. Oswald Sanders em *The Best That 1 Can Be* (Singapore: OMF Boosks, 1965), p. 110, 111.
- 3 Citado em *1200 More Notes, Quotes and Aneodotes* por A. Naismith, p. 93.

- **Capítulo 25**

- 4 A história é verdadeira; o nome Kevin Baker é ficção.

- **Capítulo 26**

- 5 A nossa palavra *farmácia* é apenas uma forma desta palavra.
- 6 Este capítulo é do livro *Doing Time With Jesus*, um curso por correspondência de Emmaus, do mesmo autor, Emmaus Bible College, 1985.

- **Capítulo 27**

- 7 Este capítulo é de *Gambling and Drinking*, de William MacDonald, Arthur Wilder, e Donald Norbie, publicado por Everyday Publications, Scarborough, Ontario, Canadá, 1980.

- **Capítulo 30**

- 8 Eugene H. Peterson, *Travelling Light* (Downer's Grove, IL: InterVarsity Press), p. 69-71.



ACTUAL
EDIÇÕES

Caixa Postal 1688
90001-970 • Porto Alegre/RS • BRASIL
Fone: (51) 3241.5050 • Fax: (51) 3249.7385
www.chamada.com.br • pedidos@chamada.com.br

Outros livros de **William MacDonald**



O grande pregador inglês Charles Haddon Spurgeon disse-o bem: “Em projeto, em tamanho, em número, em excelência, todas as obras do Senhor são grandiosas. (...) Aqueles que amam seu Criador têm prazer nas obras das mãos d’Ele; eles percebem que há mais nelas do que se pode ver em sua superfície, e, portanto, eles inclinam suas mentes para estudá-las e entendê-las. O naturalista devoto esquadrinha a natureza (...) e ajunta cada grão de sua verdade de ouro”.

Neste livro fascinante e de uma leitura tão agradável, o autor apresenta um conjunto de evidências – da criação, da providência e da redenção – de que Deus é a Pessoa mais maravilhosa do universo. Conheça-O melhor, ame-O mais através deste emocionante drama da vida real que está ao nosso redor.

pedidos: ☎ 0500 789.5152 • www.Chamada.com.br

[80 págs. • 13,5 x 19,5 cm]



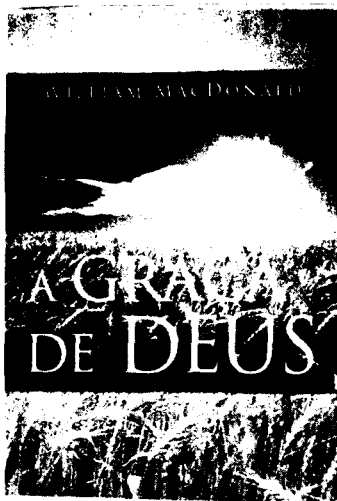
Esta obra é um plano de batalha que chama a Igreja à ação. Ela abrange tópicos como: o reino das trevas e o seu imperador maligno, o Rei Jesus e o Reino que realmente interessa, o que o mundo oferece, as armas de nossa guerra.

No capítulo 17 do Evangelho de João, Jesus intercedeu junto ao Pai por Seus filhos que *"continuam no mundo..."* (v. 11), dizendo: *"Eles não são do mundo, como também eu não sou. Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade"* (v. 16-17). O autor ressalta, à luz dessa Palavra, aquilo que se espera dos que estão aqui de passagem, e que *"buscam cidade permanente que há de vir"* (Hebreus 13.14).

Quando alguém começa a perceber o quanto a graça de Deus fez por ele, toda sua vida é mudada. Ele jamais voltará a ser o mesmo.

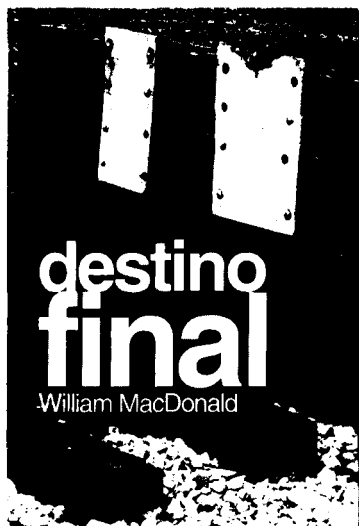
Ele é tomado por um sentimento de indignidade pessoal, mas, juntamente com ele, surge uma profunda convicção da suprema dignidade do Senhor. Aquele que experimenta a graça de Deus, instintivamente cai de joelhos e reconhece que toda a glória pertence a Ele.

Além desse impulso interior de adorar o Senhor, o crente se depara com a inequívoca conclusão, de que a única coisa que ele pode fazer agora é entregar-se totalmente ao Senhor – espírito, alma e corpo. Para alguém que experimentou a graça de Deus nenhum sacrifício é demais.



[80 págs. • 13,5 x 19,5 cm]

super evangelístico



13,5 x 19,5 cm - 32 pág.

A vida é incerta. Todo dia pessoas se levantam e vão trabalhar sem pensar que antes do anoitecer poderão se encontrar com Deus. Hoje alguns deixarão o planeta terra devido a um ataque cardíaco, um acidente ou um assalto violento. Há inúmeras possibilidades de morte súbita.

Por essa razão cada pessoa consciente deveria pensar sobre onde irá quando morrer e onde passará a eternidade.

Qual será o seu destino final?

Este livreto vai ajudá-lo a descobrir. Leia-o cuidadosamente. Ele poderá mudar a sua vida e o seu destino – para sempre.

todo
colorido

papel
especial

compartilhe esta jornada

baixe GRÁTIS e distribua



slideshow
e vídeo



eLivro



papéis de
parede



audiolivro

www.DestinoFinal.com.br

O Mandamento Esquecido: "Sejam Santos"!

Uma vida moldada por Cristo – uma vida em santidade – seria uma utopia? **Como posso dar um testemunho cristão digno de crédito?**

William MacDonald responde esta pergunta, provando que as diretrizes de Deus para uma vida santificada de Seus filhos podem ser plenamente cumpridas por eles, na vida real.

25 anos após ter escrito "O Discipulado Verdadeiro", o autor lançou mais este livro desafiador, que questiona nossas atitudes nas mais diversas situações do dia-a-dia e, ao mesmo tempo, nos indica o caminho correto a seguir.

William MacDonald (07/01/1917 – 25/12/2007) viveu na Califórnia-EUA, onde desenvolveu seu ministério. Sua ênfase era de ressaltar, com clareza e objetividade, os ensinamentos bíblicos para a vida cristã, tanto nas suas pregações como através dos mais de oitenta livros que escreveu. No Brasil, uma de suas obras mais conhecidas é o "Comentário Bíblico Popular", além de "O Discipulado Verdadeiro", considerado um clássico cristão.



ACTUAL
EDIÇÕES

Caixa Postal 1688
90001-970 • Porto Alegre/RS • BRASIL
Fone: (51) 3241.5050 • Fax: (51) 3249.7385
www.chamada.com.br • pedidos@chamada.com.br

ISBN 978-85-7720-060-3



9 788577 200603